



Brasil, corpo e alma

- uma leitura esotérica -



Sérgio Motti Trombelli

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Sérgio Motti Trombelli

BRASIL
Corpo e Alma
- uma leitura esotérica -

Sumário

Ao leitor (leia isto antes de mais nada)

PARTE I

I . Colocando o problema

II . Sem medo da Inquisição... hoje

III . As utopias medievais

- A Fartura
- O Santo Graal
- O reino do Preste João
- Navegar é preciso

IV e Portugal virou o Templo

- Os Templários – A história conhecida
- Os Templários – misticismo e conhecimento científico
- Os Templários – o surgimento da Ordem de Cristo

V . Era a hora de um Mundo Novo

- O Novo Mundo não era tão novo
- Por fim chegou Colombo
- Entendendo um pouco mais este Cristóvão.

VI . No meio do caminho havia um Brasil,

Havia um Brasil no meio do caminho

- Brasil , um espaço místico entre dois mundos: ocidente e oriente
- Hy Brasil, o paraíso é aqui
- Os números do descobrimento

PARTE II

I- Brasil, país do futuro, quando ?

II- Predestinação do Brasil

- A carta de Caminha
- A carta de Mestre Joanes
- Pietro Ubaldi e o sentido maior do que seja profecia

III - Brasil, corpo e alma

- O sonho de Dom Bosco
- O itinerário de IO
- As terras de O Fu Sang

IV- O percurso até aqui

V- O misticismo no planalto Central

- As sociedades iniciáticas em tudo
- A Maçonaria no Brasil

VI- Como a Maçonaria se ligou à Brasília ao longo do tempo

- Brasília, uma pomba no Planalto Central

VII – A política como instrumento da filosofia maçônica

VIII – Conclusão inconclusa

IX – Bibliografia

*O homem luta por si mesmo, mas é a onda da história, ao invés,
que o arrasta para onde ela quer e só ela sabe.
Quem compreendeu isso, tem a sensação tremenda
da presença viva de Deus na História:*

um Deus que respeita a liberdade individual, mas jamais lhe permite ultrapassar o limite que lhe foi designado, alterando assim Seus planos. Quem se tornam , então, os grandes homens comparados com isso ? Podem eles seguir, livres e responsáveis , a própria vontade. Mas, são escolhidos e lançados de tal modo que seu rendimento social e sua função histórica atuem de acordo com a vontade dirigente de Deus”.

Pietro Ubaldi

Ao leitor, leia isto antes de mais nada

“Enquanto o Tudo está n’O TODO, é também verdade que O TODO está em Tudo”

O Caibalion

“Toda Causa tem o seu Efeito, todo Efeito tem a sua Causa; tudo acontece de acordo com a Lei;o Acaso é simplesmente um nome dado a uma Lei não reconhecida ; há muitos planos de causalidade,porém nada escapa à Lei”

O Caibalion

Neste exato momento , uma pessoa qualquer num cantão de mundo está plantando uma partida de arroz que daqui a alguns meses irá saciar a sua fome, leitor amigo. E não é só isso : alguém estará neste momento fazendo uma pesquisa médica que poderá salvá-lo daqui a alguns anos, ou até mesmo alguém está fabricando tijolos que erguerão a sua casa própria. E mais : pode ser que um imenso astro esteja vindo em nossa direção e todos os seus , os meus, os nossos planos futuros não servirão de mais nada.

Aqueles que foram trabalhar no fatídico 11 de setembro nas torres gêmeas de Nova Iorque jamais poderiam pensar que suas vidas seriam ceifadas como foram. E a idéia de explodi-las começara antes, muito antes...

Em suma, as coisas que ocorrem, seja qual for o lugar, acabam se interligando a tantas outras coisas ou pessoas sem que saibamos como ou por quê. Aos agnósticos, céticos, isto é assim mesmo, é normal e nada pode ser feito, ou até mesmo pensado a respeito: é a vida, como costumam dizer...

Entretanto, para alguns, talvez como você e nós, há algo mais do que esta “simples simplicidade”. Para nós, há em verdade uma Inteligência Universal que paira, atemporal e onipresentemente em tudo o que existe e acontece. É como se um Espírito, um fogo criador, uma força, impregnasse este espaço/tempo gerando uma harmonia por vezes desapercibida daqueles que não sabem ler esse mesmo TODO

Hermes Trimegisto talvez tenha sido o primeiro a afirmar, no antigo Egito, esta concepção de entender o mundo e as ações que nele ocorrem: há leis, que organizam tudo o que aí está, cumprindo assim um propósito preestabelecido que dá sentido à vida. “Simples coincidência”, “obra do acaso”, contudo, o acaso nada mais é do que o desconhecimento dos porquês. A palavra acaso deriva do latim *ad-cado* que significa “caído em” ou “caído a”, como um lance de dados que caem aleatoriamente.

Mas, como aceitar que cada evento neste mundo seja algo vindo do nada e cada ação seja única e primeira? As ações, inclusive as do nosso cotidiano, fazem parte de uma cadeia de causas e efeitos que se sucedem dentro do TODO, e isto nada tem a ver com acaso ou livre arbítrio. Este TODO rege o macrocosmos, as ações coletivas que são fundamentais no desenvolvimento do mundo, isto é, a complementação da Obra Divina, como diriam os alquimistas medievais.

Vivemos em verdade o 7º dia da Criação. Deus não descansou depois da criação do homem porque Deus não se cansa, Deus, isto sim, observa a partir de então enquanto a sua Obra se completa através dos homens, nada mais que pedreiros deste geometra perfeito. Não é sem razão que fomos feitos à sua imagem e semelhança, para terminar esta missão de complementar sua

Obra. Só que fomos “feitos à imagem e semelhança”, não iguais, portanto somos limitados, imperfeitos em nossa relatividade de seres humanos.

Para vencermos o espaço e o tempo, Deus nos deu a possibilidade de nos constituirmos em “Humanidade”. Através dela, tivemos pluriespacialidade : estamos em todos os lugares ; através dela , nos reproduzimos e ganhamos perpetuidade, estamos no ontem , no hoje e no amanhã. O homem é finito em seu espaço/tempo , a Humanidade vai além, justamente para cumprir a Obra, completar o Plano enfim.

Por mais que possa ser um destino menor , existe uma planta elaborada para a edificação desta Obra. Devemos segui-la e quando nos esquecemos disto e passamos a imprimir nosso próprio espírito de arquiteto nesta construção, nem sempre os resultados são os mais desejáveis, aliás, quase sempre ocorreremos em desastres. Os desequilíbrios ecológicos, a má distribuição de renda, as intransigências e guerras religiosas, as doenças contagiosas , são apenas alguns exemplos de “desvios de construção da planta original”.

Quase sempre, quando os distúrbios ocorrem, fatos novos, coisas passadas, às vezes esquecidas no tempo, outras vezes até desconhecidas , se interpõem em nosso caminho e os rumos são mudados como que seguindo aquele velho, mesmo e eterno roteiro previamente escrito. É o que ocorre com este clima místico que invadiu o planeta com a chegada do terceiro milênio, fazendo renascer uma espiritualidade esquecida, uma vontade nova de harmonização .

Pedir provas da existência de um “script” divino é difícil a quem têm nas mãos apenas a fé para justificar suas ações, ou melhor, um outro saber que não o da ciência . Contudo, quantas e quantas vezes o ser humano se surpreende com as soluções que lhes “caem nas mãos” , ou com os caminhos que simplesmente se descortinam à sua frente quando tudo parecia perdido e sem uma luz no final do túnel ?

A resposta disto é simples: as “soluções” existem e agem independentemente da nossa vontade . É como se, pela intuição, o ser humano fosse descortinando verdades buscadas durante séculos . Píndaro

disse “No Céu, aprender é ver. Na Terra, é lembrar-se. Feliz daquele que atravessou os Mistérios; ele conhece a origem e o fim da vida”

Além disto, basta olharmos para este mundo que nos cerca. Há algo mais organizado, harmonioso, justificável por si só, sem explicações? E como aceitar esta harmonia, esta organização, sem um organizador?

Nem é preciso afirmar aqui que não se trata de um organizador, um ser antropomórfico, um velhinho de barbas brancas, a nos espreitar onde quer que estejamos. Não! O que existe é um Princípio Inteligente, uma Causa Primeira, uma Natureza Naturante, enfim seja qual for o nome dado pelos místicos e filósofos, e que por falta de um nome melhor, damos o nome de Deus - é difícil não aceitar que existe um ser que nos coordena e nos impulsiona em direção a um bom futuro.

Para outros, mesmo até para alguns religiosos, acreditar nesta pré-determinação das ações terrenas seria eliminar o livre-arbítrio, tornando o homem um boneco de cordel. Ledo engano. Para entendermos melhor, imaginemos um rio e nós dentro de suas águas. Cabe a nós escolher por onde navegaremos, se pela margem esquerda, pela direita, se com mais velocidade ou lentidão. Cabe a nós, pararmos de quando em vez, nadarmos contra a correnteza se quisermos, vivermos tempos adormecidos numa ilha fluvial, e até mesmo nos afogarmos sem termos completado nossa viagem. Enfim, fazemos este percurso como queremos, mas não podemos deixar de caminhar com as águas do rio. A maneira como viajamos nestas águas é o nosso livre-arbítrio, contudo é inexorável que sigamos com as águas até o mar, a direção não cabe a nós, e nos é impossível impedir ou mudar que os rios continuem caminhando sempre para o mar.

Feliz daquele que consegue imprimir seu próprio ritmo neste caudal. São pessoas que fazem a diferença e fazem a História. “Os Mestres obedecem à causalidade do plano superior, mas ajudam a governar o nosso plano”, diz o Cabaillon.

Ademais, hoje em dia, pensadores como Fritjof Capra e tantos outros vêm mostrando as mudanças revolucionárias que ciência está passando. A estreita afinidade entre misticismo e ciência vem se constituindo na mais moderna

forma de compreensão do mundo que nos cerca. A visão ecológica é semelhante à visão mística, e os sistemas vivos mostram isso, mas , além desta forma de ver , existe hoje a Hipótese Gaia criada por James Lovelock, através da qual a natureza regula a si mesma, isto é , possui uma inteligência capaz de determinar suas ações , independentemente da ação humana.

O que para os orientais não é uma novidade há muitos séculos, admitir que a natureza “ pensa” é algo que foge aos padrões da nossa cultura tradicional. Esta teoria nos possibilita dizer que o plano divino, a Obra, não é uma prerrogativa humana apenas. O 7º dia da criação está sendo vivido conscientemente pela natureza e pelo ser humano. Para tanto, a Terra, Gaia, tem também uma “planta” a cumprir e se torna arquiteta de sua própria construção.

Neste mister, o destino das pessoas, das nações e da própria natureza está traçado . Há um macro-plano divino e os povos, os estados vão cumprindo seus destinos. Temos é que saber ler as marcas que estão aí , como uma escrita divina, para podermos cumprir nossa parte no processo da vida.

É sobre este tema que tentaremos falar aqui . O Brasil com seus poucos mais de 500 anos caminha para o seu destino, e ele foi misticamente traçado.

Por vezes mestres, outras vezes iniciados, foram mudando nossa posição no rio do destino , plantando marcas, idéias, as quais , cada uma a seu tempo, serviram e servem para se transformar em outras novas causas que gerarão novos efeitos. Marcas aqui e acolá, pistas, eventos, simbologia, nos mostram que a nossa História está escrita, composta dentro de padrões que nos levarão a um bom futuro, afinal “ o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima” e não há como se supor que aquilo que esteja em cima seja ruim .

Este sentido até profético de se pensar os acontecimentos, e também o Brasil, não é uma novidade. Pe. Antônio Vieira , com sua História do Futuro, já falava sobre isto. O próprio título do livro parece ser contraditório : se é história, portanto , passado , como pode ela ser história do futuro ? Mas, a premonição – mesmo na pena de um jesuíta – tem um certo ar de ciência e o futuro nada mais é do que a projeção da leitura que fazemos hoje do presente.

No prefácio da História do Futuro , Edições e Publicações Brasil, São Paulo, 1937, Affonso Bertagnoli observa “ A fé na ação de Deus como Ser Supremo sobre a humanidade e a história concorda, segundo Krause, com a ciência, a respeito da causalidade eficaz, tanto eterna como temporária , de Deus no mundo . Debaixo desta idéia, compreendemos Deus na plenitude de seus postulados, sem prejuízo da liberdade dos seres finitos e do homem, do mesmo modo que Vieira procura estabelecer no concerto de suas conclusões as relações dos oráculos sagrados com os destinos de Portugal”.

Mais do que um visionário, Vieira foi um “leitor” do futuro através de marcas do presente especificamente decifradas por ele. Assim , o Encoberto se desnudou e pôde ser lido, como mais tarde o faria ainda com mais plenitude Fernando Pessoa no poema Mensagem.

Platão nos disse que a ciência do futuro é que diferenciava os homens dos deuses. Por isso, esta tarefa de saber o futuro é extremamente árdua para os simples mortais e não nos atrevemos a tanto . Queremos, nesta obra, apenas fazer *uma* leitura, buscar um “pode ser” , nada mais que isso. Queremos ler um pouco desta cadeia de relações na busca de descobrir o sentido oculto das coisas que foram – e ainda estão sendo – escritas. Uma leitura feita através de um alfabeto que está mais para a crença, a fé , do que para a ciência ou a linguagem tradicional .

Por esta razão, a nossa leitura é caolha, tem preferências, e até mesmo deixa de ler outras coisas que não sejam aquelas aceitas pelo olhar desta fé, desta convicção maior de que há um Plano Divino, elaborado por uma Inteligência Universal, cuja finalidade é a complementação da Obra. Neste contexto do TODO, o Brasil tem a parte que lhe cabe, e que já está sendo vivida dentro de um encadeamento de fatos que são nossos, particularmente nossos.

Saber como isto foi montado, que pistas temos para acreditar que isto seja possível, ou pelo menos , começar a entender que seja mesmo assim, é o que pretendemos neste livro . Não um livro histórico, embora da História nos valermos o tempo todo. Por esta razão, descartamos de pronto a hipótese desta obra estar sendo escrita por um historiador . E isto nos dá mais comodidade , afinal nosso compromisso passa a ser com *uma história em*

especial, justamente a que acreditamos, sem nos importarmos muito se a própria História acredita nela...

PARTE I

I . Colocando o problema

“Diz-se também que Moisés teve que cobrir o rosto com um véu para falar ao povo que não lhe suportava a claridade (Êxodo, XXIV, 29-35), o que simbolicamente indica a necessidade de uma adaptação exotérica para a massa. Lembremos a este propósito o duplo significado da palavra revelar : “tirar o véu”, mas também “cobrir com um véu”. Eis porque a palavra manifesta e oculta simultaneamente o pensamento que exprime ‘
René Guénon

A História não é somente o corpo do tempo, mas também a sua alma. Entendê-la, portanto, é um exercício duplo de leitura. O corpo, o lemos através da cronologia histórica, dos movimentos sociais, do embate das idéias, dos campos de batalha que fazem a espinha dorsal dos marcos que mostram a evolução do tempo histórico. A alma, esta devemos descobri-la por meio de outra leitura, onde se possa ver o porquê das ações humanas , a sua essência, no nascedouro, no instante em que se instaura a vontade em praticar cada ação que o corpo histórico irá marcar "a posteriori. "

Nesta alma, está a verdade e os reais motivos históricos, está o espírito vivo de uma ordem maior que, a cada época, vai inspirando os seres humanos, de modo a que todo um plano cósmico vá se desenrolando a fim de que o mundo cumpra a Obra, mude para melhor e se complete.

A verdadeira História, portanto, é aquela que revela a vida espiritual da humanidade, que vai além das datas e do óbvio de modo a podermos entender

o sentido maior da existência humana nesta terra. É como se fosse uma outra História, não digo oculta, mas encoberta . A História tem também seus universais - no sentido platônico do termo - criados em idéia antes dos registros físicos e que, para podermos lê-los, devemos usar os olhos da alma e não apenas os olhos do corpo. Devemos saber ler, em outras palavras, o encoberto, os sinais que aos incrédulos passam despercebidos, mas que para o iniciado acabam por formar um novo alfabeto, capaz de decifrar a linguagem simbólica que existe por detrás de todas as coisas, ou melhor, que existe *em* todas as coisas, por mais claras e simples que elas possam parecer.

O mundo é um imenso quebra-cabeça de símbolos, de marcas, de pistas, que , ao mesmo tempo em que se escondem, revelam-se aos olhos daqueles que sabem ler o conhecimento verdadeiro.

A História do Brasil, desde o descobrimento, ainda carece de estudo mais profundo, mas não há dúvidas de que , para sabermos a verdade, devemos ler com os olhos da alma todo o percurso que fizemos, desde aquele tempo longínquo de 1.500...

Esta leitura, inicialmente, pressupõe conhecimento do pensamento medieval de então, principalmente sobre as crenças dos homens e mulheres do fim da Idade Média . Neste particular , as Novelas de Cavalaria que cantadas e lidas foram responsáveis pela criação do ideal mítico daquele tempo e no nosso caso, em especial , a Demanda do Santo do Santo Graal , tiveram aos olhos, ouvidos e , sobretudo, à imaginação dos seres humanos daquele tempo um valor especial e diferente do que atribuímos a eles hoje .

E acima de tudo, pressupõe uma visão bem ampla de todas as utopias do medievo. Muitas delas encontraram o amparo da fé no misticismo medieval, verdadeiro depositário de uma “outra verdade” que , ao longo dos séculos, incomodou e vem incomodando a “tradicional verdade” da Igreja Católica.

Sem deixar de lado o aspecto econômico dos descobrimentos, a necessidade de se buscar um caminho para as Índias por mar, e cuja empreitada conseguida pelos portugueses representou talvez o período áureo da História Econômica de Portugal, havia também nesta busca um sentido místico , afinal, se embrenhava "por mares nunca dantes navegados" . Além

do ouro , teria que haver também a fé a embalar o espírito aventureiro do homem de então e essa mistura de poderes , o material e o espiritual , o mundano e o sagrado, a guerra e a paz, a virilidade do cavaleiro e o amor cortês, permearam a Idade Média , evidenciando-se principalmente após o século XII .

A frase dita pelo Infante à partida das caravelas - "Trazei-me notícias do Reino de Preste João "- está carregada destas duas intenções . Riquezas ? Sem dúvida, mas, acreditava-se , ser esse mesmo Preste João que provavelmente teria mantido em África as tradições mais puras e antigas de um cristianismo autêntico , nestoriano e com todas as suas implicações "heréticas", e por isso mais fascinante e místico .

Sabidamente, o cristianismo "oficial", pelos idos do séc. XV, já não mais atendia aos anseios religiosos de muitos místicos autênticos de então, haja vista que, àquele tempo, a Cavalaria e a Igreja, já não andavam de mãos dadas como bem antes o imaginara S. Bernardo, talvez o único a pensar numa cavalaria cristã autêntica , tanto assim que até hoje se louva o seu esforço em criar todas as ordens de religiosos cavaleiros, das quais os Templários tinham sido os mais famosos, temidos e importantes para este mesmo espírito religioso como veremos .

Assim sendo , buscar um reino cristão em África era, então, mais do que uma empreitada material, era um exercício de iniciação, de busca de conhecimento e espiritualidade. Além disso, a busca do paraíso, da fartura , da terra da Cocanha, também impregnava o pensamento do homem daquele tempo. As teses sobre estes temas são muitas e entrar pelos meandros deste caminho é trilhar pela alma da História. Principalmente pela alma daquela Idade Média, escondida atrás dos inúmeros "pecados" e "escuridão" que a ela impingiu o pensamento teocentrista da Igreja.

Por sorte nossa, hoje, medievalistas do mundo todo estão refazendo esta velha visão do medievo e aqui no Brasil estudiosos nos dão um novo caminho para entender aquele tempo mágico onde castelos , donzelas e cavaleiros, batalhas e dragões, terras de fartura no além-mar se misturam . Hoje , mais do que nunca, busca-se entender o alquimista como sendo algo mais do que

um bruxo, mas sem deixar de sê-lo totalmente , pois este foi o seu valor e não o seu "pecado".

Neste ponto, vale a pena deixar claro que o objetivo desta obra não é a polêmica. Nem mesmo é de seu interesse criar adeptos, ou impor uma forma de convencimento a quem quer que seja. O que se pretende é compartilhar com um leitor virtual , uma crença, uma leitura da História que necessariamente não precisa ser " a leitura histórica como a conhecemos hoje " , mas suficientemente histórica para poder sustentar uma outra visão bem diferente da história tradicional.

Ao contrário, quanto mais se puder fugir da historicidade dos fatos, da tradicionalidade das interpretações , melhor, pois assim estaremos cada vez mais perto de uma outra significação que estes mesmos fatos tiveram ou ainda podem ter para quem sabe lê-los com outros olhos. O tempo caminha como serpente, isto quer dizer que a cada dia somos sempre um pouco do que já fomos, além de sermos algo de novo. Por isso a nossa maneira de entender o mundo não como um fluxo retilíneo, onde cada ação seja exatamente nova.

Assim, interpretar algo do passado é buscar uma nova visão do hoje, capaz de nos fazer entender o Todo dentro deste quebra-cabeça que é História. A cada descoberta, não é apenas nosso passado quem muda , somos nós que mudamos no tempo presente, porque a leitura do passado, que nos determina, passa a não ser mais a mesma, o que nos torna seres diferentes. Somente assim entendo a História. Somente assim entendo que o passado – como serpente – seja capaz de trazer sempre algo novo por mais longínquo que este passado esteja. A História é viva.

Por isso, se há mais de 500 anos, os porquês dos fatos que começaram a nos criar como nação, e nos trouxeram ao cenário da história mundial, não foram aqueles que acostumamos a entender, o nosso sentido de vida muda no mesmo instante em que descobrimos novos porquês. Interpretar a História é achar explicações para o presente, da mesma forma que o presente pode determinar interpretações novas para o passado.

A cada dia que passa, o Brasil se firma como sendo o país do terceiro milênio . Lendas antigas e afirmações modernas - como no caso do Dalai-Lama

do Tibet , confirmam esta hipótese. Caminhar nesta trilha, para aquele que crê, é mais do que ler a História com os olhos da alma, é perscrutá-la com o coração, e assim entender de maneira diferente o que houve no passado.

Mas não se iludam aqueles que pensam ser este um coração “sentimentalóide” e ingênuo, afinal Fernando Pessoa já nos deu a receita de que tudo aquilo que se sente deve ser pensado também . Se isso nada tem a ver com a ciência histórica, tem muito a ver com a fé e a esperança. Por esta razão, na segunda parte desta obra tentamos mostrar o tamanho desta fé e esperança nesta " Terra de Vera Cruz". O Novo Mundo não pôde fazer o mundo ser novo como gostaríamos que fosse, embora hoje se caminhe para isso, principalmente no Brasil, mesmo 510 anos depois de seu descobrimento. Os porquês do nosso descobrimento, da forma e no tempo em que ocorreu precisam ser lidos com os olhos da alma para que possamos entender a nós mesmos como povo e saber qual a nossa missão nesta Obra divina que está ainda sendo acabada.

II- Sem medo da Inquisição... hoje

O processo movido contra o herético muitas vezes era feito de tal modo que o acusado ignorava o nome do próprio acusador, sendo que mulheres, escravos ou crianças podiam servir de testemunha da acusação, mas nunca da defesa

.....
Uma vez apurada a culpa, concedia-se ao réu um prazo para se apresentasse espontaneamente ao tribunal. Caso isso não acontecesse, poderia ser denunciado pelo inquisidor e ser preso. Em caso de confissão da culpa, dava-se ao acusado a oportunidade de retratar-se, sendo que , neste caso, deveria submeter-se a uma série de penitências, flagelações, peregrinações e , em casos mais graves, à prisão. Porém, se o acusado persistisse em seu pecado, era julgado e entregue ao braço secular que , por sua vez, o conduzia à fogueira”

Nachman Falbel

Quem escreveu a história da outra Idade Média ? Aquela Idade Média dita proscrita pela Igreja, rejeitada, apócrifa, herética ? Hoje podemos perguntar isso, e até mesmo nos atrevermos a algumas incursões , sem o medo de queimarmos na fogueira...

A História que sabemos, aprendemos, ensinamos nas escolas é a História dos vencedores, por isso mesmo, a História dos que oprimiram , mataram, impuseram sua vontade. Assim, esta História acabou sendo, conseqüentemente, a História da verdade, sem que tivéssemos tido no passado, quando da escrita “dessa verdade”, a oportunidade e a ousadia de pensar numa outra história.

Contudo , por mais que a historiografia oficial tenha feito para esconder os registros dos derrotados, pistas perduraram, mostrando que aqueles derrotados, proscritos, queimados , não foram tão derrotados assim. Aliás , os chamados derrotados já vinham com seus registros, desde há muito, varando o tempo e os templos , compilando um Corpus Hermeticus, cujas verdades ainda hoje são aceitas , repetidas e registradas.

A ironia quis que o inventor dos tipos móveis fosse um religioso. Se a Igreja soubesse que Guttemberg iria contribuir tanto para a propagação da palavra do Senhor , democratizando-a , permitindo que ela fosse usada pelos "leigos e ignorantes " , provavelmente Guttemberg não teria recebido o "nihil obstat" de Roma. Os tipos móveis propagaram uma palavra que antes era privilégio apenas dos padres, dos detentores da exegese bíblica, a qual foi a grande arma medieval da Igreja. Com a abertura recente dos documentos da Inquisição, vamos ainda saber de mais coisas , mas de saída já se viu que traduzir a Bíblia para difundi-la era heresia, pecado e condenação certa ao fogo da Inquisição .

Com a palavra monopolizada , o clero instituiu seu credo, condenou heresias, queimou os verdadeiros descobridores de verdades filosóficas e científicas , porque deter a palavra é deter o poder e com esse poder a Igreja fez uma Idade Média à sua imagem e semelhança. Quem ou aquilo que destoasse deveria ser expurgado, ou queimado...

Entretanto, o espírito humano não existe para ser morto ou calado por sanções arbitrárias e impositivas . Todo esse conhecimento, contrário aos cânones eclesiásticos, quer pelos Santos Padres, quer pelos Concílios Ecumênicos, foi sendo confinado em confrarias, sociedades iniciáticas, associações, ordem religiosas e militares, e através delas foi possível se formar uma corrente de seguidores que, em muitos momentos, chegou até mesmo a abalar a força de Roma. Desse conhecimento é que se pode extrair o misticismo medieval , o qual acabou impregnando o imaginário dos homens e mulheres de então, povoando as histórias e as cantigas e , acreditamos, instigando, em parte, os argonautas portugueses dos Descobrimentos.

Caminhando pelos tons apenas destas heresias, sem analisá-las a fundo, é fácil se perceber que o pensamento religioso no mundo ocidental , calcado nos pressupostos cristãos, primou sempre por uma heterodoxia, muitas vezes, ou na maioria delas, motivada pelos interesses de poder.

Toda religião é Teândrica. *Teos* , pela sua essência e *Andros* pelo seu objetivo. Assim, a Essência Divina é passada aos seres humanos , cuja função é seguir os ensinamentos que, no caso do cristianismo, são oriundos de uma Revelação - Deus "inspirou" seus evangelistas de modo a que a Sua Palavra fosse escrita e cultuada por todos os povos. Desta maneira ocorreu praticamente em todas as religiões, afinal Deus revela-se aos homens, seus filhos, na busca de perfeição, ou de menos sofrimento, ou retorno ao Pai, etc.

Na verdade, este duplo aspecto - *Teos* e *Andros* - obriga a religião a exercitar antagonismos . Se ela é *Teos*, deve primar pela imutabilidade , ficando em consonância com a sua essência, posto que divina, eterna , perfeita, incapaz do erro, da mudança, dos modismos. Contudo, o *Andros* não é o mesmo ao longo dos tempos, já que os seres humanos mudam e com eles, o mundo, as filosofias e os interesses do Poder não permanecem iguais. Como fazer , então? Foi simples : criou-se se um novo princípio : o da maleabilidade. Assim, a religião é imutável, mas maleável, cabendo a seus "doutores", e no caso cristão, aos Concílios Ecumênicos, entender e explicar a verdadeira palavra divina, mostrando-a sempre atual, de modo a que a "religação" Deus-homem esteja sempre atualizada, seja qual for a época, os problemas, as teorias, e os interesses de cada tempo .

Com o Cristianismo ocorreu exatamente isso : a cada Concílio, novas idéias, novas formas de pensar, novos “doutores” surgiram, apresentando fórmulas mágicas, palavras, trocadilhos, de modo a acomodar princípios e condenar “heréticos”. Muitas vezes , esses mesmos “heréticos” eram os primitivos, os ortodoxos , os que se mantinham fiéis aos princípios da Igreja Primitiva e não se sujeitavam às mudanças de ocasião, adotadas pela Igreja na busca de seus próprios interesses de poder.

No nascimento dos Concílios , com Nicéia , em 325, já se vê que esta será a fórmula ideal e , por isso, nunca mais foi abandonada . Em Nicéia, tivemos a criação do dogma primeiro, da base da fé católica no que diz respeito a “essência” de Deus , pois em Nicéia foi que se introduziu, a Trindade, a Substância, a Pessoa , o *homooussios*, e a partir daí todas as questões passaram a ter um rumo mais fixo e definitivo dogmaticamente. Os que fugiam a isso era hereges, ou então banidos do “seio da Santa Madre Igreja”.

No fundo, a luta da Teologia (em qualquer religião) é mostrar que Deus é sempre o mesmo e seus princípios se aplicam em qualquer tempo e lugar . Toda religião gostaria de ter uma “ortodoxia eterna”, mas isso não é possível, sob pena dela se tornar inadequada ao tempo presente . Por isso , o caminho da fé é o da heterodoxia, onde , muitas vezes, até coexiste a convivência dos contrários e quando as teses não podem mais “conviver”, temos uma heresia .

Mais ainda, os “historiadores”, sempre sujeitos ao talante do clero ou da nobreza, posto ser uma destas duas instituições que os sustentavam , foram dando à História um corpo moldado ao prazer, ora da fé convencional, ora da riqueza palaciana. Somente bem mais tarde, com o fortalecimento da burguesia, é que a expressão ficou mais livre e o ser humano passou a ler mais, e sobretudo , a escrever sobre o que queria, sem ter medo de esconder a verdade , ou sem ter a obrigação de fabricar verdades convenientemente aceitas pelo clero e pela nobreza.

Muitas vezes, na ânsia de impor sua “verdade” a Igreja chegava ao ridículo de episódios fantásticos , tidos como a expressão “da verdadeira vontade divina”, como o que ocorreu na escolha dos quatro Evangelhos chamados de sinóticos , o de Mateus, Lucas, Marcos e João , os únicos considerados como “inspirados” por Deus .

Este episódio, narra que todos os evangelhos que existiam foram colocados no altar de uma igreja e os apócrifos caíram no chão, ficando no altar apenas os quatro atuais. Em outro relato, conta-se que o Espírito Santo entrou em forma de uma pomba num recinto onde estavam os evangelhos e foi pousando no ombro de cada bispo, dizendo quais eram os da vontade de Deus.

Com isso, evangelhos importantes como o de Thiago foram excluídos, embora fossem usados pelos padres da Igreja Primitiva. É bom lembrar que “apócrifo” vem do grego *apokryphos* que significa literalmente algo “oculto”, ou “segredo”. Se assim o é, então os segredos cristãos não estão com os sinóticos...

Crenças, a literatura oralizada, canções, quando não puderam ser “absorvidas” pela Igreja, tiveram o mesmo tratamento de algumas heresias. Inclusive as ordens religiosas - veja-se a dificuldade que quase sempre os franciscanos tiveram devido à sua pureza de ações e desprezo pela riqueza, isto sem contar os catedráticos de universidades que acabaram quase tendo o mesmo destino dos chamados heréticos, indo cair na fogueira da inquisição.

Aliás, S. Francisco pode ser considerado o grande responsável pela introdução de um cisma velado entre a religião oficial da Igreja, ditada por seus representantes em Roma, de uma outra religiosidade, mais popular e por isso de mais fácil penetração no coração, e na fé, das pessoas simples. Os padres que vieram na frota cabralina eram todos franciscanos e sob a cruz de madeira entalhada na terra, junto da Bandeira da Ordem de Cristo exposta, trazida desde Portugal bem alta no mastro, foram rezadas aqui a primeira e segunda missas por D. Henrique Soares de Coimbra, um franciscano.

Pois bem, a História dessa Idade Média dos hereges, dos marginalizados, dos esquecidos, dos proscritos está sendo escrita agora. Ou melhor, está sendo lida agora com os olhos da alma. A cada dia mais e mais historiadores veem os fatos de um modo diferente daquele consagrado pelos cânones estabelecidos e acabam descobrindo a “alma” medieval, e, por incrível que pareça, ela não foi tão “escura” assim como querem alguns ao se referirem a este período da História como sendo “1.000 anos de escuridão”.

Justamente para fugir da Inquisição é que grande parte de um “outro” conhecimento, sabido desde aquela época, acabou sendo confinado em confrarias, as quais inicialmente eram apenas operativas, pois acumulavam e passavam um saber operacional : ouríveres, armeiros, pedreiros . Com o tempo, estas confrarias passaram a agregar , ou esconder , um outro saber : o saber das coisas do espírito. Este mesmo saber herético da época que , ao ser descoberto hoje, nada mais é do que um saber mais que milenar e que vem varando os tempos como um saber perene, destinado a se manter sempre atual , posto que é eterno.

Uma releitura da vida dos santos, a releitura das obras de muitos mestres, às vezes “enigmáticos” para aquele tempo , hoje povoam o imaginário até de adolescentes que buscam , cada dia, uma fé mais autêntica, mais pura, menos corroída pelo tempo, pelas acomodações conciliares, pelas adaptações da heterodoxia.

Neste contexto todo, está uma gama de fatos históricos cuja visão hoje é outra, quer no que diz respeito ao seu corpo , como também a sua alma. Por isso , para se entender o sentido místico do descobrimento do Brasil e sua importância na complementação da Obra Divina, é preciso se entender os fatos, desde o descobrimento, de uma maneira diferente, sem aceitar os cânones estabelecidos pela história do clero ou da nobreza . Mais ainda : é preciso “ver” o que se passou com os olhos mais apegados ao espírito, a fim de entender que, no Plano Divino, aquilo que ocorre - em todo o Universo, diga-se de passagem - vai bem mais além do que o mero acaso. O Brasil nasceu no tempo em que a Obra desejou que nascesse, porque sua função histórica começou àquela época e começa a ganhar plenitude no tempo presente.

III – As Utopias Medievais

“Utopia, por sua vez, pode ser entendida como uma expressão de desejos coletivos de perfeição, quase sempre de retorno a uma situação primordial da humanidade”

Todo tempo é um tempo de utopias mais ou menos intensas. As utopias da Idade Média foram como são as utopias modernas : expressaram a nostalgia, a busca da harmonia edênica , “ ... é, portanto, um mito projetado no futuro” , como afirma com propriedade Hilário Franco Jr, e completa “imaginação utópica é um produto da História que nega a História” , cuja função social se desloca mais para o sonho do que para o objeto sonhado. As heresias , como utopias da alternativa , se constituíram num tipo de fé cristã diferente e mais popular até , que negava a fé estabelecida pela Igreja. Nesta utopia alternativa, herética, é que se abrigaram os místicos não alinhados com a ortodoxia

O misticismo não foi uma característica apenas do medievo. Ao contrário, ele perpassa o tempo desde a antiguidade como que se constituindo numa árvore de tronco extremamente forte e capaz de dar frutos seja qual for a idade histórica. Foi São Bento quem , conforme os moldes orientais, introduziu o sistema monástico no ocidente com os mosteiros e abadias

Contudo , bruxas, magos, feiticeiros , alquimistas, castelos assombrados, mistérios , tudo isso pode ou não pode ser verdade quando falamos de Idade Média. Assim como a Távora Redonda, combates heróicos, donzelas, fadas, honra, tesouros, cálice sagrado, também podem ou não serem verdades quando o assunto é a mesma Idade Média.

Por isso, não podemos entender como sendo apenas os místicos beneditinos os responsáveis pelo misticismo medieval . Havia um misticismo popular arraigado durante todo o medievo. As manifestações , até mesmo heréticas, do início do cristianismo, com os primeiro concílios, voltados ao estudo teológico da Trindade, acabaram dando espaço para uma visão mística de cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental . O poder destas crenças era tanto que chegava a fazer com que camponeses enterrassem a hóstia consagrada na esperança de colheitas mais fartas.

A fé mitificava a realidade, e ainda conforme Hilário Franco Júnior “o mito não é a história dos eventos políticos ou econômicos, mas história da sensibilidade coletiva” e completa “a história sagrada e a história profana eram

colocadas lado a lado pelos medievais” . Por isso a palavra Mito, conforme relata René Guénon, vem da raiz “mu” que designa o silêncio. Isto nos mostra que o mito serve para mostrar e esconder, serve para dizer aquilo que é inexplicável pelas palavras. Daí tantas ações, tantas histórias , tantos símbolos criados durante todo o medievo, cuja leitura hoje nos parece mais do que nunca cifrada, mas com o que sabemos, aos poucos vai se desnudando, oferecendo aos que sabem ver um corpo de significações maravilhoso.

Com um infindável rol de crenças convivendo no meio do povo e, indo dos salões das cortes, às novelas de cavalaria, aos contos de bruxaria, era praticamente impossível que o homem comum acreditasse que essas crenças não eram verdades . Da mesma forma, a fé passava a assumir matizes diferentes da ortodoxia clerical, fazendo com que novas maneiras de pensar Deus, Jesus, Maria, Madalena , fossem surgindo ora aqui , ora ali, questionando a interpretação oficial que a Igreja dava das palavras do Senhor, transcritas pelos copistas encomendados da Santa Sé. Aqueles que se atreviam a uma oposição à Igreja era chamados de heréticos.

“ Heresia” do grego *hairesis*, *hairein*, significa *escolher* . Herético é, portanto, aquele que fez uma escolha. Só que as escolhas eram proibidas e a Igreja não permitia nenhuma alternativa além daquelas as quais ela mesma já tivesse consagrado como únicas escolhas possíveis.

Desta forma, quem elegia alguém como sendo um herege era a Igreja. Ao longo dos anos a “castração” do espírito, em nome da “escolha correta’ , serviu de pretexto para se praticar atrocidades abomináveis. Insatisfeitos com a excomunhão ou o banimento, este caminho de perseguições teve seu ponto máximo com a Inquisição.

Embora em 1197, na Espanha , Pedro de Aragão já tivesse introduzido no Código Civil a condenação pelo fogo ao herético, foi com a Inquisição que a prática se propagou. O Tribunal da Inquisição foi criado oficialmente no Concílio de Toulouse, em 1229, pelo Papa Gregório IX e imediatamente os dominicanos se puseram a serviço da Santa Sé para julgar , condenar e entregar os heréticos ao braço secular para que fossem levados à fogueira.

Os “manuais” dos inquisidores – hoje sabemos - são de um grotesco , de uma violência, de um ridículo sem par. Não é à toa que , na Idade Contemporânea, a Igreja tenha se calado frente a tantas atrocidades contra o ser humano – o caso do silêncio do Vaticano durante a II Grande Guerra é exemplo disto, afinal, depois de tanta atrocidade cometida pela Igreja ao longo dos séculos , o que ela poderia dizer agora ? Por isso, foi um ato de coragem e de resgate da verdade, um “mea culpa” a ida do Papa João Paulo II ao muro das lamentações em Israel e lá deixar o bilhete de perdão da Igreja frente ao seu silêncio durante o holocausto. Mas de que adiantou este gesto perto dos milhões de judeus assassinados ?

Particularmente , as heresias tiveram seu ápice no século XII e XIII , com a questão Albigense , mas isso não significa dizer que já não existissem em grande quantidade antes. Aliás, desde o início do Cristianismo, com os Concílios , as heresias justificaram muitas ações violentas da Igreja, sem que esta , contudo, pudesse impedir o pensamento ou calar a voz de tantos e tantos livres pensadores que ousaram buscar um caminho teológico para entender a Deus de maneira menos fascista do que a imposta por Roma.

Muitas vezes , este fascismo não se limitava a apenas um debate de idéias feito às portas fechadas dos concílios. A ação contra as heresias empreendidas pela igreja , através das suas cruzadas ditas espirituais nada tinha de cristã, haja vista que se matava impiedosamente. Diz-se que no massacre de Béziers em 1209, durante a campanha cátara, o prelado da igreja que comandava a ação de aniquilamento teria dito “ matem todos, Deus reconhecerá os seus” , haja vista que muitos não eram, cátaros, mas por via das dúvidas ...

O enclausuramento das opiniões sufocadas pela Igreja gerou uma infundável proliferação de confrarias e sociedades secretas das mais variadas possíveis , e, por professarem um outro saber, praticamente todas as sociedades místicas foram consideradas como seitas heréticas pela Santa Sé , desde Nicéia , ou até mesmo antes. Sempre a Igreja teve que conviver com sociedades místicas que ora confirmavam, ora contradiziam os dogmas cristãos.

Na verdade, o Concílio de Nicéia foi convocado praticamente por causa do Arianismo. E o que defendia Ário ? Simplesmente que Deus era o único

princípio não-gerado , pois a essência divina não podia ser dividida. Isto quer dizer que o Filho não podia ter vindo do Pai, posto que se assim fosse, houve um tempo em que o Filho não existia.

Até o próprio Constantino, que convocou Nicéia via nesta contenda uma disputa inútil . Aliás, o espírito prático de Constantino foi o que imperou no momento de Nicéia. O imperador queria a unificação do império e o fato do cristianismo estar apartado e até proscrito das demais seitas de então, impedia os cristão de lutar pelo imperador. Por isso , Constantino fez Nicéia. Em momento nenhum ele transformou o cristianismo em religião oficial do império. Constantino fez o que se chamou Édito de Milão, através do qual , o cristianismo poderia ser praticado livremente , sem sanções ou perseguições de qualquer espécie. Isto ocorreu em 313. E com isso, suas legiões aumentaram em tamanho com a presença dos cristãos.

Em 380, tivemos o Édito de Tessalônica do imperador Teodósio, este sim colocando o cristianismo como religião oficial do estado e mais tarde, o próprio Teodósio em 391, banuiu o paganismo de vez em todo o império. Como se vê a, a igreja deve mais a Teodósio do que a Constantino. Ocorre que este último teve mais importância histórica do que aquele, e a igreja sempre ficou atrelada aos holofotes de seu tempo.

E não foi só isso. Com o passar dos anos , questões como a da Virgem Maria, sobre o fato de Maria ser Mãe de Deus, e portanto anterior a ele, além de uma infinidade de questões que nada tinham a ver com a fome, com a doença, com a miséria do homem medievo acabou virando preocupação dos Concílios, numa infundável disputa interna de poder dentro do seio da própria Igreja . Esta variedade de formas de pensar mostra que a unidade da Igreja sempre foi conseguida através de muita força, cuja Inquisição, muito tempo depois, acabou se tornando o ápice de todos este esforço.

Hoje , devido a este ecumenismo sadio que impera, se a Inquisição existisse, os fornos não parariam um minuto sequer, principalmente com toda esta orientalização do ocidente, ao mesmo tempo em que a ocidentalização do oriente ocorre.

Vale reproduzir aqui pela sua contemporaneidade, o pensamento de Amauri de Bène , que no século XII, auge das heresias, afirmava “Tudo é em tudo,

tudo é em Deus, Deus é tudo. Deus é simples, a natureza é simples. Mas duas substâncias simples não diferem entre si. Deus e a matéria se confundem, portanto Deus se conhece refletindo-se na multidão de criaturas onde a essência é única. Ele é a inteligência que organiza a essência do que é organizado. Por outro lado, a inteligência é idêntica ao objeto do conhecimento”

Se lermos atentamente o que Amauri de Bène dizia nesta passagem, vamos encontrar os princípios herméticos , muito da filosofia Zen, grande parte de Fernando Pessoa através do heterônimo Alberto Caeiro, e , pelo seu final, até mesmo princípios da Física Quântica, além de uma gama imensa de sociedades que até hoje existem para propagar estas mesmas idéias. . E Amauri pregava na Universidade suas teses, tornava-as de conhecimento público, portanto, um conhecimento que a Igreja não permitia, por isso Amauri de Bène foi condenado, retirou-se para um convento , deixou de ensinar e morreu só, sem poder propagar suas idéias., posto que elas eram “ cheias de heresias” . Como ele, figuram também os cátaros, os valdenses e Joaquim de Fiori cujas bases teológicas e filosóficas acabaram sendo um dos pilares da renovação carismática hoje em dia dentro da própria religião católica.

Desde àquela época, até o século XVIII, quando houve o abrandamento das perseguições e o Iluminismo veio trazer um pouco mais de claridade ao pensamento mundial, desprendendo o saber dos grilhões da Igreja de Roma, é possível registrar , como heréticas, as seguintes sociedades místicas, entre outras , conforme o trabalho de Isabel Cooper-Oakley, no livro “ Maçonaria e Misticismo Medieval”:

- **do século III até o século IX** : os Arianos, Maniqueístas, Euchites, Magistri Comacini, Artífices Dionisianos, Ophites, Nestorianos, Eutychianos:
- **no século X** : Paulicianos, Bogomiles, Euchites, Maniqueístas
- **no século XI**: os Cátaros , os Patarini , os Cavaleiros de Rodes, os Cavaleiros de Malta, os Místicos Escolásticos
- **no século XII** : os Albigenses, os Templários, os Hermetistas , os Amauricianos
- **no século XIII** : a Fraternidade dos Winkelers, os Apostolikers, os Beghards e Beguinen, os Irmãos e Irmãs do Livre Espírito, os Lollards, os albigenses – mesmo tempo sido “suprimidos” pela Igreja , os Trovadores.

- **no século XIV** : os Hessychasts, os Fraticelli, Christian Rosencreuts, o misticismo alemão de Nicholas de Basiléia.
- **no século XV** : Fratres Lucis de Florença, a Academia Platônica, a Sociedade Alquímica, a Sociedade da Trolha, os Irmãos da Boêmia, os Rosa-Cruzes
- **no século XVI** : os Rosa-cruzes tornam-se muito conhecidos, a Ordem de Cristo, Paracelsus, os Filósofos do Fogo, o Ministério dos Mestres Herméticos.
- **no século XVII**: os místicos espanhóis, os Asiatische Brüder, os Quietistas
- **no século XVIII** : a sociedade Teosófica, os Martinistas, a Maçonaria regular (...)

Será que com esta variedade de opiniões, teses, filosofias, pensadores, místicos, conhecer a verdadeira verdade era privilégio da Igreja ?

Vale aqui ressaltar que , embora a Maçonaria esteja colocada como “ Regular” no século XVIII, e ela data exatamente deste momento da história, já haviam ordens de pedreiros bem antes disso. As confrarias artesanais existem desde datas muito antigas, e nesta seara da construção, elas podem ser consideradas como confrarias desde os tempos das pirâmides. Assim , em 1.275, o Imperador Rodolfo autorizou uma ordem de maçons e o próprio Papa Nicolau III, no ano de 1.278 outorgou à Irmandade dos Canteiros de Strasbourg uma carta de indulgência. Isto não quer dizer que o *corpus hermeticus* do conhecimento maçom que existe hoje existia então, afinal a Maçonaria veio se ampliando e se aprimorando ao longo do tempo e de operativa ela virou filosófica, e foi neste momento, século XVIII, que ela passou a ser a sociedade iniciática que é hoje.

Contudo não é de sociedades secretas e de heresias que pretendemos falar aqui, e sim de uma mistura de utopia e crença religiosa que muitas vezes se tornou uma rebeldia ao estabelecido pela Igreja Católica de então.

Isto quer dizer que, como sempre foi, a Idade Média também teve suas utopias, mesclada pela fé cristã e pela crença popular. Um sincretismo bastante intenso caracterizou este momento especial da História, o qual veio a desaguar no início da Era Moderna com os sonhos dos descobrimentos. E é

isso que nos interessa : quais eram as crenças daqueles que saíram em busca de desbravar os mares ? No fundo, não se tratava de qual fosse a verdade , mas qual era a verdade que eles aceitavam como tal ?

Este castelo de formas de pensar, de crenças, lentamente foi produzindo um ser humano repleto de sonhos e de imaginação fértil quanto ao novo mundo que se descortinava - sonhos e mitos que , na mente do homem comum, e até mesmo na mente de nobres, como os reis portugueses, acabaram se tornando sonhos possíveis de serem alcançados , realidades passíveis de serem vividas. A busca das utopias foi o grande exemplo disto. A bússola dos descobridores apontava também para este norte místico.

Não é mais possível imaginar que figuras notáveis como o Infante D. Henrique, e outros monarcas, fossem tão ingênuos a ponto de se deixarem levar por meras fantasias e acreditar – como D. Manoel mais à frente – na existência do Reino do Preste João, por exemplo, se nada houvesse no Oriente que os fizesse acreditar na existência desse reino . Além das riquezas , havia a crença em um rei cristão na África, buscado por todos os navegadores daquele tempo e também por emissários a pé, enviados pelo Infante como veremos .

Inúmeras foram as utopias : a da paz, a da alternativa, a da simplicidade, a da autonomia, a do paraíso, a da cocanha, a da justiça, a do sexo (...) , todas povoando o imaginário do homem comum do medievo : um homem sofrido, faminto, cheio de esperanças, e capaz de acreditar neste sonhos como realidade possíveis de serem alcançadas.

Contudo, as utopias desagradavam a Igreja. Era como se fosse uma outra crença diferente dos evangelhos, cuja promessa de paraíso era exatamente o oposto do que a crença leiga vinha propor. Isto é, nas utopias, o paraíso era terrestre; na religião católica , era divino. Para conquistar as utopias , bastava a vontade humana e uma dose de esforço; enquanto que as promessas divinas eram para a outra vida e cabiam sempre ao clero dar a palavra final .

Em nome das utopias, muitos seguiram os heréticos , os místicos, os eremitas a ponto de, em 1096, Pedro , o Eremita e Guatier Sem-Vintém criarem um movimento extra-oficial que desaguou na Primeira Cruzada, totalmente massacrada pelos turcos, mas que serviu como exemplo para se

mostrar a força que os místicos daquela época possuíam , principalmente se o mote das ações era a busca de uma utopia.

Como sempre, a Igreja foi bastante hábil para incorporar este sonho das utopias, e por esta razão, e não à toa, que a libertação da Terra Santa por parte dos cristãos, transformou-se num fazer católico e a Santa Sé chamou para si a “ árdua tarefa “ de reconquistar a Terra Santa.

A Fartura

*“ Os servos tinham que trabalhar, nas terras do senhor,
3 dias por semana ou mais (até 5 dias por semana !).
Ou, então deviam entregar-lhe parte da colheita
das terras que cultivavam”
Idel Becker*

A Idade Média foi responsável pela criação do Regime Feudal, totalmente calcado sobre a produção da terra e o trabalho escravo. Os vassallos deviam tudo ao senhor das terras , inclusive a própria vida. Numa sociedade desta natureza, onde o que se produzia era para a satisfação do Senhor Feudal , e quando não, para o Senhor Divino , através da força do clero, não poderia haver abundância para o povo.

A opulência dos castelos contrastava com a vida da plebe. Mesmo já na Baixa Idade Média quando as cidades começaram a se proliferar e a “libertação” do campo dava ao ser humano uma nova chance de vida, muitos moravam nas ruas, sem trabalho, doentes, sem esperanças, e não morrer de fome era o objetivo maior dos pobres que viviam no medievo. O começo da burguesia também foi feito sobre a exploração dos mesmos vassallos do senhor feudal, só que na cidade.

Para facilitar o entendimento, podemos dividir aquela época em três grupos de pessoas : os que combatiam , os que rezavam e os que trabalhavam . Os combatentes eram os senhores feudais que comandavam grandes glebas de terra, lutavam pela manutenção de seus domínios e controlavam a vida política. Detinham o poder temporal

Os que rezavam eram os padres e toda a sorte de clérigos, místicos, eremitas, os quais possuíam outro tipo de poder : o espiritual. Numa sociedade teocêntrica, não fica difícil de se imaginar a força que possuíam .

E para alimentar a todos , havia os que trabalhavam : os vassallos, camponeses que tinham a função de ceifar, plantar, colher, criar animais. Estes transmitiam a seus filhos a sua tarefa, criando um círculo vicioso e imutável, isto é, havia os que nasciam para nobres e os que nasciam para vassallos, afinal “Deus queria que fosse assim”. Não era à toa que o reino de Deus era apenas no outro mundo, pois naquele reino terreno da Idade Média o clero e os nobres já haviam feito a partilha ...

Na busca de melhorar de vida , muitos camponeses conseguiam arrendar pequenas glebas de terra dos senhores feudais e , mesmo tendo que pagar os tributos do arrendamento, eram obrigados, por conta da vassalagem , doar ao senhor feudal no mínimo três dias da semana para o trabalho gratuito em favorecimento dos nobres. Mesmo estando sob este regime de escravidão, estes arrendatários acabavam sendo pessoas diferenciadas, isto é , tinham uma vida melhor. Os demais eram camponeses que trabalhavam para o senhor feudal em troca da comida diária, simplesmente para não morrerem de fome

Com o surgimento da burguesia, muito desta mão de obra foi dar sustentação à pequena indústria e ao comércio nos burgos nascentes e esta miséria foi atenuada em parte.

Ainda se não bastasse , além dos que lutavam, dos que rezavam e dos que trabalhavam, restavam os marginalizados : doentes em geral , principalmente os leprosos , as prostitutas, os vagabundos, os errantes, indivíduos sem moradia que ficavam pelas ruas das cidades para roubar e pedir pelo pão. Muitos dos excluídos eram impedidos de entrar nas cidades, e seus corpos eram considerados prova de seus pecados, mereciam, portanto, ser como eram, por isso, ninguém se apiedava deles. Os medievais consideravam o corpo humano sagrado, assim, estar doente, ser marginalizado nada mais era do que “a prova cabal de seus próprios pecados”. E com isso a Igreja “descansava” na sua opulência, tendo a “consciência tranqüila” em relação a toda esta miséria, afinal era assim mesmo, “... é a vontade de Deus...”.

Junto a estes marginalizados estavam ainda os hereges e os estrangeiros sem berço, principalmente os judeus que eram vistos como ameaça contra a estabilidade de um dos pilares mais importantes da sociedade ocidental de então : a religião.

Numa sociedade desta ordem, morrer de fome não era fato incomum. Justamente por isso que a Fartura foi considerada a maior de todas as Utopias medievais. O ser humano, naquela época, sonhava com o dia em que a sua fome fosse saciada, e , se um objeto mágico fosse capaz de trazer alimento para os famintos, ou se houvesse um lugar onde houvesse abundância, e os pobres pudessem comer e viver em paz, livre da miséria e da opressão, seria o paraíso.

Num mundo desconhecido geograficamente, com muito ainda a ser descoberto , achar esta terra da fartura era o que mais povoava o imaginário do ser humano de então. Em torno disso surgiram mitos, os quais foram perseguidos, inclusive durante os descobrimentos.

Esta terra mágica, repleta de abundâncias era a Cocanha. A primeira referência a esta terra de fartura ocorreu em 1.142 e a partir daí teve ampla difusão sendo que por volta dos séculos XV e XVI sua difusão foi ainda maior, provavelmente por conta dos descobrimentos. Cocanha vem do francês *coquere* que significa “cozinhar”. Sua difusão se deu entre as camadas mais pobres da população da época, como é lógico se entender, uma vez que os ricos de então raramente enfrentavam o problema da fome. Giuseppe Cocchiara afirma com propriedade ao dizer que o cerne da Cocanha é “sempre um fundo psicológico comum, onde está vivo o desejo de um mundo melhor, livre da dor e da necessidade” , uma utopia que atenuava o sofrimento e a repressão da Idade Média, daí a Cocanha ter até mesmo um caráter anárquico , onde tudo era de todos e qualquer um poderia ter acesso àquilo que no rígido sistema feudal pertencia apenas a alguns poucos. Encontrar esta terra mítica era um sonho almejado por muitos, portanto.

É fundamental entender que o mais importante em um mito é o seu caráter pedagógico. Cabe a ele ensinar aos seres humanos o conhecimento de si próprios, o sentido da existência, enfim. É no imaginário simbólico que o mito se instala e faz revelações que não podem ser ditas pelas palavras, apenas

pelos símbolos, palavra cuja etimologia – *sym – ballein*, significa juntar, unir. Quer dizer, mais do que uma palavra, um objeto se torna símbolo porque une toda uma gama de significações .

Foi em torno da Fartura, da terra da Cocanha, deste símbolo, que ganharam força os mitos do Cálice Sagrado e do Reino do Preste João, o objeto e o espaço mágicos capazes de saciar a fome , dar fim à miséria e ao sofrimento . Neste sentido, não fica difícil de se entender certas passagens da carta de Caminha sobre a terra “descoberta” por Cabral, principalmente o “em se plantando tudo dá”, uma clara alusão à fartura , além de todas as belezas que aqui havia e foram relatadas a D. Manoel .

Embora estivessem ligados diretamente à Fartura , ambos , o mito do Santo Graal - o Cálice Sagrado - e do Preste João tiveram destinos diferentes. Enquanto o Cálice, no tempo presente, continua sendo símbolo de espiritualidade , de magia da qual até hoje a humanidade vem se valendo; o Preste João acabou desaparecendo pela simples constatação de sua inexistência física. Para muitos, entretanto, o Preste João acabou desaguando em uma outra variante mítica que persiste entre os místicos modernos : o centro espiritual do mundo , um lugar também mágico, habitado por seres perfeitos , especiais e com poderes excepcionais, cuja função é guiar o mundo para o seu real destino, completando, assim , a Obra divina, minorando o sofrimento humano. Por esta razão , teve e tem muita força a lenda de Shangilá, no Himalaia , como sendo este paraíso, um espaço de monges capazes de orientar líderes na conduzir melhor o mundo em que vivemos. Um pouco desta forma de pensar, no passado , respingou no Tibet com os monges tibetanos e a figura do Dalai Lama , cuja realeza não é material. Um galardão que ele conserva até hoje.

Seja como for, na época dos descobrimentos , tanto o Preste quando o Cálice ainda tinham força suficiente para motivar tripulações, investidores e reis na busca da Fartura, afinal não seria por pura brincadeira que o Infante D. Henrique pediria a seus navegantes : “Trazei-me notícias do reino do Preste João” , à partida de suas naus com destino às Índias . E com uma agravante: conforme cantavam os trovadores e as novelas de cavalaria, era justamente para um lugar, como este, misterioso, insondável, que Parcival teria levado o Cálice Sagrado para guardá-lo para sempre, talvez o Reino do Preste João .

Estas histórias se misturavam à esperança e a crença de que havia de fato um lugar assim em algum canto do mundo, era uma fé sólida e viva.

O Santo Graal

*A busca do Graal permanece na perenidade.
Pouco importa a região ou época em que se desenrole.
Ela encarna invariavelmente a Luz por trás da trama do tempo.
Perceval não está morto.
Ele peregrina ainda sobre os caminhos do Graal !
A lenda de Arthur pertence à eternidade, mantém-se-lhe imanente...*

Patrick Rivière

Renascido de geração em geração , o Graal ainda nos envolve , nos enche de significados e nos conduz aos tempos de Arthur e seus cavaleiros, a Távora Redonda. A sua origem está ligada a algum tipo de receptáculo .

Para muitos estudiosos, ele se liga diretamente a Caldeira de Keridwen, uma lenda céltica. Conta esta lenda que uma mulher de boa linhagem – Keridwen, tinha um filho muito inculto e decidiu fazer um elixir do conhecimento a fim de transformá-lo num homem sábio. Preparou, então, uma infusão com ervas e mandou que o anão Guyon tomasse conta da poção em ebulição. Uma tarde, a infusão transbordou e três gotas da poção saltaram fora da caldeira atingindo o dedo do Guyon que instintivamente colocou-o à boca para refrescá-lo da fervura das gotas . O que se deu foi a sua completa iluminação , tendo ele alcançado o mais alto grau do conhecimento

O Graal , portanto, estaria sempre ligado ao conhecimento, à saciedade física e espiritual, à iluminação e à fartura, enfim, sua força foi tamanha – e ainda é - que dificilmente iremos encontrar algo que se lhe equivalha em sentido místico.

Nos mais diferentes textos, o Graal é mostrado como sendo : ora um objeto imaterial, munido de movimento próprio e de natureza indefinida e enigmática; ora uma pedra , como a pedra celeste , a pedra da luz, ou a esmeralda caída da testa de Lúcifer , chamada de *lapis ex coelis* e ora um recipiente, um cálice na maioria das vezes – e assim se confirmou para a posteridade - e por outras vezes até mesmo uma bandeja, ornamentada, de ouro e pedras preciosas. .

De outra parte, na saga do cálice, quem acaba conduzindo os cavaleiros medievais ao Graal são mulheres, elemento estranho na literatura cristã, mas de grande força na seitas místicas e heréticas da Idade Média : o eterno feminino, banido da religião católica. Da mesma forma, há poucos padres dentro da saga do Graal, num claro repúdio às interferências eclesiásticas na busca do vaso sagrado, como se a Igreja devesse ficar fora desta contenda. Quase sempre Deus, Cristo, o próprio Cálice se comunicava diretamente com as pessoas, os cavaleiros, prescindindo na intermediação do clero.

Mesmo depois que a saga foi cristianizada, a Igreja nunca viu o mito do Cálice com bons olhos. Estas constatações são importantes, principalmente se levarmos em conta que a cavalaria, como veremos – a guardiã do Graal - já havia se distanciado da Igreja muito mais do que poderia suportar S. Bernardo de Clairvaux, incentivador das ordens cavaleirescas, como os Templários, por exemplo.

A epopéia do Santo Graal todos conhecemos. Na verdade, é a mais bela de todas as epopéias e não iremos aqui discorrer sobre ela de maneira plena , pois seria demais para uma só obra. O que nos interessa é pinçarmos elementos da saga, ora aqui, ora ali de modo a montarmos uma imensa colcha de retalhos que , com certeza, povoou a mente medieval.

Mesmo a lenda do Graal tendo sido escrita por volta do século XII, período áureo da Baixa Idade Média , os tempos eram de penúria e fome . A busca de lugares ou objetos mágicos onde houvesse abundância, fartura , alimento, nos conduz à terra da Cocanha.

O alimento era justamente a primeira das virtudes do Graal. Conta a história que José de Arimatéia, juntamente com seus cavaleiros, foi alimentado pelo Graal durante todo o período de seu cativeiro que o rei Cruel lhe impôs, um

período que durou 40 anos ! Geralmente, quando o Graal aparecia, ele dava “nutrimento” , dava “vida”, o que faz ir mais além e entender esta virtude do Graal como alimento espiritual também . Passagens que falam de rios de mel e de alimentos em abundância como “alimentos semelhantes aos do paraíso” , aparecem com freqüência nos relatos do Graal.

Além do alimento , com a introdução dos elementos cristãos na saga , a hóstia passou a designar também o alimento espiritual, sendo , portanto, o cálice o caminho para a iluminação, o sobrenatural, a virtude, além de atribuir ao seu portador o dom da vitória, do domínio. Por esta razão que ele sempre foi cobiçado e em torno do Graal se construiu uma literatura que acabou povoando o imaginário do ser humano daquela época, e por que não dizer, do ser humano moderno .

Afinal, o Cálice nunca foi encontrado o que mantém vivo ainda o tema. Este sentido de “busca”, de “procura” através dos caminhos tortuosos do misticismo e do mistério, é o que embala a “Demanda do Graal” nos tempos atuais, o que faz do Graal um símbolo e não apenas um objeto sagrado .

As fontes mais importantes sobre o Graal são o *Le Conte del Graal*, de Chrétien de Troyes, escrito entre 1162 e 1188; o *Roman de l'estoire dou saint graal*, de Robert de Boron, entre 1190 e 1199 ; o *Perlesvaus*, de autor desconhecido, entre 1190 e 1212 e *Parzival*, de Wolfran von Eschenbach , entre 1195 e 1216 .

Análises e estudos comparativos já foram feitos destas obras ao longo dos séculos. Afirmar-se qual a verdadeira, qual a mais importante é um caminho que foge a nossa leitura. Vale consignar aqui que a obra de Chrétien é de fato a mais antiga e é considerada a fonte de todas as demais. Robert de Boron foi o responsável pela introdução dos elementos cristãos na saga, além de juntar a ela elementos extraídos de alguns evangelhos apócrifos . Quanto à obra anônima, *Perlesvaus* , modernamente os especialistas aceitam que ela foi escrita por um Monge Templário . Por fim , a obra de Eschenbach , extremamente mística e foi talvez a que mais povoou o imaginário do medievo, e mesmo depois dele. Elementos de várias correntes místicas se mesclam na sua versão e por causa disto é considerada a mais rica de todas no que tange ao misticismo e às utopias.

A origem da saga é nebulosa. Parece que está ligada ao um certo Kiot de Provence , sábio da Escola de Toledo, o qual teria pegado a história de um pagão (com prováveis ligações árabes) chamado Flegetanis. Até mesmo para alguns, Flegetanis é realmente o título de um livro árabe , *Fele-Thâni*, que encerrava algum conhecimento secreto .

Na verdade, a história do Cálice em si mesma não é nosso objeto, como dissemos antes. A nós, interessa uma visão apenas de como tudo isso foi “lido e traduzido” pelas mentes da época em que ocorreram os descobrimentos, uma vez que o sentido do misticismo, da utopia do século XV é que embalsamaram os descobrimentos, já que em 1470, o tema foi retomado por Sir Thomas Malory em seu famoso *La Morte d'Arthur*, e em muitas publicações , esta obra acabou sendo encartada na Demanda , uma vez que completa o ciclo arturiano da Távora Redonda, trazendo todo o drama de Arthur , da traição de Lancelote e Guinevere, a doença e a morte de Arthur e o retorno de Excalibur – a espada mágica - ao lago.

Quanto ao Graal propriamente dito , o que mais se fixou foi que ele seria o cálice no qual Jesus teria bebido o vinho da última ceia e onde também o seu sangue fora colhido na cruz. Após sua morte, José de Arimatéia teria trazido o Graal para a Inglaterra, especificamente para Glastonbury , cuja tradução é “cidade de vidro” . Em 1190, no cemitério da abadia nessa cidade, foi descoberto um túmulo com uma provável inscrição de que ali havia sido enterrado Arthur e as ligações deste rei lendário com o Graal ficaram ainda mais intensas .

Alguns relatos registram que José de Arimatéia ainda comercializou estanho extraído da Inglaterra em todo o Mar Mediterrâneo, tendo inclusive voltado à Palestina.

Para outros, Madalena levou o Graal para a França, especificamente Marselha. Nesta parte do sul da França é que estava o Languedoc para onde os Templários vieram quando sua missão acabara na Terra Santa, e lá construíram um porto , em La Rochelle , próxima de Provence. Aliás, esta região é que deu origem às cantigas medievais, também chamadas de Cantigas Provençais, e lá é que se deu o apogeu dos chamados Fiéis do Amor, trovadores, muitos dos quais monges cátaros , que através de uma vida

itinerante em nome da poesia, iam propagando uma filosofia cifrada dentro os versos das cantigas.

Daquela parte até hoje, o que se tem são especulações a respeito do destino e paradeiro do Cálice Sagrado, e até teorias a respeito da veracidade de sua existência ou não, ou mesmo a sua origem. Um longo percurso é o do Cálice. Alguns o colocam na Arca de Noé; outros afirmam que Cleópatra o possuía; há quem afirme que Moisés já o tinha, entanto foi a lenda de Arthur e a Távora Redonda que mais o popularizou. E não só, encheu a saga de misticismo.

Vejamos : o cálice aparece num dia de Pentecostes – dia do Espírito Santo, a Távora Redonda possuía 12 cavaleiros, numa alusão direta ao Cosmo com os doze signos do zodíaco. A cadeira vazia, o 13º lugar – número místico por excelência, é preenchida no mesmo dia de Pentecostes por Galaaz, cavaleiro puro e sem mácula, filho de Lancelot, Justamente Galaaz – que nunca conhecera e nem conheceria uma mulher, acaba encontrando o Cálice, embora Parzival e Lancelote ganhem também a primazia de vê-lo – Parzival é quem ao final o conduz, provavelmente para a Ilha de Avalon. Em outras palavras, para o Centro do Mundo

Na busca do Cálice muitos vão sucumbindo, como se muitos fossem chamados e apenas um o escolhido, um itinerário tipicamente cristão. Em Camelot, sede da corte de Arthur, há mágicos, como Merlin, capaz de mover pedras com o pensamento; há Excalibur, a espada mágica que faz sempre vencedor aquele que a possui, enfim, todo um misticismo cujo tempo fez estudar em inúmeras obras que até hoje encantam, escondem e revelam segredos que as sociedades iniciáticas modernas ainda tentam decifrar.

Inúmeros cavaleiros tentaram seguir as pegadas dos cavaleiros da Távora Redonda. Hoje, parece que existe uma concordância sobre o fato de o Graal ser o objeto de uma busca espiritual. Encontrá-lo talvez não seja tão importante quanto procurá-lo, pois nesta busca é que se exercitam os valores que conduzem à plena realização do ser. Portanto, mais do que um cálice, o Graal é pura iluminação.

Vale lembrar ainda que no *Parzival* de Wolfran von Eschenbach, o Cálice Sagrado, como dissemos, era feito da pedra caída da testa de Lúcifer quando

de sua queda. Etimologicamente , Lúcifer vem de “ *lux, lucis et fero*” , isto é, “eu conduzo a luz”, e portanto , capaz de iluminar os seres humanos, de onde se vê a grande ligação que Parzival – aquele que está conduzindo o graal a seu destino , tem com as escolas místicas de seu tempo e dos tempos atuais. Este saber advindo com a luz já havia figurado na Mitologia Greco-Romana com a história de Prometeu.

Em Portugal , a “Matéria da Bretanha” , como eram conhecidos os textos arturianos e onde se situava o relato do Graal, data do reinado de D. Afonso III (1245-1279) . Fernão Lopes, na Crônica de D. João I, salienta que Nuno Álvares Pereira, lia constantemente estas histórias , principalmente a história de Galaaz, o cavaleiro que conquista o Graal. A força desta lenda era tão grande entre os portugueses que o próprio rei D. João I , no acampamento em pleno combate na cidade de Coira, lamentou que não tivessem a seu lado os cavaleiros da Távora Redonda... e ao acreditar na Távora, implícita também estava crença em Camelot, em Merlim, no Cálice Sagrado, em Excalibur ...

Recentemente, a obra “ O Santo Graal e a Linhagem Sagrada “ , traz uma outra teoria sobre este mistério : a do sangue real.

O Santo Graal deixaria de ser um objeto e poderia ser uma corruptela de Sang Real. Sua história romanceada serviu para esconder a descendência de Jesus e Maria Madalena.

A tese é uma das mais fascinantes dos últimos tempos sobre o assunto. Em torno de muitas informações contidas nesta obra e sua seqüência , “ A herança Messiânica “ , um dos maiores best sellers modernos foi escrito, “ O Código Da Vinci” , transformando o tema – descendência de Jesus - ainda mais instigante. O que mostra que o mistério que envolve o Graal está longe de terminar. Mais ainda, todo o seu misticismo e as possíveis significações se ampliam com o tempo em vez de desaparecer .

Contudo, sem adentrarmos na questão marital entre Jesus e Maria Madalena, o que até acreditamos possa ser de fato verdade, para os que começaram a acreditar nesta linha de pensamento histórico, do Sang Real , as recentes descobertas feitas pelos estudiosos serviram para desmascarar este mito.

De início, o manuscrito do Priorado de Sion, que seria o grande guardião da linhagem de Jesus, e fonte de toda a pesquisa da obra, não passou de uma invenção de Pierre Plantard , o qual confessou tratar-se de uma farsa criada por ele em 1956. Assim nem Leonardo Da Vinci, e os demais grãos-mestres da organização o foram de fato, nem mesmo eram dotados de algum tipo de saber envolvendo Maria Madalena, posto que o priorado nunca existiu.

Para ainda confirmar a farsa, em recentes estudos profundos de análise de DNA , ficou demonstrado que a linhagem dos Merovíngios, como citado na Obra “ o Santo graal e a Linhagem Sagrada” nada possui da linhagem dos judeus do tempo de Jesus, o que faz cair por terra ter sido Madalena conduzida até o sul da França com a filha do Cristo e lá criado uma descendência que existe até hoje. Não existem traços judeus no DNA dos Merovíngios.

Romances como o “Código Da Vinci” servem para avivar questões que pairam no imaginário popular , e até mesmo, no imaginário de estudiosos. No fundo , todos gostaríamos de saber “ a verdade histórica” , ainda mais no que tange à vida de Jesus, cujas referências históricas são sempre insuficientes face à magnitude do que ele significa.

Entretanto, justamente pelo seu caráter popularesco, estas obras carecem de sustentação mais sérias por conta total da ausência de provas cabais, capazes de trazer luzes novas à história crística.

Talvez seja exatamente esta a sina: acreditar-se no cristo da fé sem as provas históricas contundentes de suas atividades descritas na bíblia. No fundo, o Cristo histórico e o Cristo da fé são coisas diferentes, como o Buda histórico e o Buda da fé , e tantos outros avatares que existiram e existem na terra. A fé não exige a verdade histórica porque a verdade da fé é outra. É uma verdade em que se acredita sem provas e neste acreditar justamente está a fé. Por isso, toda religião se embasa em dogmas cujos textos prescindem de provas. Assim é o Credo Cristão e tantos outros credos das mais diferentes religiões – na seara das religiões, para quem tem fé , as provas históricas são totalmente desnecessárias.

Contudo, voltemos ao Santo Graal das utopias. Erich Köhler , em *L’aventure chevaleresque*, 1974, afirmou : “Pode-se dizer da Idade Média, num sentido

muito preciso e particular, o que caracteriza geralmente toda pretensão de grupos ou de indivíduos que desempenham um papel histórico, isto é, que os homens experimentam desde sempre a necessidade de imaginar que o ideal, objeto de sua busca no presente, existiu como realidade num passado remoto”.

Pois bem, esta “existência num passado remoto” é que deu “certeza” aos cavaleiros medievais de que o Cálice existia e quando a cavalaria deixou de ter a importância de antes, é perfeitamente lícito supor que esta mesma “certeza” passou para o imaginário dos argonautas dos descobrimentos.

Principalmente porque “uma nave de velas brancas com uma cruz vermelha ao centro” é que conduz Parsifal com o Graal, a um lugar desconhecido do qual Parsifal não voltaria jamais. Velas brancas com uma cruz ao centro é o que não faltou nas caravelas dos descobridores portugueses. Para muitos, este lugar desconhecido para onde foi Parsifal era o paraíso terrestre - outra importante utopia medieval - um lugar também imaginário que se fundia a uma outra lenda do medievo, a qual serviu para embalar os descobrimentos : o reino do Preste João.

O Reino do Preste João

*“E era este o Prestes João, de quem falavam todos, no grande Império. Os tártaros davam-lhe uma renda de dez cabeças de gado (o dízimo). Mas o povo multiplicou-se, e, quando isto viu, o Prestes João decidiu dividi-lo por várias regiões, e enviar, para governá-las, alguns dos seus barões.
Marco Polo.*

Nos moldes criados pela imaginação medieval , sabemos que o Preste João nunca existiu . O que não invalida a possibilidade de ter havido um rei-sacerdote cristão em África. Os europeus, principalmente do século XV, costumavam misturar seus conhecimentos geográficos com lendas, e a realidade com a imaginação. Não era somente o Reino do Preste que povoava esse imaginário. Muitos , na época , buscavam encontrar o país lendário de Offir de onde teria vindo todo o tesouro de Salomão. O próprio Colombo tentou encontrar este país na América ; outros navegadores procuraram-no na África.

Contudo, esta é a magia da utopia : para os homens de então, estes lugares eram reais, o Preste existia, era rico, poderoso, cristão, e até mesmo enviava cartas e presentes aos soberanos europeus.

A crença dizia que sua força era tamanha que nenhum rei poderia se opor a ele. Os que tentaram em combates, sucumbiram frente ao poderio de seus exércitos. Em sua terras, corriam rios de mel, os campos eram repletos de árvores frutíferas e ninguém passava fome. Na verdade, se às vezes o Reino do Preste João se confundia com o próprio paraíso, em outras ocasiões ele era próximo ao Éden ...

A Vulgata fez prevalecer a tradução grega da palavra “paraíso” como sendo originária de *parádeisos*, derivada do persa *pairidaeza*, “jardim”. “Eden” e designava originariamente uma localização, “planície”, mas que acabou significando “delícias”. Por isso, o Paraíso sempre foi associado à beleza, fartura, esplendor. Sua fascinação era tamanha que muitos saíram à sua procura, como relatam os manuscritos da época, em números altamente expressivos relatando sagas, inclusive as de São Brandão e Santo Amaro de quem trataremos mais à frente.

Embora devamos separar a busca do Paraíso da busca do Reino do Preste João, fica evidente que na maioria dos casos a “demanda” de ambos poderia ser a mesma. Para muitos, o paraíso era logo ali, ao se dobrar a África, indo em direção ao Oriente. Uma trajetória que é a própria rota e essência dos descobrimentos.

Hilário Franco Júnior comenta: “Segundo o texto bíblico, o Paraíso está situado no Oriente, e esta opinião prevaleceu ao longo da Idade Média, apesar de diversas especulações sobre sua localização. Aqueles que, seguindo a autoridade da *Bíblia* e dos Pais da Igreja, concebiam-no no Oriente acreditavam que as dificuldades em encontrá-lo deviam-se a ele ter se tornado invisível após o Dilúvio. Outros, como São Basílio, Sulpício Severo, Beda e Dante, pensavam que o Paraíso ficava na região dos antípodas, oposta à terra habitada e separada desta por um oceano intransponível. Outros ainda, caso de Tertuliano, São Boaventura e Santo Tomás de Aquino, imaginavam que ele ficasse na zona tropical. Os celtas colocavam-se no Ocidente. Alguns

identificavam o Paraíso com as Ilhas Afortunadas dos clássicos e localizavam-no então nas costas da África.”

Dá para imaginar quão importante era, então, continuar circundando a África na busca dos povos orientais. Lá poderia estar o Paraíso, uma terra que se não era a mesma, estava próxima do reino utópico do Preste João, um rei que enviava presentes e cartas aos soberanos europeus, as quais hoje são consideradas falsas, não podendo ser atribuídas àquele soberano

Por outro lado, muito se discutia sobre o paraíso ser numa montanha ou numa ilha. As montanhas sempre tiveram um lado místico muito forte, tanto para os gregos quanto para os hebreus, como sendo a morada dos deuses. De outra parte, uma ilha é considerada como sendo sempre um microcosmo, um centro espiritual. Assim foram Avalon, ou as Ilhas de São Brandão e Santo Amaro.

A mais antiga referência conhecida do Preste João encontra-se em um documento datado de 1.123, no tempo do papa Calixto II. Depois desta, várias outras manifestações se seguiram, sempre com o mesmo tom paradisíaco de seus domínios, o que fez por dar asas a imaginação dos medievos de então.

A palavra Preste significa presbítero, daí o caráter espiritual de seus domínios, o lado religioso de seu reino. A crença na existência do Preste foi tão grande que o D. João II enviou por terra Afonso Paiva e Pero da Covilhã, emissários seus, para encontrar esse reino, cuja localização se confundia entre a Etiópia, a Guiné, a Núbia. Afonso Paiva adoeceu e acabou morrendo no Cairo, mas Pero da Covilhã, que já tinha feito serviços secretos para D. Afonso V, cegou às Índias sem 1.489, antes mesmo de Vasco da Gama .

O próprio Marco Polo, em seus relatos de viagem, no século XIII, afirmou que o Preste reinava lá pelos lados da China e, ainda, no mapa-mundi do *Insularium Illustratum Henrico Martelli*, de cerca de 1.492 se vê o registro do Preste João como sendo “jimperator tocius Indie”, o mesmo se dando com o globo de Martin Behaim, da mesma data.

Fica fácil, portanto, se entender que para os homens daquele tempo o Preste João existia de fato. Principalmente em Portugal, onde é conhecido um documento intitulado “Carta das novas que vieram a El rei nosso senhor do

descobrimto do Preste João”, um livrinho de 14 páginas, impresso em Lisboa, em 1.521, que fala das terras do Preste. Verdade ou mentira, falso ou verdadeiro o relato, não é relevante hoje , depois de 500 anos. Na verdade, o Preste era tão real quanto as demais utopias daquele tempo.

O ser humano é sempre produto de seu próprio tempo, e por isso acaba tendo a exata dimensão de sua época. Acredita no que é possível para o seu próprio mundo, inventa lendas, relato de acordo com a sua capacidade de acreditar. Por isto, se as utopias existem é porque se acredita nelas, e em se acreditando, passa-se a buscá-las .

Para reforçar esta fé havia registros da existência de cristãos nestorianos nas costas da África. Acreditava-se ser uma comunidade cristã criada por São Tomé e na sua carta ao Rei D. Manoel , Vasco da Gama, relatando sua viagem às Índias , confirma a existência de cristãos perto de Calecut e Cochim , tanto que escreve textualmente: “ Naquele Reino há muitos cristãos verdadeiros da conversão de S. Tomé e os sacerdotes deles seguem a vida dos apóstolos com muita estreiteza, não tendo de próprio senão o que lhe dão de esmolas, e guardam inteira castidade e tem igrejas em que dizem missas e consagram pão ázimo e vinho que fazem de passas secas com água por não poderem (ter) outro, e nas igrejas não , senão a cruz, e todos os cristãos trazem os vestidos apostólicos, com suas barbas e cabelos sem os nunca fazerem, e ali achou certa notícia de onde jaz o corpo de S. Tomé, que é 150 léguas de ali na costa do mar, em uma cidade que se chama Maliapor, de pouca população, e me trouxe terra de sua sepultura, e todos os cristãos e assim os mouros e gentios pelos grandes milagres que faz vão a sua casa em romaria; e assim me trouxe dois cristãos, os quais vieram por seu prazer e por licença de seu prelado para os haver de mandar a Roma e a Jerusalém e verem as cousas da Igreja de cá, porque têm que são melhor regidas por serem ordenadas por S. Pedro, e eles crêem que foi a cabeça dos apóstolos, e eles serem informados delas; e também soube novas certas de grandes gentes de cristãos que são além daquele Reino (n), os quais vêm em romaria à dita casa de S. Tomé, e têm Reis mui grandes os quais obedecem a um só e são homens brancos e de cabelos louros e havidos por fortes, e chama-se a terra de Malchina, de onde vêm as porcelanas e almiscar e ambar e lenho alois, que trazem do rio Granges, que é aquem deles; e das porcelanas há vasos tão finos que um só vale lá cem cruzados”

Ao pedir para seus marujos : “Trazei-me notícias do Reino do Preste João”, à partida das naus, o Infante D. Henrique sintetizava todas estas crenças numa utopia só: a Fartura, o país da Cocanha, a lenda do Graal e o Paraíso terrestre, pois era sabido também na época que os rios que nasciam no Paraíso levavam até as terras do Preste João pedras e metais preciosos em abundância. Além do mais, no Reino do Preste ficava a Árvore da Vida e perto dela a Fonte da Juventude. Os relatos afirmam que o Preste aparentava 32 anos quando na verdade tinha 536 !

A isso devemos somar a crença de Jerusalém Celeste, as idéias do Centro do Mundo, até recentemente aceitas pelas sociedade místicas, como a Sociedade Teosófica, por exemplo, e acima de tudo o parentesco de Parzival , o condutor do Graal , com o próprio Preste João, seu sobrinho.

Todos estes relatos, ditos ou contados a um só tempo, apenas reforçavam as utopias de então. Buscá-las era mister, partir , ir até lá, além de lá, na montanha onde estão os deuses, os castelos de ouro, os rios de mel , e nas ilhas paradisíacas onde o Graal se encontra. Era preciso vencer o mar e chegar aos lugares onde nunca se tinha ido de modo a se confirmar a fé e se conseguir riquezas .

Navegar é preciso

*“ Ó mar salgado, quanto de teu sal
São lágrimas de Portugal !
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar !*

*Valeu a pena ? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu”*

Fernando Pessoa

Não é possível fugir de um ponto de partida : as navegações. Os descobrimentos tiveram como motivação a ambição econômica. Para se ter uma idéia, a primeira viagem de Vasco da Gama para as Índias rendeu seis mil por cento de lucro !

Com a queda de Constantinopla, tomada pelos turcos otomanos, veio um outro e maior problema: a rota que ligava o oriente ao ocidente pelo Mediterrâneo estava cortada. Os piratas turcos atacavam todas as embarcações, tornando a navegação comercial impossível. Por outro lado, os italianos , através de acordos e alianças comerciais, conseguiam vantagens especiais e as especiarias, as drogas, as pérolas, a seda, os perfumes começaram a escassear na Europa ou passaram a ter preços absurdos. Era preciso se chegar com urgência ao oriente por outro caminho : dando a volta na África.

O modelo do mundo era ainda o criado, por um lado , pela idéias de Aristóteles a respeito do Universo, e por outro, pela concepção do astrônomo grego Ptolomeu, século II d.C., que via a Terra como o centro de tudo e o Oceano Índico como um lago, uma África horizontalizada, fácil de ser circunavegada e assim se chegar às Índias. Quem conseguisse esta façanha, fatalmente , conseguiria comandar a economia mundial

Por outro lado , a vocação de Portugal sempre foi marítima. Espremido entre a Espanha e o mar , na ponta da Península , o povo português ergueu os olhos e ousou desafiar o mar tenebroso, salgado pelas lágrimas das mães, das noivas, das esposas que choraram suas perdas , como disse Fernando Pessoa

Os textos afirmavam , nos saraus da corte portuguesa, entre cantigas e novelas de cavalaria, que o Paraíso era no oriente, algo como se fosse logo ali, perto do Reino do Preste João, onde estava a terra da Cocanha , com sua fartura e onde o Graal esperava por quem o achasse para dar imortalidade ao seu possuidor .

Então, o que esperar , era apenas atirar-se ao mar . E de um momento para o outro , o mundo se tornou pequeno demais para o povo português. O que havia do lado de lá ? Isto tudo que as utopias afirmavam, ou apenas o

abismo e os monstros marinhos ? Onde acabava este mar, onde daria este caminho, por “mares nunca dantes navegados”...

Hoje, o homem busca um novo caminho nas estrelas. Claro que há diferenças, e grandes, mas a busca é a mesma: o desconhecido, o ir além. Contudo, hoje o vôo das espaçonaves é guiado pela ciência, pela tecnologia, sabemos por onde trilhar, temos os telescópios, falamos com os astronautas. Naquele tempo, nem se sabia como navegar.

O que hoje chamamos de pesquisa, antes tinha outro nome : aventura. E isto fez com que os homens se entregassem à realização das utopias sonhadas e cridas na Idade Média, e elas tinham uma só direção : o mar , afinal , navegar é preciso, ser capaz de chegar, ser capaz de encontrar, partir, desbravar. Uma tarefa nada fácil para época.

No diário da Expedição de Fernão de Magalhães em volta do mundo, Antonio Pigafetta relata “ ... Já não tínhamos mais nem pão para comer, mas apenas polvo impregnado de morcegos, que tinham lhe devorado toda a substância, e que tinha um fedor insuportável por estar empapado em urina de rato. A água que nos víamos forçados a tomar era igualmente pútrida e fedorenta. Para não morrer de fome, chegamos ao ponto crítico de comer pedaços de couro com que se havia coberto o mastro maior, para impedir que a madeira roçasse as cordas. Este couro, sempre ao sol, à água e ao vento, estava tão duro que tínhamos que deixá-lo de molho no mar durante quatro ou cinco dias para amolecer um pouco. Freqüentemente nossa alimentação ficou reduzida à serragem de madeira como única comida, posto que até os ratos, tão repugnantes ao homem, chegaram a ser um manjar tão caro que se pagava meio ducado por cada um...”

Foi muito mais do que acreditar em algo, foi buscar os sonhos, ou então criá-los em cada terra descoberta, em cada ilha, em cada montanha, em cada vila fundada, como se querendo instaurar um paraíso, não tão perfeito, já que o verdadeiro cada vez mais se apresentava como sendo impossível de ser encontrado. A fartura foi sendo obtida nas terras “onde se plantando tudo dá” e aos poucos se percebeu que o Graal nada mais seria do que a busca interior da espiritualidade.

Com as navegações e os descobrimentos o mundo aumentou seu tamanho e com isso veio a possibilidade de ele se completar. Era a hora e a Obra , como diriam os místicos, foi sendo construída também através da fé. Não da fé cega, desprovida de tirocínio, mas da fé consciente e com até mesmo de um certo grau de ciência, ou pelo menos da ciência conhecida da época, uma vez que, como sempre, uma Inteligência Cósmica foi conduzindo, ou induzindo às ações.

A Europa esgotava-se. Era preciso a expansão através da qual o Velho Mundo faria nascer o novo. Claro que a motivação era econômica, mas na mente dos místicos havia a necessidade da expansão do mundo para tornar conhecidas as terras reservadas para aquele momento histórico. E o sentido do caminho era em direção ao mar tenebroso. Os quatro impérios citados por Vieira haviam se movimentado “entre a vizinhança” , no máximo as investidas mediterrâneas. Agora não. O oceano se descortinava como sendo o caminho a ser percorrido.

Por esta razão, junto da motivação econômica, havia um sentido místico nas navegações. As partidas eram sempre antecedidas de atos religiosos, de momentos onde os capitães das naus velavam toda a noite , na chamada *endura*, cumpriam rituais e , sobretudo, deixavam voar a imaginação na esperança de conseguir o prêmio da riqueza, é bem verdade, mas também o prêmio da iluminação, porque o bem que se buscava não era apenas o bem material. Sobre o tema, há relatos que comprovam este misticismo que impregnava as expedições marítimas .

Como se não bastasse, a Igreja começou a ter interesse nas conquistas marinhas. O papa Eugênio IV, através de bula especial, deu a Portugal autoridade sobre a África e a partir de então, religiosos começaram a fazer parte da tripulação , a fim de levar a palavra de Deus aos infiéis. Era sabido que havia cristãos no nordeste da África , iniciados pela igreja copta de Alexandria, e Roma queria a adesão destes cristãos da Igreja da Etiópia Oriental para ter mais poder nos concílios como no caso do Concílio Fiorentino.

Mais uma vez o poder temporal se aliava ao poder espiritual pelo interesse da conquista , aliás como fora antes nas Cruzadas. Neste tempo, os cavaleiros medievais depuseram suas armas, tornaram-se monges da Ordem de Cristo -

como veremos, e junto com D. Henrique passaram a ser entusiastas do mar. Em outras palavras, as Cruzadas continuavam, por mar, e com elas a busca da riqueza, do Graal, e de todas as utopias medievais.

E mais ainda : pode parecer óbvio que o país mais próximo do Atlântico fosse o país a caminhar primeiro para os descobrimentos, mas como poderia Portugal fazê-lo se era pequeno e pobre ? Mesmo se levando em conta o interesse que a burguesia tinha nos descobrimentos, como poderia Portugal sediar estes investimentos para a corrida dos mares sem ter um saber comprovado sobre navegação ? De onde viriam tantos conhecimentos e tantos sábios?

Fica evidente que mais uma vez a Inteligência Cósmica influenciou este percurso e , sem dúvida, começou a escrever a história dos descobrimentos bem antes do instante em que eles de fato foram cogitados pela mente humana. Esta forma de pensar é a que permeia toda a obra de Vieira, a História do Futuro. Só que o jesuíta usa o nome de Providência Divina para explicar este “ plano” estabelecido para os seres humanos de então. . Para Vieira, Deus escrevia através de marcas, pois “ arma-se, assim , a sabedoria eterna contra a natureza humana, sempre soberba , rebelde e ingrata” .

E Vieira continua lembrando que assim foi com o faraó, em Gênesis, 41, vers.1,2,3,4 , assim foi com a sentença escrita no Paço de Babilônia, em Daniel, 55 e 56. Culminando com o aparecimento de Cristo a El-Rei Dom Afonso Henriques, fundador de Portugal, quando ainda não o era, para lhe mostrar como seria o seu caminho até se tornar Rei de Portugal.

Há no povo português um sentimento de grandeza sem par: a ânsia de que Portugal seria a potência do quinto império. “Fazer cumprir Portugal” é tema de muitos escritores portugueses, por isso, visões místicas, sinais, lendas são sempre atributo lusitano . No poema Mensagem, Fernando Pessoa, fala de Ulisses. É que no seu regresso de Tróia, quando estava perdido, Ulisses teria ido aportar em terras lusitanas, ou então, conta a lenda que uma neta de Ulisses foi encarregada de povoar as terras lusitanas e como ela possuía o nome de Bona, a palavra Lisboa refere-se a ela, uma vez que seria composta por *Ulixis Bona* ,isto é , Bona de Ulisses .

Todos estes detalhes da importância de Portugal e de sua missão na formação de um novo império, embora tenha sido solidificada principalmente pelo Padre Antonio Vieira, a crença da importância futura da terra lusitana sempre existiu na mente coletiva do povo português. Seria algo como a mão divina escrevendo a História de modo a “ se cumprir Portugal” . Esta escritura lusitana cujo fim culmina com o descobrimento do Brasil, começa bem antes, com uma grande mudança ocorrida em solo português : a criação da Ordem de Cristo.

IV - ... e Portugal virou o Templo

O rei d. Diniz (1261-1325) decidiu garantir a permanência da Ordem dos Templários em terras portuguesas: sugeriu uma doação formal dos seus bens à Coroa, mas nomeou um administrador templário para cuidar deles.

Nem o processo papal nem a execução do grão-mestre Jacques de Molay, em 1314, o intimidaram.

Em 1317, reiterando que os templários não haviam

*cometido crime em Portugal,
d. Diniz transferiu todo o patrimônio dos cruzados
para uma nova organização recém-fundada: a Ordem de Cristo*

As sociedades secretas

A criação de sociedades secretas, místicas, confrarias é uma constante ao longo da história da humanidade. Umas nascem e morrem na obscuridade, ou se restringem a um país ou região, ou até mesmo a uma categoria profissional.

Outras, apesar de pequenas, crescem ao longo do tempo, mudam a sua forma de ser, de pensar, se universalizam. A Rosacruz e a Maçonaria são exemplos significativos de sociedades que nasceram pequenas, modificaram até mesmo a sua filosofia, seu “corpus” doutrinário e sobreviveram até hoje.

Contudo, às vezes temos a impressão de que há sociedades que nascem com o fim específico de cumprir uma missão. Sua trajetória é impar e diferente das demais, seu caminho é tortuoso e por mais que as estudemos, pesquisemos, a verdade histórica jamais será conhecida. São marcas que ficam dentro do processo histórico, cuja decifração é sempre misteriosa e nunca completa, de modo a que possamos sempre voltar a elas para buscar novas formas de entender coisas, fatos, momentos históricos, conhecimentos, enfim.

Assim foi com a Ordem do Templo, os Templários. Talvez a História possa ainda criar e registrar algo parecido com o que foi esta ordem militar e religiosa, mas nunca superá-la em importância e poderio.

Do final do século XII até o século XIV, a Ordem do Templo teve influência em praticamente tudo. Os Templários foram entendidos por vezes como guerreiros, por vezes como santos, místicos, baderneiros, políticos, hereges e sua ascensão rápida, sua trajetória intensa serviu para marcar a história de maneira inequívoca. Principalmente nos descobrimentos e aqui começa a se perceber quão místicos foram os acontecimentos que envolveram a descoberta do mundo pelos portugueses. Afinal, quis a Inteligência Divina que Portugal se tornasse o Templo. Na verdade, a alma dos Descobrimentos começou a se formar bem antes das datas cronológicas que fizeram a descoberta do mundo.

É um percurso que vale a pena refazer, porque o fim dos Templários deu origem às navegações e o mundo nunca mais foi o mesmo.

Os Templários – a história conhecida

A Ordem dos Pobres Cavaleiros e do Templo de Salomão foi fundada em 1118 por Hugues de Payen, nobre da região de Champagne, vassalo do conde de Champagne. Hugues se apresentou a Baudoin I, rei de Jerusalém, junto de mais oito cavaleiros. O irmão mais velho de Bouduin, Godfroi de Buillon, dezenove anos antes, havia conquistado a Terra Santa e deixado aberta a cidade sagrada de Jerusalém para os peregrinos cristãos.

O objetivo declarado dos cavaleiros, conforme os relatos da época era, “tanto quanto permitissem suas forças, manter as estradas e rodovias seguras tomando um cuidado especial com a proteção dos peregrinos”. Desnecessário dizer que a missão, meritória, encantou o rei que os acolheu em palácio com reverência.

O espaço doado para a construção do quartel dos nove cavaleiros foi sobre os escombros do antigo Templo de Salomão, daí o nome de Templários. Durante nove anos, os nove cavaleiros não admitiram novos candidatos à ordem e consta que executaram sua missão tanto quanto puderam para proteger os peregrinos cristãos.

Quando retornaram à Europa, nove anos depois, foram recebidos com grande pompa. Sua história já havia sido contada, talvez na primeira e mais bem sucedida campanha de “marketing” da História Universal. O responsável por toda esta campanha foi nada mais, nada menos do que São Bernardo, o maior porta voz da cristandade de então, através de um panfleto por ele escrito intitulado *Elogio à nova cavalaria* onde os templários eram colocados como os verdadeiros modelos dos valores cristãos.

Entender as razões de S. Bernardo na criação das ordens cavaleirescas é simples. A cavalaria medieval era um terreno totalmente livre e independente da Igreja. Com regras específicas, com a bravura e a pureza de suas ações,

os cavaleiros personificavam muito do ideal da época, sendo uma rival natural da própria Igreja. São Bernardo viu isso e através da sua genialidade imaginou a figura do monge-guerreiro, os quais deviam manter todas as regras da cavalaria, mas obedeceriam também as regras espirituais que todas estas ordens deveriam ter.

Com isso, São Bernardo se tornou uma das vozes mais poderosas da Igreja no século XII e o grande impulsionador das Cruzadas, tanto para a recuperação da Terra Santa como para a expulsão dos infiéis muçulmanos da Europa cristã. Neste caudal é que os Templários tiveram o seu imenso sucesso.

Assim , em 1128, no Concílio de Troyes, as regras da Ordem foram aprovadas – já que o próprio São Bernardo as havia escrito, e os templários passaram a existir oficialmente. Sempre debaixo da proteção de São Bernardo, cujo objetivo era a criação de uma cavalaria espiritualizada , propagadores dos ideais cristãos, os Templários foram agraciados com uma característica especial : somente eles poderiam usar vestes brancas, coisa incomum para a época, já que todas as ordens usavam o preto.

Em 1146, a cruz vermelha, *pattée*, foi adotada sobre os mantos, escudos, estandartes. Esta cruz, cujos braços se alargavam e curvavam nas extremidades, se tornou o símbolo mais famoso dos templários e um dos mais temidos na Europa durante 200 anos.

Rezava nas suas regras que todos tinham que doar seus bens à ordem, fazer voto de pobreza, jamais poderiam pedir clemência, se presos não podiam pedir resgate quando feitos prisioneiros, daí a maioria deles serem executados quando cativos, e entre outras coisas a ordem eliminava as diferenças entre as classes sociais, seguindo fielmente a doutrina do “Nazareno” .

O interesse templário ia além do combate. Eles se interessavam pela intriga política, diplomacia e no âmbito econômico, além dos empréstimos que faziam aos reinos mais diversos, eles criaram até a rede bancária com a letra de câmbio. Um viajante poderia trocar numa preceptoria dinheiro por ordem de

pagamento e receber em outra , num país diferente, evitando os salteadores nas viagens, por exemplo.

Contudo, os templários negociavam bem mais do que dinheiro e poder: eles negociavam conhecimento. O avanço que tiveram na ciência e na tecnologia de seu tempo foi invejável. Há provas de que usassem drogas em doentes e até mesmo o mofo , o que sugere o conhecimento do antibiótico. O avanço na navegação foi notável e sua frota de navios foi a primeira a usar o compasso magnético.

Devido à sua aproximação com o oriente, se relacionavam com os muçulmanos – o que era impensável na época, e mais ainda: há indícios de que tiveram conexões com os Hashishins, de onde veio a palavra “assassinos”, seita de adeptos violentos e fanáticos, o equivalente dos Templários para os muçulmanos.

Foram ligados aos cátaros , tanto que tiveram participação discreta na questão Albigenses , uma das mais violentas investidas do mundo cristão contra os chamados ‘hereges” da época.

Por volta de 1291, a terra Santa havia caído nas mãos muçulmanas e a função dos Templários deixava de existir na rota dos peregrinos. Por isso, voltaram a Europa e se estabeleceram em Chipre e no Languedoc.

Sua influência continuou sendo muito grande até que Felipe , o Belo, rei de França entrou na história dos Templários. Cobiçando o tesouro templário e desejoso em ter influência na Ordem , tentou colocar nela seu próprio filho, sem sucesso. Tentou também uni-la aos Hospitalários, outra ordem da época, mas em vão.

Embora tivesse ele mesmo , Felipe, sido salvo pela Ordem num episódio político, e imaginando tomar para si os bens dos templários, Felipe arquitetou com o papa Clemente V, o fim da Ordem do Templo, afinal, só na França , a Ordem possuía mais de 1.000 comendadorias e inúmeras granjas e solares.

O pretexto usado foi a heresia. Na madrugada de 13 de outubro de 1307 todos os templários da França deveriam ser presos numa ação jamais vista,

uma vez que no território francês havia cerca de 3.000 cavaleiros templários – para época um verdadeiro exército . Na mesma noite, o Grão-Mestre da Ordem, Jacques de Molay , foi conduzido à prisão em Paris. Através da influência do papa e de uma campanha do rei de França , todos os Templários passaram a ser supostamente adoradores do demônio, um ídolo chamado Baphomet . Realizavam cultos demoníacos nas suas iniciações. Suas terras foram confiscadas, seus castelos, mas o tesouro templário jamais foi encontrado .

O papa se apressou em elaborar a Bula *Vox Clamantis* através da qual a ordem era extinta. Apesar dos esforços da igreja e as súplicas da França, entretanto, a Ordem em vários países permaneceu como sempre havia sido. Em outros lugares, os templários foram apenas advertidos, e em outros países, alguns processos suaves foram instaurados, culminando com a absolvição da Ordem.

Jacques de Molay teria permanecido preso até 1.314 e como não pedisse clemência, foi condenado pela Inquisição à fogueira junto com mais alguns companheiros de cárcere. No momento de morte, conclamou publicamente para no prazo de um ano, tanto o papa como o rei e França, irem ter com ele perante ao tribunal de Deus , o que de fato aconteceu. O Papa Clemente V foi vítima de uma infecção intestinal, provocada por envenenamento e Felipe, o Belo, Rei de França, após a queda de um cavalo, também morria no prazo estipulado por Jacques de Molay.

Depois disso, a Ordem nunca mais foi a mesma, jamais voltou a ter a mesma influência , mas permaneceu existindo e em especial em Portugal, tomou outra denominação.

Os Templários – o misticismo e o conhecimento científico

No processo contra os templários, consta textualmente, entre outras coisas, que “no momento da iniciação, os Templários deviam renegar a Cristo, à Virgem Maria e a todos os Santos ; o iniciante devia cuspir na cruz, já que os Templários não acreditavam nos Sacramentos da Igreja e os Padres da Ordem

omitiam as palavras da consagração na missa; no processo consta que praticavam a sodomia ; tinham ídolos de diversas formas de cabeça, incluindo caveiras humanas”. E mais : numa lista de acusações feitas em 1.308, aparece textualmente que ‘acreditavam numa caveira humana que eles possuíam, a qual podia fazer a terra geminar, florescer as árvores” ao final “que eles rodeavam o tocavam os ídolos mencionados com pequenas cordas, as quais usavam em volta de só próprios, próximo à camisa ou à pele”.

A leitura leiga que geralmente se faz dos rituais nas sociedades secretas é sempre parcial. Os ritos, a simbologia das ordens, estão carregadas de significações esotéricas, cujo entendimento é pertinente apenas aos seus adeptos. Os cátaros andavam com cordas amarradas aos seus corpos, e até hoje, amarrar o neófito com uma corda é parte da iniciação de inúmeras sociedades que herdaram dos templários muitos de seus conhecimentos místicos.

Contudo, só pelo fato de existirem passagens desta natureza na vida da Ordem do Templo , já nos mostra que ela também era uma ordem que ia além da busca da guerra, do dinheiro e do poder material. Havia algo mais e isto começa justamente no Templo de Salomão onde a Ordem se instalou em Jerusalém no ano 1.118.

A corte do conde de Champagne era conhecida como sendo uma escola influente de estudos cabalísticos e esotéricos em Troyes desde 1.070. Foi justamente lá que surgiu o primeiro dos romances do cálice sagrado, escrito por Cretien de Troyes. Lá também ocorreu o concílio que aceitou os Templários como uma ordem cristã e amparada pela Igreja. O misticismo pairava no ar em Troyes e quando os cavaleiros liderados por Hugues de Payen, foram à Terra Santa , foi-lhes entregue justamente o Templo de Salomão para construírem seu quartel. Por que , se lá só haviam escombros?

O Templo de Salomão foi completamente saqueado no ano de 70 d.C. pelas legiões romanas de Tito e seu tesouro levado para Roma. Mais tarde, o templo foi visitado por outros ladrões e conquistadores por inúmeras vezes, até ser destruído. Obviamente que ali não poderia haver mais tesouro algum. A não ser que houvesse algo mais. Algo que não fosse um tesouro material e sim

conhecimento, o que os templários tanto buscavam além de riquezas. Um conhecimento dos tempos de Jesus, por exemplo.

Em meados do século XII um tal de Johann von Würzburg, peregrino na Terra Santa, escreveu sobre sua visita aos porões do Templo de Salomão e que o espaço era tão grande que lá caberiam 200 cavalos. Se estes relatos passaram despercebidos na época, hoje não podem mais sê-lo, pois entre os Manuscritos do Mar Morto, encontrados em Qumrân, existe um conhecido como Manuscrito de Cobre, decifrado pela Universidade de Manchester em 1955/56. Nele há referências explícitas a grandes quantidades de lingotes, vasos sagrados, materiais e tesouros de espécie não identificada, mencionando 24 coleções enterradas embaixo do Templo de Salomão!

Durante nove anos, apenas nove cavaleiros templários permaneceram na Ordem do Templo. A ninguém mais foi permitido ingressar nela, embora na Europa muito a seu respeito era falado, cantado em poemas e canções, além dos inúmeros donativos recebidos. Talvez, os nove apenas tivessem mesmo feito algum tipo de proteção aos peregrinos, mas *contra todos os muçulmanos* da Palestina, dar proteção a todos os fiéis que se dirigiam à Terra Santa, era tarefa por demais grande a apenas nove cavaleiros. Ainda mais se levarmos em conta que os cavaleiros templários andavam dois em cada cavalo. Isto é, somando-se os 4 cavalos dos membros da Ordem ao cavalo do seu Grão mestre (a quem era permitido cavalgar sozinho), fica pergunta: como 5 cavalos e 9 combatentes poderiam proteger toda a rota dos peregrinos? E se não era esta a sua maior preocupação, o que faziam lá, então?

Cavaram. Especialistas e estudiosos hoje admitem isso. Os templários pesquisaram buscando o conhecimento enterrado no Templo de Salomão. Buscavam a Arca da Aliança? O Santo Graal? Os pergaminhos de um conhecimento secreto?

No processo sofrido pelos Templários, fica evidente que o Jesus que eles acreditavam, não era exatamente o Jesus pregado pela Igreja. Para os Templários, Jesus era um Nazareno, isto é, pertencia a uma seita denominada de Nazarenos, cuja participação, junto com os Zelotes, foi intensa nas lutas de libertação judaica, as quais culminaram com a revolta dos

judeus, o cerco de Massada e a destruição de Jerusalém, no ano em que o Templo foi destruído.

Para os Templários, assim como em muitas sociedades secretas de antes e de hoje, Cristo era conhecido em seu tempo como Jesus, o Nazareno, mal traduzido como Jesus de Nazareth, de modo a se deduzir que ele era advindo de uma cidade que tinha esse nome. Na verdade, a cidade de Nazareth não existia naquele tempo, conforme demonstram de forma cabal os documentos da própria história judaica. Mais tarde, induzido pelos cristãos, um logradouro passou a ter o nome de Nazaré , de modo que Jesus não ficasse preso a nenhuma seita da sua época, no caso os Nazarenos e sim a uma cidade.

Da mesma forma que surgem hoje dúvidas a respeito dos essênios. Os Manuscritos do Mar Morto e os de Hag Namadi ainda não foram dados a conhecer na sua totalidade ao homem contemporâneo , gerando inclusive uma queixa dentro do mundo acadêmico internacional – para muitos, as verdades dos Manuscritos não podem ser reveladas ao mundo.

Vale apenas ressaltar que, se Jesus, ao falar das correntes religiosas de seu tempo cita os fariseus, os caduceus , e jamais cita os essênios e nazarenos, é porque seria desnecessário falar de si próprio, uma vez que *ele* representava estas correntes. Para muitos estudiosos, o cristianismo nada mais foi do que um sincretismo religioso bem sucedido , advindo do essenismo da época., já que , quando Jesus estava vivo, sua religião jamais poderia ter o nome de cristianismo, uma vez que ainda não havia sido formada - ele nem era ainda o Cristo.

Aliás, com o aposto “nazareno” ocorreu caso idêntico ao aposto “Cristo” . A palavra “Cristo” significa *Ungido*, e já tinha sido aplicada a outros personagens de inúmeras religiões. Ao transformar Jesus, o Cristo, em Jesus Cristo, incorporou-se a ele, e tão somente ele, a condição crística, de ungido, a ponto de transformar a sua doutrina numa religião que não tinha o seu nome – Jesus - mas o nome de cristianismo, o aposto que o caracterizava. Substantivava-se assim uma qualidade, um atributo e através dela dava-se universalidade a uma idéia: aquele Jesus era o *único* ungido . Uma manobra de linguagem de extremo sucesso criada pela igreja.

Os Templários, pode-se sentir isto pela sua trajetória, nasceram e cresceram como que tendo uma função específica dentro do contexto sócio-econômico da Idade Média, e esta função não era a proteção dos peregrinos.

Sabemos hoje que entre as missões da Ordem do Templo havia uma que assustava o poder estabelecido da igreja e dos nobres : *a criação de uma nova sociedade*, onde haveria igualdade e proteção para todos, valorização das artes, fartura, conhecimento e fé num ser superior .

Fruto de uma mistura de culturas, o saber Templário ia bem além das formas compartimentadas da sociedade de então. Buscavam concretizar uma sociedade onde os valores se mesclassem , tirando o que de bom havia entre o ocidente e o oriente. Este era o objetivo maior da Ordem do Templo. Por esta razão é que se instalaram no Languedoc e, não à toa, justamente aí é que surgiu um avanço imenso nas artes, nas ciências, onde a mulher, inclusive, foi tirada do patamar inferior em que se encontrava para ter mais direitos e respeito. Dissemos atrás, que foi em Provença que surgiram as cantigas medievais , o mais alto grau de expressão artístico da Literatura nos séculos XII e XIII. E mais: as cantigas foram a mais alta expressão do ideal cavaleiresco, do amor cortês e de inúmeras angústias do homem medieval. Não só isso. Sampaio Bruno nos deixa claro que os Fiéis do Amor eram os Fiéis de Anti-Roma , uma vez que Amor é Roma lido ao contrário. Com esta forma de pensar, puderam todos aqueles que se opunham a Roma manifestar seu antagonismo de forma velada. Não é sem razão que a Cavalaria e a Igreja entraram em rota de colisão.

Junto a isto tudo, um dos maiores mistérios da história dos templários foi La Rochelle, no Languedoc, ao lado da região de Provença. Local intimamente comprometido com o Cálice Sagrado, uma vez que é sabido ser a origem da saga contada pela primeira vez por um certo Kyot de Provença. Mapas antigos nada fazem constar sobre La Rochelle, mas foi justamente aí que os Templários construíram o seu porto, além de estradas que se dirigiam para todos os lugares da França. Foi para aí também que Jacques de Molay enviou o “tesouro” templário um dia antes que Felipe, o Belo, expedisse os mandados de prisão a todos os membros da Ordem.

Pesquisadores como Carpentier, afirmam sem medo de errar que os templários chegaram a América antes de Colombo, tamanho era o grau de conhecimentos náuticos que possuíam. Para alguns, era da América que vinha toda a prata que a Ordem possuía. Veremos mais adiante que Cristóvão Colombo foi casado com a filha de um templário, possuidor de mapas, dos quais o próprio Colombo se aproveitou para buscar as Índias e “descobrir” o continente americano.

O que se indaga sempre é como uma Ordem tão poderosa podia se manter unida em vários países, já que a riqueza, a ambição do ser humano, sempre foram óbices ao sucesso de empreendimentos desta natureza.

A única resposta possível é que por trás, então, de toda a riqueza, de todo o poderio, de todas as conquistas bélicas havia uma argamassa especial capaz de manter a unidade a Ordem do Templo. Hoje, pelos documentos da Ordem que ainda existem, sabemos que esta unidade vinha através de um ideal que ia além da mera captação de riquezas. Havia uma espiritualidade que unia os adeptos, e, sobretudo, havia, como missão da Ordem do Templo, uma utopia: a criação de uma nova sociedade. Se o local escolhido – o sul da França – não era mais possível, porquanto as perseguições dos reis, restavam ainda as navegações, os descobrimentos, a busca de novas terras. O que restava eram as Índias, ou o Hy Brasil, um lugar mágico que figurava no imaginário do povo e até mesmo em mapas da época.

Se, por força do “destino” a Europa não era mais segura, o caminho para se ir além do Velho Mundo era o Atlântico, e a Península Ibérica, encontro da Europa com o Mar Tenebroso, tinha Portugal como seu porto de saída. Com isso, o eixo condutor dos Templários se deslocou para as terras lusitanas.

O Templários – O surgimento da Ordem de Cristo

As ordens militares sempre foram realidades presentes em Portugal. Desde 711, quando da ocupação muçulmana, a recuperação dos territórios ocupados pelos cristãos foi uma constante na vida da região, e lutar contra os infiéis era meta de todo cavaleiro da Península Ibérica.

A Ordem do Templo já existia em Portugal desde 1.126 quando D. Teresa, mãe de Afonso Henriques, doou o terreno da Fonte da Arcada e o castelo de Soure aos Templários . O batismo de fogo destes cavaleiros em solo português foi a investida moura de 1144. Sua bravura , portanto, já havia sido testada em batalha.

Assim , quando papa Clemente V fez percorrer no mundo cristão a sua bula *Regnabo in Coeli* , em 1308, informando o processo contra os Templários e convocando os príncipes ocidentais para um concílio ecumênico a ser realizado em Viena no em 1310, a determinação papal de banir os Templários não foi bem recebida pelo Rei de Portugal, D. Dinis.

Usando de grande habilidade, este rei português acabou introduzindo medidas que conduziram à criação de uma nova ordem militar em Portugal, em 1317 , a Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, a chamada Ordem de Cristo, cujo destino foi herdar a força que os Templários tinham em terras portuguesas e ir mais além: avançar nas navegações com vista aos descobrimentos. A Ordem de Cristo esteve presente em todos os descobrimentos portugueses desde a sua fundação e todo misticismo templário foi absorvido como forma de manter a unidade do trabalho que estava por vir.

Aliás, vale a pena se falar um pouco de D. Dinis, talvez um dos mais predestinados reis portugueses no que diz respeito à conquista dos mares. Não foi à toa quem no poema Mensagem, Fernando pessoa dedicasse a ele os versos :

“ Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio murmuro consigo :
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver

Arroio, esse cantar, jovem e puro
Busca o oceano por achar;
E a fala dos pinhais, marulho obscuro
É o som presente d’esse mar futuro,
É a voz da terra ansiando pelo mar”

Sua idéia fixa em plantar os pinhais em Leiria , sem que houvesse explicação para tal fato, como se uma voz interior o impelisse a isso, é um dos grandes mistérios da história portuguesa dos descobrimentos.

Embora D. Dinis fosse um incentivador da agricultura, plantar pinheiros não era o tipo de cultura a ser incentivada por um rei na Idade Média, cuja fome assolava todos os países e a Fartura , como vimos, era uma das maiores utopias de seu tempo.

Se não houvesse os pinhais da Leiria, entretanto, não teria havido madeira para a construção das naus e Portugal não poderia estar pronto para sua missão dos descobrimentos. Assim , pelo menos um século antes, justamente quando os Templários chegavam em terras lusitanas, D. Dinis, “ plantava naus” que abririam o caminho para o descobrimento das Índias e do Brasil.

Além do mais, foi D.Dinis quem criou a primeira Universidade de Portugal, primeiro em Lisboa e depois transferindo-a para Coimbra, mandou traduzir obras notáveis nos mais variados campos do conhecimento, foi ele próprio um notável poeta e, como criador da Ordem de Cristo, fez com que ela fosse imediatamente incorporada à vida da corte, aos destinos de Portugal. Foi ele a primeiro vislumbrar a necessidade de Portugal ter a sua marinha e contratou o conhecido Almirante Manuel Peçanha (Pezagno) , em 1317 – ano da criação da Ordem de Cristo - um navegador genovês, que para muitos era mestre da Ordem dos Templários.

Desta data para frente, todos os reis de Portugal pertenceram à Ordem de Cristo, se não como seus grãos-mestres , como tesoureiros, ou outros cargos de alto destaque. Aos poucos , os Templários que se sentiam perseguidos, ou ameaçados, buscavam no solo português a guarida necessária à sua segurança. Em torno disso, a corte portuguesa cresceu em importância econômica e cultural. Por ela passaram grandes reis, entre eles D. João I, o defensor de Portugal, sua esposa Phillipa de Lencastre, inglesa a quem Fernando Pessoa chamou de “princesa do Santo Graal”, tamanha a revolução cultural que ela fez na corte portuguesa e, principalmente, porque ela foi a mãe do Infante D. Henrique, o propulsor dos descobrimentos portugueses ,

criador da Escola de Sagres , a figura mais importante da navegação lusitana e o mais célebre grão mestre da Ordem de Cristo.

Com o Infante, a história da Ordem de Cristo se confunde com a História de Portugal. E mais que isso, com ele veio toda a herança esotérica dos Templários . A prova contundente disto é que quando da morte de D. Henrique, ao despi-lo para o enterro, descobriu-se que ele cobria todo o ventre com uma áspera faixa de crina entrelaçada – uma corda , a mesma corda que figura no processo dos Templários, no cátaros e que ainda é mantida nas iniciações de sociedades secretas contemporâneas, como no caso da Maçonaria.

O próprio D. Henrique interessava-se pelo ocultismo, tanto que escreveu um livro intitulado “Segredo dos Segredos da Astrologia” , com inúmeras informações esotéricas que constavam dos conhecimentos Templários e que vinham e veem passando de geração a geração até os dias atuais. Na verdade D. Henrique acreditava na influência dos astros...

Tudo nos mostra que Portugal foi eleito pelos Templários como o país herdeiro dos conhecimentos da Ordem do Templo. Para muitos estudiosos, místicos, até mesmo a riqueza templária, que escapou na noite anterior à perseguição de Felipe, o Belo, veio em parte para terras lusitanas e graças a esta riqueza que Portugal conseguiu empreender os descobrimentos.

Como disse Fernando Pessoa no poema Mensagem , o rosto com que a Europa fita o novo mundo é Portugal. Doravante, o que importava era conquistar os mares, fazer surgir o reino utópico dos Templários, os guardiões do Cálice Sagrado, num local que ficava entre o Ocidente e o Oriente.

Todo um percurso, cifrado, como guiado para este fim chegava a um ponto novo da evolução da humanidade : a era dos descobrimentos, o momento em que o mundo se ampliou e o planeta Terra pôde ser finalmente conhecido por todos os homens, pois daí para frente o mundo deixou de ser um mistério.

E mais ainda, foi a Ordem de Cristo a responsável pela difusão da cruz vermelha dos Templários, a cruz copta , que saiu das vestimentas dos cavaleiros e foi para as velas brancas da naus.

As Cruzadas continuavam! Não mais para a libertação da Terra Santa e sim para concretizar duas das grandes utopias medievais. – a da Cocanha e a do Paraíso. Os cavaleiros da Távora Redonda estavam em nova Demanda, só que pelo mar e de cavaleiros, passaram a ser argonautas...

V. Era a hora de um Mundo Novo

*“ Durante séculos a América foi uma terra estranha
com gente exótica, “descoberta” pela civilização européia.
A Europa era o centro do mundo,; a América, um território bárbaro
que seria “elevado” à civilização pelos europeus.
“Índios” nus, idólatras comedores de carne humana
que precisavam ser cristianizados.
A visão mais bondosa prometia dar-lhes uma “ cultura superior”.
Foi um massacre !*

Júlio José Chiavenato

A crença de que, na imensidão do Atlântico, havia outras ilhas, continentes, e até mesmo civilizações, corria solta no mundo bem antes dos descobrimentos.

Platão já falara da Atlântida e mesmo Aristóteles, embora não acreditando no continente desaparecido, admitia a existência de uma grande ilha atlântica, bem em frente da África, que os cartagineses chamavam de Antilhas. Para alguns visionários, a viagem de Jasão em busca do Velocino de Ouro, com seu navio Argos (daí a palavra argonautas) teria ocorrido por volta de 1.250 a.C. e ele teria chegado à América. Pura especulação? O que sabemos de verdade de tempos passados para poder afirmar isso?

Seja como for, relatos, histórias, lendas sobre as maravilhas de um mundo totalmente novo e inexplorado do outro lado do Atlântico sempre existiram. Isto, aos poucos, veio se tornando “uma certeza” na mente medieval, povoada de utopias e cansada de tanta miséria e sofrimento. Na verdade, não sabemos, e nem saberemos com absoluta certeza, se antes de Colombo, houve quem tivesse visitado a América. Há “provas” de que os Celtas aqui estiveram, os Vikings, até os árabes e os chineses. Mapas existem, é bem verdade, que apontam este lugar dentro da cartografia daqueles tempos. Falaremos de alguns mais à frente. Contudo, historicamente não é isso que conta. O momento em que os fatos históricos acontecem são devidamente planejados pela ordem cósmica que rege as ações humanas, e na maioria das vezes fatos acabam sendo planejados e desenvolvidos bem antes da humanidade registrar oficialmente a história.

Por esta razão é que, se este “corpo histórico” existe para nos balizar, situar em datas precisas e didaticamente instituídas, como já comentado antes, a alma destes acontecimentos nunca deixa de existir, e mais: antecede-os. Saber ler estas marcas e ir além do que está meramente escrito.

Com o descobrimento do Novo Mundo se deu o mesmo: Cristóvão Colombo nada mais veio fazer aqui do que oficializar o que já existia e começara a ser colonizado bem antes dele. Um mundo do qual se tinha pistas, relatos, sagas

provando sua existência, mas que, como igualmente no caso do Brasil, aguardava o seu momento de existir para a humanidade, o seu momento de começar a cumprir a sua missão histórica na complementação da Obra.

O Novo Mundo não era tão novo ...

*“ Há mais de uma centena de “descobridores”
da América. Desde as hipóteses místicas
a teoria cientificamente elaboradas”*

Julio José Chiavenato

São inúmeras as teorias sobre o descobrimento da América antes de Colombo. Há quem ligue o descobrimento ao Rei Salomão, dizendo que o Rio Solimões (Amazonas) é corruptela daquele nome. Outros ligam o descobrimento aos irlandeses e normandos, ou até que a América tenha sido descoberta não pelo Atlântico, mas pelo Pacífico, através do Peru.

Alguns estudiosos apresentam ainda hoje provas sobre o tema. É o caso específico de Helge Ingstad cujos estudos sobre a “Saga da Gorenlândia” veio demonstrar que este relato era mais do que uma fábula das viagens de um viking famoso - Leif Eriksson. Assim, em 1960, Helge resolveu fazer ampla pesquisa de campo, a qual demonstrou que no século XI já os vikings estiveram na América do Norte

Junto destas descobertas, uma série de outras vieram para causar “desencontros” na mente dos estudiosos da “conhecida” historiografia oficial da América. Pedras, , construções, torres ao longo de vários locais do novo continente, hoje dão pistas de que antes de Colombo , os vikings, ou outros povos, de fato estiveram na América.

Até mesmo no Brasil, há os artefatos da Lagoa do Espírito Santo, cujas pedras ali encontradas possuem entalhes muito semelhantes a outras ao longo dos grandes lagos, Oklaoma, e na opinião de um especialista – Cyrus Gordon ,

referem-se a um texto que define a missão espiritual de um antigo bispo da Groenlândia, chamado Henricus, o qual, juntamente com muitos de seus contemporâneos, teria viajado para o Novo Mundo, bem antes de Colombo.

As sagas vikings, antes tidas como puros relatos da fantasia nórdica, hoje são reconhecidas como documentos de alto valor histórico. A mais famosa delas foi a Saga de Erik. Segundo essa narrativa, um homem chamado Erik, o Vermelho, foi expulso de uma comunidade nórdica na Islândia no ano de 982, após uma violenta disputa, na qual foram assassinados dois de seus vizinhos. Banido da ilha por três anos, ele zarpuou em busca de um novo lar. Como ouvira histórias sobre um explorador anterior chamado Gunnbjorn, o qual teria avistado terras a oeste da Islândia, Erik navegou naquela direção. Estava bem equipado para a viagem com seu knarr de madeira e teve sorte ao dar com terras que ele pensou pertencerem a uma enorme península. Erik chamou sua descoberta de Groelândia.

Para pôr mais lenha na fogueira, há quem defenda a tese de que o próprio Vaticano, através do Papa Inocêncio III, no ano de 1206, nomeou um Arcebispo para os povos da Noruega, Islândia e Groenlândia. Mais tarde, Inocêncio IV, em 1354, lançou um grito de alarme: as populações cristãs da Groenlândia não enviam dízimos há 12 anos para a Santa Sé, nenhuma presa de morsa, nenhuma pele de animal. Por conta disso, o rei da Noruega enviou uma expedição para saber os porquês desta ausência de pagamento.

Em mapas antigos, aparecem ilhas isoladas no Atlântico, às vezes com o nome de Ilha de São Brandão, Bresil, e outros nomes. São Brandão é mais uma das lendas nórdicas de muitos séculos antes do descobrimento da América, e sobre ela trataremos mais à frente.

Os registros da historiografia oficial não datam de tanto tempo, mas antecedem Colombo. Os primeiros portulanos onde figuram ilhas no Atlântico Ocidental são do genovês Angelino Dal Orto (1325) e do malhorquino Angelino Dulcert (1339). Em 1351, o Atlas Laurentino ou Mediceu, se apresenta com ilhas dispostas na direção do atlântico norte-sul. O nome Brasil aparece no mapa dos irmãos Pizzigani de 1367, enfim, se não acreditarmos nas antigas sagas pela longínqua idade delas, não dá para não acreditarmos nos portulanos oficiais do século XIV

E, por fim, chegou Cristóvão Colombo

“ Não me vali nem da razão, nem de cálculo, nem de mapa-múndi. Realizou-se simplesmente o que dizia Isaías”

“ (...) porque creio que ali é o Paraíso terreal aonde não pode chegar ninguém, salvo por vontade divina”

Cristóvão Colombo

Mais do que descobrir o Novo Mundo, Cristóvão Colombo veio para marcar de maneira inequívoca o destino do que hoje chamamos de América. Ele não descobriu um continente, ele inaugurou uma época histórica, a partir da qual o eixo econômico do mundo e o desenvolvimento da civilização ocidental não seriam mais os mesmos.

E quis a providência que fosse um genovês, com conhecimentos ingleses e portugueses , aliado ao mundo espanhol. Em verdade, toda a economia e poder do Velho Mundo estavam simbolizados neste homem , cujo destino era fundar um novo tempo; mais que isso : era cumprir um momento do Itinerário de IO, com diriam os teosofistas e como veremos bem mais à frente desta obra.

Mas, no fundo, quem foi Colombo ?

Poucas personalidades históricas tiveram tantos altos e baixos na sua trajetória em vida, e mesmo após sua morte, quanto esse genovês, que chegou a oscilar entre demônio e santo. Alguns tentaram beatificá-lo num processo iniciado em 1866 : a idéia malogrou. Considerado o culpado por trazer a cultura européia para as Américas e acabar com a cultura ameríndia , até hoje há quem não o perdoe.

Os registros de seus descobrimentos nos dão conta de que ele fazia estranhos rituais quando da descoberta de alguma nova terra. Outros o

consideram um visionário, inspirado por Deus para esta tarefa de cristianização do Novo Mundo. Aliás , ele mesmo se considerava assim.

Oficialmente , ele nasceu em Gênova em 1451. Começou sua carreira no mar como agente comercial de banqueiros e mercadores de Gênova. Mais tarde passou à profissão de cartógrafo e casou-se com Felipa Moniz, filha de Bartolomeu Perestello.

Seu sogro, também genovês, havia descoberto para Portugal a ilha de Porto Santo e era um dos membros da Ordem de Cristo. Colombo morou na ilha durante dois anos e quando o sogro veio a falecer, a sogra deu-lhe os mapas do defunto marido. É bem provável que a famosa carta de Toscanelli estive entre estes mapas e papéis náuticos uma vez que Perestello era homem do mar e detinha conhecimentos da Escola de Sagres . A história da vida de Colombo registra que somente depois de ter recebido os papéis de seu sogro , Colombo passou a pensar em chegar às Índias pelo Ocidente.

E mais ainda : a lenda do Piloto Anônimo se liga a Porto Santo e a Colombo. Atrás de portulanos , Colombo viajou pela Europa buscando informações que o pudessem levar às descobertas. Esteve na Inglaterra, na Islândia, discutiu com os sábios da Escola de Salamanca, e acabou recebendo apoio dos reis de Espanha , vindo “oficialmente” a descobrir a América em 1492.

Teve inúmeras amantes e uma vida controvertida. Sempre julgou não ter recebido o que lhe era de direito da Coroa Espanhola pelo feito do descobrimento e por essa razão moveu inúmeros processos contra o reino de Espanha. Passou seus últimos dias em completo isolamento, esquecido por todos, à exceção de alguns padres franciscanos , que , aliás, sempre o ampararam.

O final de sua vida foi de doença , dor e loucura . Pobre, morreu em Valladolid. Seu filho Fernando coletou documentos e livros a respeito do pai e chegou a montar uma biblioteca considerável sobre Colombo com cerca de 15 mil peças; hoje não restam mais de 200 conhecidas.

A todos que leem a sua história, fica a sensação de que algo não deu certo, sua missão teria que ter sido maior do que foi, seu destino deveria ter sido outro. Principalmente se levarmos em consideração que nem mesmo o continente que ele veio a descobrir oficialmente levou seu nome.

A palavra América está ligada a Américo Vespúcio. Aliás até mesmo a expressão Mundo Novo não se deveu a ele. Por volta de 1503, saiu um impresso em Florença falando do novo continente com o título *Mundus Novus* reproduzido rapidamente em vários idiomas, onde se relatava as viagens de Vespúcio à América – provavelmente três, em 1497, 1499 e em 1501, onde se afirma que ele chegou a navegar toda a costa brasileira.

Por conta destas viagens, Martim Waldseemuller, num mapa de 1507 fez constar o nome América em toda esta terra do Atlântico Ocidental como homenagem a Américo Vespúcio. Durante muitos anos na Europa, Vespúcio foi considerado o descobridor da América. Só bem mais tarde, estudos mostraram que quem tivera a primazia deste descobrimento fora Cristóvão Colombo, mas aí já era tarde: ele já havia perdido esta honraria, talvez a mais importante de sua vida e a humanidade cometeu uma de suas maiores injustiças, afinal se antes dele aqui aportaram outros povos, foi com Colombo que a América surgiu para o mundo e começou a cumprir a sua missão dentro da Obra Divina.

Entendendo um pouco mais este Cristóvão

Assinatura misteriosa de Colombo

Colombo tinha delírios, ouvia vozes, aos 32 anos tinha tantos cabelos brancos que sua aparência o dava como muito mais velho. O local de seu

nascimento ainda é um mistério e há que ligue sua descendência aos judeus, novos cristão da Espanha. Ele sempre acreditou que o descobrimento da América se deveu ao Livro dos Profetas, em especial Isaías. Tudo nele parece místico, mesmo sua biografia, muito pequena para um homem de tamanha importância na história universal. Parece que Colombo entra na história para um fim específico, isto é, descobrir oficialmente a América, pensando ter chegado às Índias. Logo após, as terras por ele descobertas entram na divisão de Tordesilhas como veremos. Colombo sai de cena, cai em desgraça e descrédito e tudo que ele quis, ou reivindicou em processos para fazer valer seus direitos sobre a terra descoberta não foi obtido. Temos a sensação de que a ele foi dada uma tarefa que cabia na sua pequena significância, isto é, era mais importante o descoberto do que o descobridor. Se fosse o contrário, um país teria a primazia sobre outro e isto não interessava às potências da época.

Entre as coisas mais místicas da vida deste homem, fica o significado de seu nome e uma de suas assinaturas. Júlio José Chiavenato, no livro “Colombo - Fato e Mito”, Editora Brasiliense, 1.992, trata o problema de forma magistral e vale aqui reproduzir um pouco de suas considerações sobre esta assinatura, a qual, o próprio Colombo queria que seu filho continuasse a fazer :

“A ESTRANHA ASSINATURA DE COLOMBO

.....
Há mais de 200 anos tenta-se entender a assinatura de Colombo. Em 1867 o historiador francês Margry a traduzia assim: Supplex Servus Altissimi Servatoris. Christus Maria Joseph Christoferens. Outros a entendiam como Servidor (de) Suas Altezas Sagradas Jesus, Maria, José, Isabel Christoferens. O XPO é uma abreviação “grega” de Cristo e sua junção com ferens, do latim, dá o Christoferens que significa o Portador de Cristo.

.....
A assinatura de Colombo tem muito a ver com seu projeto. O Portador de Cristo, como um super São Cristóvão, vai transportar o Cristo para o Novo Mundo. Modernamente, abandonou-se a interpretação mais religiosa da assinatura. Segundo alguns estudiosos, sua “tradução” seria mais prosaica, significando “subscreveu-a o almirante Cristóvão Colombo”. De qualquer forma é

um fato intrigante. Tanto mais quando o almirante deixou ordem escrita para que seus herdeiros usassem sempre a sua assinatura: “Quero que don Diego, meu filho, ou qualquer outro que herde este morgadio, assine com minha assinatura, com a qual agora uso, que é um X com um S em cima, e um M com um A romano em cima, e em cima dele um S, e depois um Y grego com um S em cima, com seus traços e vírgulas, como eu agora faço e se parecerá com minhas assinaturas, das quais se acham muitas...”

Nesse tempo, desde que passou para a Espanha, mudou de Colombo para Colóm, Muitos historiadores afirmam que assim fez para livrar-se de dívidas. O que não se comprova; pelo visto, ele queria apenas parecer mais um espanhol e facilitar seus contatos. Las Casas justifica as mudanças de Colombo, lembrando que o nome deve ser “convir às qualidades e uso das coisas”. Por isso, diz Las Casas, ele é Cristóvão, ‘isto é, Christo Ferens, que quer dizer portador de Cristo”. E quanto a Colóm, afirma: “ Seu sobrenome foi Colóm, o que quer dizer colonizador”.

O que não há dúvida é do misticismo de Colombo, beirando o fetichismo. Um fetichismo que alguns identificam com a Cabala judaica. Segundo Maurice David, escritor norte-americano, Colombo dispunha as letras da sua como uma estrela de Davi e deveriam ser interpretadas como um cadish. (oração fúnebre judaica). Um outro hebraísta esforçou-se para traduzir a assinatura do almirante, conseguindo a seguinte fórmula:

*shadai
shadai – adonai – shadai
yayeh - male - chesed*

que, segundo ele, é um apelo ao deus dos Exércitos de Israel. Não é preciso dizer que esses cabalismos descobertos na assinatura excitam os que buscam a origem judaica de Colombo. Um dos mais veementes judaizantes de Colombo é o escritor Mascarenhas Barreto, que resgatou um avô judeu para o almirante, “ João Gonçalves Zarco, cujos ascendentes tinham praticado a religião judaica na sinagoga do arco, na rua Nova, em Tomar – terra da Ordem do Templo – e avô de Cristobal Colombo”.

Contudo, e se a interpretação fosse outra ? Entretanto, se para a palavra Cristóvão temos um percurso místico : “ eu conduzo Cristo” , para a palavra Colombo, a força esotérica pode ser ainda maior. “Colombo” pode ser corruptela de *columba*, cuja evolução dentro da Língua Portuguesa foi a seguinte : columba > colomba> palomba> paomba> poomba > pomba.

Assim , se fôssemos buscar a significação real do seu nome completo, ele seria exatamente “ aquele que conduz Cristo “ , obviamente para o Novo Mundo, , mas em sua manifestação de “ pomba” , isto é, na sua manifestação de Espírito Santo .

Em termos de linguagem cifrada , isto é altamente significativo, justamente neste tempo de milênio novo , afinal , entramos no terceiro milênio, o número 03, isto é, a terceira pessoa da trindade. – o Espírito Santo . Como se não bastasse, em relação ao milênio que se inicia, os místicos de todas as religiões têm sido unânimes em dizer que este será o milênio da presença de “ Deus conosco” . Em outras palavras : é o tempo do fogo criador, do Espírito Santo. É aceito entre os estudiosos que o primeiro milênio foi o milênio do Pai, o segundo, o milênio do Filho, e este terceiro será o do Espírito Santo, um tempo em que a presença divina será sentida em todos nós e na humanidade como um todo. Embora não seja exatamente para esta geração o prazer de saborear este êxtase divino , isto já vem ocorrendo em parte.

Para muitos, por outro lado, foi apenas uma questão de destino que o continente descoberto acabasse com o nome de América e não de Colômbia.

A América é o futuro centro do Itinerário de IO e nela o Brasil desponta como centro irradiador de espiritualidade como veremos, por isso Cristóvão Colombo foi mais do que um descobridor do Novo Mundo, ele traz, cifradas em seu nome , as pistas de um destino ainda ser cumprido, dentro do qual, o Brasil, pela sua importância geográfica, tem muito a entender sobre si mesmo de modo a desempenhar a função que a própria Terra designou para ele, como veremos à frente.

**VI . No meio do caminho havia um Brasil,
Havia um Brasil no meio do caminho ...**

*(...) até que foram 21 dias de Abril, estando a dita
ilha obra de seiscentas e sessenta ou
seiscentas e setenta léguas, segundo os pilotos diziam,
topamos alguns sinais de terra, os quais ...
(...) E , quarta-feira seguinte , pela manhã topamos aves que
chamam fura-buxos. Neste dia , a hora de vésperas, houvermos
vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo;
e doutras serras mais baixas ao sul dele;
e de terra chã, com grandes arvoredos:
ao monte o capitão pôs o nome o Monte Pascoal,
e à terra – a Terra da Vera Cruz”*

Pero Vaz de Caminha

Entre a Europa e as Índias , envolvido no projeto da conquista de novos mundos , havia um Brasil. As expectativas de que as Índias preencheriam os sonhos de riqueza do Velho Mundo foram plenamente satisfeitas pela América Espanhola e pelo Brasil. Ambos tornaram abastadas as economias européias , através da Espanha e de Portugal, dando equilíbrio ao Velho Continente, mas não deixando de iniciar o deslocamento do eixo de desenvolvimento do mundo para este lado do Atlântico. Era chegado o tempo de um novo caminho a ser trilhado pela humanidade.

As datas foram aquelas mesmas, tanto o 12 de outubro de 1492 como o 22 de abril de 1500, embora as terras tupiniquins também já serem de conhecimento da maioria dos navegadores de então, tal como a América. O descobrimento do Brasil foi intencional e não vamos discorrer sobre isso porque as obras estão aí para quem quiser consultar – hoje ninguém acredita mais da acidentalidade.

Os livros escolares, entretanto, registram que a 9 de março de 1500, a esquadra capitaneada por Pedro Álvares Cabral começa a se movimentar com destino às Índias. Eram ao todo 13 embarcações, entre naus, caravelas, navios de mantimentos, navios mercantes e cerca de 1.000 homens. Com eles, pilotos experientes como Bartholomeu Dias, que descobriu o Cabo da Boa Esperança, e Nicolau Coelho que fora com Vasco da Gama na descoberta do caminho para as Índias. Embarcados também estavam Frei Henrique Soares de Coimbra e mais oito frades franciscanos, o Escrivão Pero Vaz de Caminha e Johannes Emenelau, Mestre Johannes, o qual também escreveu uma carta a D. Manoel, cujo texto é profundamente revelador, embora os livros pouca referência ou importância deem ao fato.

Diz a historiografia escolar que para se afastar das calmarias das costas da África, Cabral navegou tão longe que “acidentalmente” veio a descobrir o Brasil, onde aportou a 22 de abril de 1500, embora os sinais de terra já davam a antever que chegariam a seu destino um dia antes, 21 de abril.

Feito o reconhecimento e contato pacífico com os silvícolas, a 26 de abril é rezada a primeira missa, depois outra e em seguida Cabral segue seu destino para as Índias, mandando de volta a Portugal o capitão Gaspar de Lemos com duas cartas, uma de Caminha, outra de Mestre Johannes, de modo a que D. Manoel soubesse do “fortuito” encontro destas terras para glória e riqueza do povo português. Tudo muito simples e fácil. O rei, então, se encarregou de enviar cartas ao Papa e aos demais soberanos europeus, informando a “novidade” de que Portugal estava de posse de uma nova terra, recém descoberta!

Era fundamental que D. Manoel assim o fizesse porque se tornava necessário registrar como portuguesa as terras descobertas, aliás de direito de

Portugal. Uma formalidade, nada mais que isso, já que o rei português se empenhou de forma profunda quando do Tratado de Tordesilhas para ampliar seus limites frente Espanha de forma a que pudesse alcançar as terras que já se sabia existirem. Por isso, o que Cabral veio fazer no Brasil foi legitimar uma posse que se sabia de antemão pertencer à coroa portuguesa. Nada mais que isso. Fez o que lhe cabia fazer e partiu – seu objetivo era outro.

Cabral chegaria a Calicut, e seu espírito belicoso se fez presente de imediato: bombardeou a cidade por mais de 15 dias. Mas a sua missão foi desastrosa, frustrando a coroa portuguesa. De regresso, Cabral trouxe apenas três das treze navas. Naufrágios dizimaram inúmeras vidas, além de combates frustrados e doenças que acometeram a tripulação. A expedição tinha uma dupla finalidade: diplomática e comercial. Fracassou em ambas. Se a viagem de Vasco da Gama havia dado seis mil por cento de lucratividade, a de Cabral só trouxe prejuízos.

D. Manoel recebeu com desprezo o capitão Pedro Álvares Cabral em seu regresso. Afastou-o da corte de Lisboa, desterrando-o para a cidade de Santarém, onde ele viveu o resto de seus dias, esquecido e pobre. Suas filhas foram postas em um convento e presume-se que ele tenha morrido em 1519 ou 1520. O lugar de seu nascimento também é incerto. Dizem que nascera em Belmonte por volta de 1.467.

Seu nome verdadeiro era Pedro Álvares Gouveia. O sobrenome Cabral, advindo do patriarca da família nobre, só poderia ser usado pelo segundo filho após a morte do primeiro. O irmão mais velho de Cabral se chamava João Fernandes Cabral que ao morrer, permitiu a Pedro Álvares o direito de uso do nobiliário. Contudo, ao tempo do descobrimento ele carregava o sobrenome Gouveia, tanto assim que na Chancelaria de D. Manoel, livro 13º, fl 10 no Arquivo da Torre do Tombo encontra-se a carta de comando da armada que o rei deu ao descobridor do Brasil em data de 15 de fevereiro de 1500 e o título é: “ Pero Álvares Gouveia - Carta da capitania mor e poderes que levou quando foy envyado ás Índias per capitam”.

Aliás, Cabral nada entendia de navegação. Sua nomeação se deu porque ele era membro da Ordem de Cristo e acostumado às contendas militares. No Mosteiro dos Jerônimos vemos sua figura entalhada junto do

Vasco da Gama e Bartolomeu Dias, todos trazem no ombro uma rosa de metal que prendia a capa que carregavam às costas. Esta rosa era o símbolo maior da iniciação. Nicolau Coelho também tem seu rosto entalhado, contudo sem a rosa, o que mostra estar ele um patamar abaixo na hierarquia da Ordem. Este símbolo – a rosa - representava o graal e somente os cavaleiros da Ordem de Cristo podiam usá-lo.

Há semelhanças interessantes entre Colombo e Pero Álvares Gouveia . Ambos vieram para este lado do Atlântico para “ descobrir o que já havia sido descoberto”, por isso ambos oficializaram apenas o que existia . Os dois desagradaram seus soberanos e com isso acabaram ficando isolados e sós terminando suas vidas em pobreza. Parece que ambos apenas emprestaram seus esforços e deram seus nomes para cumprir uma tarefa previamente escrita. Finda a missão , cada qual em seu canto, desaparecem de cena, reforçando a idéia de que a ação praticada era bem maior do que o seu autor.

Brasil, um espaço místico entre dois mundos : ocidente e oriente

*“ A História, pois, não só obedece a uma inteligência dirigente,
como exprime o desenrolar-se de um processo lógico.
Não achamos um fenômeno que não obedeça uma lei.
Não podemos admitir que o fenômeno histórico
esteja isento dela, e que este,
que é o caminho principal da evolução humana,
caminhe agitando-se no caos “*

Pietro Ubaldi

Como já falamos anteriormente, a época em que a história de um povo começa a ser escrita é obra e determinação de um plano traçado em esferas que excedem a nossa vontade. As civilizações têm sua história e seu carma. De nada valeria se saber da existência das terras do Brasil antes , porque seu começo, enquanto país, foi na data historicamente aceita , posto que este era o desígnio de um ser superior que julgou adequado que as coisas

acontecessem assim . Isto também faz parte da história cifrada que a alma deve saber ler.

Cada momento histórico é confluência e resultado das ações de uma infinidade de pessoas, as quais se tornam personagens de seu tempo na busca da edificação da própria história presente e futura. Só que nem sempre estes personagens sabem exatamente o que estão realizando para o amanhã porque a consciência dos fatos precisa de um certo distanciamento para ser totalmente entendida. Cada actante do processo histórico é apenas um pedreiro relativo dentro de uma construção gigantesca e absoluta em termos de tempo e espaço. Quando as peças se juntam , tendo a noção completa do espaço/tempo, dos porquês, é que passamos a entender de fato o que aconteceu. Ao historiador importa exatamente estes porquês. São inúmeras, não apenas referências místicas, mas números cabalísticos, previsões, feitas por santos , como no caso de Dom Bosco, e outros místicos como o Dalai Lama, enfim , há registros incrivelmente interessantes que apontam para um destino espetacular desta terra brasileira.

No fundo, é como se cumpríssemos as utopias medievais, as quais nos aludimos no início desta obra. Parece que uma escrita preestabelecida já se fazia e se faz presente em muitos dos fatos históricos que envolvem o Brasil, cujos olhos mais voltados para a alma da história e não seu corpo, podem ler .

Há uma predestinação da América e dentro dela o Brasil . Está escrito desde há longa data. Nos poemas de Wolfram Eschenbach, textualmente, o Cálice Sagrado é conduzido por Parsifal , “mais três cavaleiros do número ímpar” através do “Atlântico Oceano” – a América - na direção de Avalon , o centro do mundo. Sabidamente o cálice não é entendido como uma taça. O cálice é toda uma gama de valores, filosofia, guardados pelos cavaleiros cátaros, puros portanto , que veneram o cálice e o protegem para ser “descoberto” por um povo igualmente puro e com isso cumprir a vontade de Deus , fazendo deste mundo , finalmente, o seu reino terrestre.

A América é isso misticamente. Cumpri-la é tarefa daqueles que governam os diferentes povos que aqui vivem. Por este motivo, talvez , não seja interesse das grandes potências que esta parte do mundo alcance a sua

maturidade sócio-econômico-espiritual e desta forma as coisas não têm sido tão fáceis como poderiam ser.

Inegavelmente o Brasil tem uma missão muito grande nesta caminhada de independência e progresso do Novo Mundo. É o que tentaremos “ler” nas pistas que descobrimos, porque lá é que está a escrita da alma de nossa gente, da nossa história.

Hy-Brasil , o paraíso é aqui.

*Conforme diz a lenda, havia uma misteriosa e paradisíaca ilha chamada Hy Brasil, localizada no Atlântico Sul. Ela seria um pedaço desprendido do Paraíso na Terra, com riquezas infinitas, sendo relacionada com Avalon (dos mitos arturianos) e Atlântida (citada por Platão). Muitos acreditam que ela deu o nome ao Brasil.
(adaptação)*

Michelle Klautau

Todos sabem que aqui nesta terra havia uma madeira que produzia uma tintura vermelha capaz de colorir tecidos - o pau-brasil. Contudo, seria esta madeira a dar nome à terra , ou a terra a dar nome à madeira ? Já dissemos antes que os portulanos existentes já traziam escritas corruptelas da palavra Brasil : Brexil, Brazzell, enfim, uma gama muito grande de possibilidades, mas todas girando em torno de uma forma comum , sempre se referindo a uma ilha imaginária de tradição muito antiga, incorporada pela cultura dos celtas, desde há cerca de 3000 anos .

Nomes antigos geralmente vêm do próprio lugar, isto é, acidentes geográficos, nomes dados pelos antigos habitantes, aproveitamento de algum fato ocorrido durante o período de descobrimento ou de colonização. Estas características não se aplicam ao Brasil. Não há nenhuma ligação etimológica com o nome Brasil em Tupi, pois a língua indígena para “pau-brasil” traz a

forma “wira-pitãng” e para “ brasileiro”, o tupi tem a forma “karai-été” donde se pode concluir que o nome Brasil tem ligações com outras fontes que não as naturais da língua local.

O nome viria de um deus , ou semideus, Breasal, considerado o grande rei do mundo e que vivia no país chamado Hy-Brasil ("Hy" abreviação de island - ilha). A “Ilha Brasil”, portanto, era entendida como aquele mesmo centro do mundo do qual muitos faziam e fazem referência ainda nos meios místicos.

Assim , quando da transição do paganismo para a era cristã, foi um “pulinho” a Ilha Brasil ser entendida e aceita como o Paraíso Terrestre ou a Terra Prometida aos Santos. Tanto assim que foi em busca dessa terra, que o monge irlandês, São Brandão, teria partido numa incrível aventura no início do século VI, talvez a saga mais famosa de todas aquelas em que os medievos se embrenharam na busca do paraíso.

A mesma saga é encontrada em vários povos daquela época, todos com a mesma finalidade da busca do paraíso. Em Língua Portuguesa , esta saga foi feita por Amaro, homem piedoso que também se empenha numa empreitada igual à de Brandão.

O nome Brasil ainda aparece em uma centena de manuscritos do século IX. A fé, a crença e o desejo de encontrar esta ilha levou inúmeros marinheiros e experientes navegadores a se lançarem ao mar em busca dessa terra afortunada. A ilha, nunca alcançada, aparece nos mapas e cartas náuticas da Idade Média e Renascimento. A primeira aparição cartográfica do nome Brasil, portanto, oficial, foi em 1325, no mapa de Angelino de Dalorto, bem antes do descobrimento.

Na literatura, a Ilha Brasil também não foi apenas imaginária. O historiador eclesiástico Giraldus Cambrensis, ao escrever a *Topographia Hibernica*, em 1188, um tratado sobre a topografia da Irlanda no final do século XII, contava que entre as ilhas ocidentais uma era considerada "Phantastica". A Academia Real Irlandesa, em Dublin, tem hoje em sua biblioteca um manuscrito, crê-se de 1434, o qual se imagina ter sido trazido da Ilha Brasil, com informações sobre tratamento e cura de muitas doenças.

Como se vê, a Fartura, a cura das doenças, são temas recorrentes quando imaginamos o paraíso terrestre, a utopia maior do medievo, capaz de acabar com a fome do ser humano , porque “ no paraíso” há rios de mel, pomares com frutos saborosos ao alcance da mão e de propriedade de todos. Vejo aqui a terra da Cocanha de que fala Hilário Franco Júnior, mas vejo também e sobretudo, um eterno anseio do ser humano na busca do estado adâmico perdido. Esta ânsia de “re-ligação” capaz de pôr novamente frente a frente o criador e a criatura exige um espaço próprio, aquele perdido na memória do tempo quando da expulsão do paraíso. Hoje o homem , aprimorado como criatura, anseia pela visão do criador, olho no olho, de mãos dadas para avaliar esta trajetória desde a criação até aqui.

Gramsci, na sua Concepção Dialética da História, tem uma passagem que transcrevemos a seguir : “ A religião é a mais gigantesca utopia, isto é, a mais gigantesca “metafísica” que já apareceu na história , já que ela é a mais grandiosa tentativa de conciliar, em uma forma mitológica, as contradições reais da vida histórica: ela afirma, na verdade, que o homem tem a mesma “natureza”, que existe o homem em geral, enquanto criado por Deus, filho de Deus, sendo por isso irmão dos outros homens, igual aos homens , livre entre outros e da mesma maneira que os outros; ele pode se conceder desta forma espelhar-se em Deus, “autoconsciência” da humanidade; mas afirma também que nada disto pertence a este mundo e ocorrerá neste mundo , mas em outro (utópico).”

Hy Brasil seria justamente este mundo da utopia que faria por ocorrer aqui e não em outra vida esta igualdade entre os homens, todos os homens e Deus.

Os números do descobrimento

Esta questão de numerologia é curiosa, tem quem gosta e acredita plenamente e tem os absolutamente céticos. Contudo, cabalisticamente , não dá para refutar coisas coincidentes e que reafirmam sempre o mesmo ponto, ou ainda, estabelecem relações que são mais do que consagradas e sabidas,

atestando que os fatos estão realmente em consonância com o que se acredita dentro deste estudo numerológico.

Os autores.

Na época do descobrimento , o Brasil cumpria o papel de ser um ponto médio entre oriente e ocidente, isto é , unia os lados oriental e ocidental. A esquadra cabralina, hoje sabemos, veio aportar a 17º de latitude sul no Brasil e justamente o 17º grau filosófico da Maçonaria é o do Cavaleiro do Ocidente e do Oriente. Quer dizer, num só ponto os dois mundos unidos.

Ademais , este grau maçônico, ou os graus da latitude sul, o número 17, somados, porque o estudo cabalístico trata de unidades, dão o número 8, qual seja o número da Ordem de Cristo, responsável por todo o projeto dos descobrimentos em Portugal.

De início, as naus que saíram de Lisboa eram em número de treze, cabalístico por demais, pois lembra os apóstolos e Jesus, e mais ainda, os cavaleiros da Távora Redonda, saga que fala da busca do Graal, missão dos templários, e , portanto, missão dos continuadores do templo, isto é, os cavaleiro da Ordem de Cristo de Portugal, agora argonautas do descobrimento.

As naus aportaram a 22, mas já era sabida a existência das terras a 21 de abril. Se somarmos os números de 21 de abril (04) de 1500, teremos cabalisticamente o mesmo número 13.

Contudo, pouca gente hoje sabe, porque deixou de se reverenciar esta data já há algum tempo, embora ordens místicas como a Maçonaria ainda a reverenciam , a data do descobrimento do Brasil, durante um bom tempo , foi considerada como sendo 03 de maio (05) de 1500. Aliás, esta data foi a fixada por José Bonifácio, à época 1º ministro de D. Pedro I. A constituinte de 1825 discutiu o fato. O Papa Gregório XIII, em 1582 instituiu um novo calendário, corrigindo distorções de tempo do calendário Juliano, seguido até aquela data. Como havia discordância , o confronto dos dois calendários acabou dando como o dia do descobrimento o 03 de maio, data que durante

certo tempo foi também reverenciada, acabando por prevalecer o 22 de abril. Contudo, se somarmos os números de 03 de maio (05) de 1500, vamos obter o número 14, que transformado em unidade , dá 5 , um número que vai nos perseguir ao longo de todo este traçado cifrado de números cabalísticos que o descobrimento do Brasil possui.

Da mesma forma que o dia do descobrimento, 22 de abril (04) , somado ao ano , dá 14, a soma é 5 para chegar à unidade , procedimento dos estudos de numerologia. O 5 é o número da transcendência do mundo material. E neste particular o nome Pero Álvares Gouveia, dentro da numerologia cabalística, também dá 5.

E o que o número 5 representa ?

O número 5 representa o Androgenismo, Portal de Acesso, Cruzeiro do Sul, Vênus, Anjos, o Espiritual, o Mental Abstrato, o Verdadeiro, a Integração, Cristo na Cruz, entre outras significações. No Tarô, o Arcano 5 é o Papa. Diante do Sacerdote encontra-se dois seres ajoelhados, simbolizando o veículo mental e emocional da personalidade (alma) humana.

Contudo , a força do número 5 está no fato de que os elementos da natureza são 4 – fogo, água, terra e ar e coube nada mais , nada menos do que a Aristóteles criar o termo “quintessência”, isto é o quinto elemento, capaz de unir todos os demais elementos materiais. A isso, deu-se o nome de éter, uma força capaz de manter unida a vida material, além de impregná-la dando-lhe sentido, significância. Isto é, o cinco é o fluído espiritual, que para muitos está representado no Espírito Santo, cujo símbolo é a pomba, “ colomba” como dissemos .

Ademais, o número cinco, é marcado com a rosa no centro da cruz. Isto é, os quatro pontos da cruz mais a rosa, símbolo do Graal, e emblema da Rosa Cruz, como o próprio nome indica. Um símbolo forte, de grande significação esotérica que faz referência ao número 5.

Algumas instituições místicas dizem claramente que a nossa raça é a quinta raça raiz, isto é, este é nosso estágio de evolução hoje. Falta caminhar

ainda para a sexta e a sétima raças para termos o reencontro com o criador, o retorno à origem de tudo.

Este momento evolutivo do cinco está cifrado , portanto, em várias pistas que apontam o Brasil como sendo este espaço auspicioso do desenvolvimento humano.

É nisto que acreditamos e é isto que pretendemos mostrar na parte segunda deste trabalho . O início do terceiro milênio, quando o Brasil já viveu seus 500 primeiros anos (eis aqui novamente o mesmo número 5 !) é o começo de um tempo onde nosso país passa a dar seus primeiros passos em direção àquele futuro do qual tanto se falou e fala .

Afinal, é tempo do futuro chegar.

Parte II

I – Brasil, país do futuro , quando ?

As grandes idéias formam os grandes povos. Um povo só é grande quando chega a realizar uma grande e santa missão no mundo”

Giuseppe Mazzini

Desde pequeno escutamos que o Brasil é o país do futuro. Para quem ? Ou melhor, quando será o futuro que tanto aguardamos ? Ao longo de nossa história , acreditamos que esse milagre do país do futuro pudesse mesmo acontecer. Em certa medida, quase fomos o Quinto Império de Vieira e quase fizemos “cumprir Portugal” , quando os jesuítas aqui fundaram os 7 Povos das Missões. Mais tarde, o sebastianismo português fundiu-se com Antonio Conselheiro e a Literatura de Cordel nos deixou marcas deste devaneio; e mais decepção, afinal, todos sabemos o fim de Canudos.

O sonho do país do futuro ainda perdura. E por quê ? Simplesmente porque ainda sonhamos com um amanhã que faça justiça à beleza de nossa terra , a alegria de nossa gente. Somos o povo do homem cordial, somos um cadinho de gentes das mais variadas etnias, somos um amalgamado de

tendências , gostos, o que acabou por fazer de todos nós um povo especial e diferente, capaz de abraçar o mundo com as mãos e o coração.

Nossos anseios aí estão para serem atendidos, mas uma força de corrupção parece que sempre nos determina a postergar para frente o “país do futuro”, como se ele fosse a ilha de Avalon, perdida na bruma do tempo, sem que jamais consigamos alcançar suas praias e finalmente dizer a Parcival que , agora o Cálice é conosco.

Os nomes iniciais de nossa pátria traziam a cruz como referência . O primeiro nome dado ao Brasil foi Ilha da Vera Cruz. “Ilha” porque em todos os mapas existentes na cartografia da época , pensava-se que aqui havia apenas uma ilha. O próprio Mestre Johannes, em sua carta, diz a D. Manoel que mande buscar o mapa de Pero Vaz Bisagudo , o qual trazia a Ilha recém-encontrada.

Entretanto, misticamente é importante nos referirmos a “Vera Cruz”. De saída, a cruz era justamente aquela a qual os marinheiros mais viam na viagem. Não uma cruz de madeira qualquer , ou a cruz da bandeira da Ordem de Cristo, tremulando no mastro principal, mas o Cruzeiro do Sul, ali , bem fixado no céu, dando a antever a todos que embaixo dele haveria uma terra nova e abençoada por esta cruz divina vinda do firmamento. Em direção a ela é que as naus apuravam suas quilhas e perseguiram o sonho de encontrar uma terra cujo céu a abençoasse com a cruz do Cruzeiro. Além disso , “vera” significa verdadeira , isto é, *esta* era a terra da verdadeira cruz de Cristo. Há emblemas portugueses entalhados no Mosteiro dos Jerônimos que trazem uma cruz sobre o globo terrestre e desta cruz sai água que escorre se espalhando pela terra. Assim , esta era a missão sobre a qual os reis de Portugal e a Ordem de Cristo acreditavam ser de sua responsabilidade realizar.

Ademais, são 5 as estrelas do Cruzeiro do Sul e mais uma vez este número cabalístico se apresenta no descobrimento, novamente a confirmar as mesmas pistas. Depois de Ilha veio o nome de Terra da Santa Cruz. Não mais uma ilha, agora uma terra, ampla, generosa, rica , não com rios de mel, mas rios de metais preciosos, que serviram por suprir as riquezas do Velho Mundo. E nesta terra, a mesma cruz abençoando a generosidade deste “paraíso”, numa clara alusão ao mesmo Cruzeiro do Sul que paira sobre o nosso céu e que tanto encantou os navegantes de outrora que vinham em sua direção.

Antigamente, o Cruzeiro do Sul era incorporado na constelação de Centauro, mas com a vinda das navegações, a partir do séc. XVI, o Cruzeiro foi separado de Centauro, sendo considerado pelos navegantes como uma constelação própria. Nada mais apropriado, afinal, esta terra tupiniquim, igualmente foi separada do todo americano para ser entendida como um elemento novo no desenvolvimento dos rumos do planeta. Não é à toa que dentro de uma América hispânica como a América do Sul, o Brasil é a única pátria que fala a língua portuguesa, como a nos dizer que a América é uma coisa e nós somos outra. Os países hispânicos que vivem ao nosso redor farão parte de um outro salto de desenvolvimento que abrigará a sexta raça raiz, mas ainda falta tempo, pois temos que cumprir a quinta raça, ou como já diziam Bandarra , um místico português, Pe. Vieira e Fernando Pessoa, ainda tem que se fazer cumprir o Quinto Império, não em Portugal como eles equivocadamente entendiam, mas aqui nesta terra tupiniquim de tantas raças, credos e generosidade como veremos.

II- A predestinação do Brasil

*“Eis a atual posição do Brasil na História.
A vida lhe oferece uma função a executar,
a qual faz parte seu plano de expansão e de evolução do planeta.
É um oferecimento, é a investidura de uma grande missão.
Cabe agora ao povo brasileiro corresponder ao oferecimento,
compreendendo-o e aceitando-o.
Os momentos históricos jamais se repetem idênticos e
esses oferecimentos não são feitos duas vezes.
Perdida uma oportunidade, ela não volta mais”*

Pietro Ubaldi

Depois de tantos volteios, dados e interpretações que se pretendem místicas, o que queremos dizer com todas estas linhas.

A Fatura, a Cocanha, o Preste João, as maravilhas da terra em que em se plantando tudo dá, é mais do que retórica. São retalhos de pistas que nos conduzem explicitamente a uma só constatação : o Brasil é um país predestinado na aventura cósmica da evolução e seu tempo está próximo.

Já falamos do sonho do quinto império, tão bem defendido por Vieira e Fernando Pessoa, no sentido de fazer cumprir Portugal , que somado a tantas outras “profecias” pode nos dar certeza de que as coisas por vir são fatos que não podem ser simplesmente entregues ao devaneio místico de uns tantos que têm visões conforme a moda e o tempo.

Na verdade , como veremos nas palavras de Pietro Ubaldi, a profecia não precisa ser algo apenas mágico. Uma premonição inspirada pelo criador que tenta , através de um profeta, mostrar de antemão a seus filhos o que virá - como na Bíblia ou nas tertúlias de Nostradamus. Não ! A profecia, como “profetizou” Pe. Antonio Vieira em sua História do Futuro, e no entendimento de Pietro Ubaldi, é como que uma continuidade de todas as potencialidades do hoje em direção ao amanhã. Isto se aplica aos seres humanos, à ciência, e também à história, principalmente a história dos países.

Neste sentido é que o Brasil é predestinado. As pistas divinas são dadas pelas marcas esotéricas dos fatos que ocorrem através dos anos . A missão de cada país na evolução dos acontecimentos históricos que , passo a passo, vão fazendo por concluir a obra divina, é feita pelas ações individuais de cada um , o que reforça a tese de que o trabalho é individual, mas a missão é coletiva. A salvação não está no ato isolado de um ser, mas no conjunto de ações que comunitariamente praticamos. A obra de Deus é para ser concluída coletivamente e neste processo de evolução, o eixo do comando das ações que conduzem o desenvolvimento e a compreensão do próprio Deus , vai mudando de lugar.

Por esta razão é que Vieira falou dos impérios e por esta mesma razão é que outros místicos, sábios e até mesmo cientistas, como Ubaldi, falam no deslocamento de importância que um povo tem ao longo da história universal,

porque cada um que comanda a ação por um certo tempo, imprime neste tempo a sua marca, compondo o TODO que harmonicamente deve existir de modo a proporcionar ao ser humano a necessária complementação de si mesmo.

O mundo antigo, Greco-Romano, o mundo feudal, o Iluminismo, a democracia, o comunismo, o liberalismo econômico, são facetas que , após serem introduzidos neste amalgamado que é a história dos povos e das idéias , nunca mais deixaram de existir porque , em si mesmos, não são completamente bons e nem completamente maus. São o que são e a contribuição de cada um é que dá personalidade ao ser humano, tornando-o mais capaz e completo. Esta é nossa sina, buscar a perfeição caminhando em direção ao criador.

Assim , há um momento que vem se aproximando em que o Brasil, pela sua terra e sua gente, deixará a sua marca também. As pistas de que isso aconteceria foram levemente descritas nas páginas anteriores. Muito provavelmente outras pistas não foram percebidas por nós, assim como outras tantas pistas já estão em curso para mostrar o que se sucederá depois de nós.

Esta compreensão do nosso futuro já nos foi mostrada e quem soube ler pôde nos deixar páginas inteiras de imenso prazer. Quem melhor fez isso, foi Pietro Ubaldi, mas antes, vale relembrar alguns pontos da carta de Caminha e a famosa carta de Mestre Johannes.

A Carta de Caminha

*A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos
e bons narizes, bem feitos.
Andam nus, sem cobertura alguma.
Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas
do que de mostrar a cara.
Acerca disso são de grande inocência.
Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro,
de comprimento de uma mão travessa,
e da grossura de um fuso de algodão,
agudo na ponta como um furador
Pero Vaz de Caminha .*

A carta de Caminha é que nos instituiu como povo. Talvez poucos saibam que esta nossa certidão de nascimento ficou perdida até fevereiro de 1773, quando foi descoberta pelo guarda-mor da Torre do Tombo, José Seabra da Silva, e ela é mais rica do que pensamos, isto é, escrita pelo escrivão da armada, com intenção ou acidentalmente, ela nos dá pistas de que esta terra, que já era grande, nasceu naquele 22 de abril para ser maior ainda.

Em vários momentos, a grandeza que possuímos vai sendo apresentada nas palavras de Caminha, tal qual um artista que vai dando pinceladas na tela de modo a fazer da imagem algo absolutamente fidedigno aos olhos do leitor. Não foi à toa que D. Manoel se encantou com o que leu.

Logo de saída, Caminha diz que nada falará sobre a “marinhagem” e a “singradura”, já que eram coisas afetas aos diários dos capitães dos navios. Preferia se fixar na terra e nas ações que foram praticadas durante a estada da armada em terras brasileiras.

Assim, começa ele descrevendo a gente indígena daqui: “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma...” Esta constatação da robustez da raça, da saúde do ameríndio, aliada a sua nudez já deixam entrever a inocência dos que aqui habitavam e a “necessidade” da catequização, o que de fato ocorreria anos mais à frente com a colonização do Brasil feita pelos jesuítas. Aliás, pela força da igreja àquela época, a catequização dos povos chamados “bárbaros” e desprovidos de fé, dignos portanto da “piedade divina”, estava inclusive na pauta dos descobrimentos como uma das condições para obtenção de bulas papais reconhecendo o domínio sobre eventuais terras descobertas.

Na carta, mais à frente “.. um deles pôs olho no colar do capitão, e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro...” Só isso já bastaria para espicaçar a cobiça da corte portuguesa. Mas, além desta passagem há tantas e tantas outras que falam da grandeza dos rios, da vegetação, da boa terra, onde em se plantando tudo dá, além, dos arvoredos, dos animais.

Num trecho , textualmente: “ Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja viver entre os homens. Nem comem senão deste inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos que, que a terra e as arvores de si lançam. E com isso andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos tanto, com quanto trigo e legumes comemos” . Não está aqui a mais clara alusão à Fartura, à terra paradisíaca que tantos navegantes buscaram por anos e anos ? No trecho fica claro que , como na Bíblia, onde as aves não fiam nem tecem , mas Deus provê, e aqui a generosidade da terra igualmente provê e com isso dá forças aos seus moradores, força tamanha que , mesmo os portugueses com tudo o que comem , não conseguem aos nativos se equipararem.

Trechos isolados como “ pelo sertão, nos pareceu, vista do mar, muito grande ... “ , “águas são muitas, infindas “ , a terra que ... “ graciosa que , querendo-a aproveitar, dar-se –á nela tudo...”

A carta de Pero Vaz de Caminha é um atestado da grandeza da terra, da força da nossa gente indígena – que depois , junto da negra, somada ao branco europeu, fará emergir a base, a força da gente brasileira tal qual a vemos hoje. O texto é uma descrição das potencialidades que possuímos por dádiva divina , muitas até hoje inexploradas, ou mal utilizadas, mas que estão aí, no fundo de nosso solo, no fundo de nosso mar, como que esperando este momento que se avizinha quando assumiremos nossa vocação desenvolvimentista. O que nos resta , já que o solo é mágico, é mudar o homem, tornando-o melhor. O Brasil precisa disso, e os governantes precisam entender esta necessidade que temos. Com urgência !

A carta de Mestre Johannes

Quanto, Senhor, ao sítio desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-múndi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra;

mas aquele mapa-múndi não certifica se esta terra é habitada ou não;

Meste Johannes

Da mesma forma que o escrito de Caminha, a carta de Mestre Johannes ficou na obscuridade até o ano de 1.843, quando de seu achamento na Torre do Tombo. Embora todos se encantem – e é justo – com a carta de Caminha, havia embarcado com a tripulação outra figura importantíssima, que também enviou uma carta ao rei D. Manoel. Tratava-se de Mestre Johannes, cuja assinatura era feita da seguinte forma “ Mestre Johannes, artium et medicine bachalarius”.

Era homem de cultura elevada : físico, médico, estudioso dos astros e da navegação. Sua origem é incerta, tanto poderia ser galego, como alemão, ou mesmo grego. Varnhagen lhe dá o sobrenome Emenelau, embora há quem lhe atribua outro : Faro. Se assim o for, isto o aproxima de Colombo, que também era Faro , em Cristo + Faro, Cristoforo, Cristóvão.

Se ficarmos com Emenelau, não fugimos do mesmo lado místico, esotérico. Emenelau é corruptela de Menelau, nome grego, que significa “Deus Conosco”, ou “ Deus em nós”.

Sua amizade com D. Manoel devia ser imensa, já que teve a liberdade de escrever uma carta ao rei. Acreditamos que Johannes era o verdadeiro representante do Grão Mestre da Ordem de Cristo na armada, isto é, ele representava D. Manoel.

Na carta, muito curta por sinal, ele fala das coisas da viagem , cita um mapa de Pero Vaz Bisagudo onde havia a terra nova assinalada , mapa este já de posse do próprio rei na corte, enfim , não nos parece nada de espetacular, o que ele diz, até chegarmos ao fecho da missiva.

Cartas naquela época tinham uma forma rígida de ser, assim como a de Caminha. O final era feito com uma saudação ou reverência ao rei, data, localidade e assinatura. Mas Mestre Johannes não termina a sua deste modo.

Após a saudação, quando nada mais havia a ser tratado, ele inclui uma frase que , se lida com os olhos do corpo da história, nada significa; mas se lida com os olhos da alma...

Transcrevemos para ficar mais evidente : “pêra la mar mejor es regyrse por el altura del sol que nom por ninguna estrella e mejor com estrolabio que nom com quadrante e nim com outro instrumento”.

Se esta era uma informação de navegação, como outras que o próprio Johannes deixa no corpo da carta, ele deveria tê-la dado antes, no texto, e não no final, deslocada entre a despedida e a assinatura. Por outro lado, já era de conhecimento dos portugueses o uso destes instrumentos de navegação – astrolábio e quadrante – e para D. Manoel esta informação não seria de validade nenhuma.

Ademais, não fora o Cruzeiro do Sul perseguido pelos navegadores a ponto de dar nome à ilha descoberta ? E o Cruzeiro era composto por estrelas, por que agora dizer que é melhor se ligar ao sol e não a nenhuma estrela ?

Contudo se o que Mestre Johannes quisesse ter dito não era nada disso em verdade ? Se olharmos um astrolábio , vamos ver que ele trabalha fazendo com que seus ponteiros se assemelhem a um compasso sobre o globo terrestre, e aí sim , as palavras de Mestre Johannes ganham um sentido místico significativo: pois é a prevalência do compasso sobre o esquadro, isto é, o quadrante: “ ... es mejor regyrse com estrolábio que non com quadrante” Junto, um sobre o outro , formam o símbolo da própria Maçonaria .

Ademais , sua alusão ao sol não precisa ser o astro em si, mas o sol místico, o *sol invictus*, aquele mesmo celebrado a 25 de dezembro, data que o cristianismo “emprestou” do mitraísmo para celebrar o nascimento de Cristo.

Ora, não era este o Cristo que nascia naquele momento com o surgimento da terra e o deslocamento do eixo de desenvolvimento do mundo, sob o Cruzeiro do Sul, misticamente, como a rosa no centro da cruz, simbolizando o Filho de Deus e sendo assim o símbolo do Graal , um lugar para onde Parsival navegou a fim de guardar o vaso sagrado até que as almas puras pudessem novamente tê-lo em mãos ? Mistérios, mistérios, mistérios ...

Pietro Ubaldi e o sentido maior do que seja profecia

“ Uma é a História feita pelo homem, outra a História feita por Deus, e esta também contém , acima da luta pela vida, os grandes idealismos que devem ser alcançados”

Pietro Ubaldi

Pietro Ubaldi dispensa apresentações. Autor de inúmeras obras , traduzidas em praticamente todos os idiomas da terra, dentre as quais vale salientar “A Grande Síntese”, “Deus e o Universo”, ele também nos deixou uma obra instigante - “ Profecias”.

Longe de imaginar que sejam premonições, ou visões místicas do amanhã, Ubaldi faz nesta obra uma análise sobre a história e de como ela é a expressão maior de uma vontade que excede o próprio homem, isto é, a história é expressão da vontade divina . Discorrer sobre as suas conclusões seria fugir do que ele mesmo nos ensina, por essa razão ficamos com as próprias palavras do mestre e pensador, e assim preferimos transcrever tópicos importantíssimos sobre a sua linha de pensamento, para depois nos fixarmos mais propriamente no destino do Brasil dentro do “conceito profético” adotado por Ubaldi, isto é , a profecia é possível quando chegamos a entender as potencialidade de um povo, a sua missão histórica , e perscrutarmos a vontade divina que existe nos fatos da história desse mesmo povo. Em outras palavras, isso ocorre quando deixamos de lado o corpo da história para adentrar na sua alma.

Desta forma, transcrevendo Pietro Ubaldi:

“ Há uma trajetória de desenvolvimento em todos os fenômenos, inclusive nos históricos. Há um andamento que exprime a lei que o individua , estabelece sua natureza, traça seu caminho. Nossa tarefa aqui consiste em

captar por inspiração o fio da lógica do pensamento diretivo da História, sobretudo o de hoje, que é o que mais nos interessa , para depois desenvolvê-lo analiticamente nos pormenores” .

“ (...) ao invés de fazer apelo à inteligência e muito menos à bondade humana, apoiamo-nos sobretudo na inteligência de Deus que alhures demonstramos estar presente na História. Foi essa inteligência que quis a lei da evolução e a impõe. Se não fora Deus impulsionando a cada passo, bem pouco realizaria o homem”

“ É verdade que a História obedece em suas grandes linhas ao pensamento diretivo de Deus, imanente na História. Mas o homem obedece a isso inconscientemente , pois só conhece o particular em que está imerso, em que se realiza o não progresso do mundo – que é confiado a mãos bem diversas – mas a experimentação do homem para amadurecer sua evolução”

(...) neste duplo binário , caminha a História. Há o trabalho do homem, necessário também a ele, para aprender, e há o trabalho de Deus que dirige a História. Há embaixo um mundo de velhacarias em que se combate ferozmente a dura luta pela vida, e há no alto um mundo de sabedoria e bondade com que Deus guia os acontecimentos, canalizando-os para o bem, segundo a linha da evolução. (...) o progresso do mundo guiado por Deus é executado pelo homem”.

“ E não há caos nos fatos porque , apesar de tudo, a História caminha e o mundo envolve. Tudo isso, dado que corresponde a um plano inteligente e orgânico, não pode ser trabalho do homem, que se propõe a objetivos totalmente diferentes, pessoais e não coletivos. Quem seria , então o autor disso ? É essa vontade superior, que escolhe os homens adequados, utiliza-os, enquadra-os num trabalho que eles não veem e que , no entanto, executam, os dispõe num desenho que só aparece depois, visto de longe”

E para finalizar , um trecho em especial :

“ Assim , a História confia a vários povos, no momento mais adequado para eles e para a vida de todos uma dada tarefa na evolução da humanidade:

funções aparentemente negativas, mas , em substância, positivas, de experimentação e reconstrução de civilizações exaustas, de reequilíbrios de acordo com a justiça, de eliminações de classes dirigentes ineptas e parasitárias, de reações curativas de abusos, de fecundas reconstituições demográficas, preenchendo vazios em cada campo e reforçando fraquezas”

Como se vê , para Ubaldi, a História não é utilizada pelos homens , mas se utiliza deles para o propósito divino da evolução. Ela , constantemente, se funde à mãe-natureza, cuja finalidade é o bem-estar da espécie, no caso da História, o bem estar dos povos. Assim , o eixo evolutivo dos acontecimentos muda de direção conforme as necessidades exigidas por Deus. Ubaldi ainda sentencia “ O que vale , no pensamento da História que dirige o mundo, é a idéia de seu desenvolvimento, e não acidentalidades contingentes de sua manifestação e de seu desenrolar-se”. Por isso, o Brasil foi “descoberto” quando foi e não antes, mesmo sabendo-se de sua existência, Na verdade nosso tempo começou a 22 de abril de 1500 porque este era o plano divino, projetado, sem acidentalidades e ações fortuitas feitas pelos homens sem a vontade de Deus.

Em seguida, o pensador se pergunta : qual é a função histórica do Brasil no mundo, em especial à esperada nova civilização do Terceiro Milênio ?

Partindo de sua própria teoria de profecia, nossa terra e nossa gente foi preparada para ter as qualidades que serão necessárias neste milênio que se inicia. Esta preparação foi sendo feita passo a passo no desenvolvimento das ações que foram praticadas pelo homem brasileiro, sempre a serviço da missão divina, e o resultado é que forma o potencial que possuímos para enfrentar as necessidades humanas do milênio. Assim , é profecia quando analisamos a nossa formação étnica para percebermos que temos características mais do que especiais para o enfrentamento do futuro. Da mesma forma, nossa terra, nosso solo, nossas riquezas minerais . Assim é que

ele entende a profecia : uma análise de potencialidade que “profeticamente “ nos conduz a um caminho específico e não a outro.

As respostas que ele nos dá sobre nossa função neste terceiro milênio, são as mais interessantes possíveis. Note-se que a obra foi feita em 1955, acabada aqui mesmo no Brasil, na cidade de São Vicente , litoral de São Paulo. Hoje é fácil falarmos de tantas coisas que já nos definem , mas há mais de 50 anos atrás ...

O que Pietro Ubaldi conseguiu , com sua sensibilidade de “profeta” nos dá pistas sobre aquilo que somos e onde podemos chegar neste terceiro milênio .

Inicialmente a questão da paz . O brasileiro é cordial , já foi dito. Nossa cordialidade vem da nossa tendência à amizade, ao enturmamento. Somos hospitaleiros, por isso somos pacíficos por excelência. As guerras , no passado, onde nos embrenhamos, raramente fazem parte de nossos motivos de orgulho nacional, diferentemente de outros povos, cujas vitórias no campos de batalha são marcos eternos de reverência. Nossos campos são outros , o do futebol, do vôlei, a passarela do samba.

Por isso, estamos mais aptos para o amanhã. Nosso tempo futuro não será o da separação, da segregação, como muitos povos cuja unidade alcançada hoje foi conseguida com sangue no passado, fazendo com as mágoas jamais fossem esquecidas e, com isso, ódios jamais sanados impedem o desenvolvimento de muitas nações. O Brasil não teve contendas e por isso não se divide, cultua os mesmos valores, os mesmos símbolos, mesmo sendo um país de dimensões continentais. Pelo contrário, o amanhã requer a junção de esforços e a prevalência de que a melhor maneira de multiplicar é dividindo. O brasileiro está pronto para a paz porque sabe dividir e acreditar no próximo. A solidariedade vem daí. As tragédias que a natureza

impõe a alguns de nós, brasileiros , são sentidas por todos, por isso ajudamos tanto, somos solidários com nossos irmãos, nos apiedamos convictamente e esta mesma piedade se expande para fora do nosso território, afinal o Brasil está sempre presente no sofrimento de qualquer país que precisa e pede ajuda.

Outro aspecto de suma importância é que biologicamente somos fortes . Somos um cadinho de raças, de personalidade afável. A miscigenação à qual a estratégia divina nos conduziu, deu-nos esta fortaleza, mais que isso, deu-nos esta beleza enquanto espécie humana.

Toda mistura é forte. A pureza das tais raças – como queria Hitler com a ariana, não conduz a um bom destino. Todos os povos, dentre aqueles que estiveram na nossa formação étnica : o índio, o negro e o branco europeu, somados aos imigrantes, nipônicos, asiáticos, acabaram por nos constituir como fortes e preparados para o amanhã.

Mais que a força física, estas culturas se amalgamaram e por conta desta massa de pessoas, somos um povo de personalidade aberta, capaz de aceitar conceitos, formas de vida, e assim nossa culinária é rica, nossa arte é multifacetada, nossas grandes cidades são cosmopolitas. E mais que isso : como se não bastasse sermos assim, porque nós nos identificamos com isso, aqueles que aqui aportam se identificam também. O mundo se vê no brasileiro e graças a isto, podemos ver o mundo com um olhar universal, por pura índole.

Ubaldo aborda também um aspecto interessante de nosso desenvolvimento. Estamos no Hemisfério Sul. O Norte, capitaneado pelos EUA, é belicoso por origem, uma vez que é a continuidade da Inglaterra. O Sul é brando, rico em seu solo, sofrido, já que foi espoliado pela ganância de

Espanha e Portugal. E por não estarmos ligados geograficamente ao povo americano, temos menos dependência dele.

Contudo, embora Pietro Ubaldi não tenha abordado este aspecto, nós consideramos que há algo mais nesta questão do Hemisfério Sul. O Velho Mundo, a Europa, não quis e não quer “morrer”. Os EUA são a mais concreta tentativa da continuidade da dominação européia. A Inglaterra viveu momentos religiosos difíceis. O Cristianismo, o Protestantismo e o Anglicanismo se alternaram na vida cotidiana do povo inglês e fizeram vítimas.

Quando subia ao trono um rei cristão, os protestantes e anglicanos eram perseguidos e tinham que fugir. Quando um novo rei subia e era fiel a uma das outras duas religiões, os demais fugiam igualmente, e esta alternância de religiões, com perseguições e mortes, perdurou um longo tempo. Assim, comunidades inteiras eram mandadas embora. Não condenados ao desterro como fez Portugal, mandando para nosso solo a escória, os condenados. Na Inglaterra, comunidades inteiras com seus médicos, advogados, professores, comerciantes e dinheiro na algibeira saíam do país. Daí tantas e tantas cidades americanas importantes terem em seus nomes a palavra “nova” – *new*. São os casos de New York, New Hampshire, e outras tantas, remanescentes das antigas cidades onde viviam os ingleses expulsos: Hampshire, York e assim sucessivamente.

Desta forma, os EUA se constituíram na continuidade da Europa inglesa dominadora. Por isso, o desenvolvimento americano foi mais rápido do que o desenvolvimento do Brasil, embora tenhamos sido descobertos primeiro. Só que nossa vantagem é exatamente essa: somos o novo e não a repetição do velho continente no Novo Mundo.

Esta é nossa idéia de futuro. Somos um povo que não tem o peso dos milênios da história. Se isso diminui as tradições, nos dá mais espaço para

sermos aquilo que desejamos ser. Estamos em formação e nosso presente é quem nos determina - nós estamos escolhendo um futuro que atenda aos anseios da própria evolução.

Para Ubaldi , a vocação brasileira está embasada no nosso solo, por isso , aqui , em se plantando tudo dá, contudo, mais que isso: nosso biodiesel – fruto da terra - é o melhor, mais econômico e nossa energia vinda do subsolo é praticamente interminável. Veja o caso do pré-sal.

Dar tudo isso a um só povo não pode ser um equívoco da História divina. Mais ainda : não é para entregar aos outros, ou vender, ou não explorar. A terra é nossa e o propósito da história para nós é a exploração desta riqueza para fazer o bem a toda gente, principalmente a nossa gente com a distribuição de riqueza que os brasileiros mais necessitados precisam. O desenvolvimento não é feito aos saltos, é um processo de aprimoramento gradual, de aproveitamento de potencialidades , e estas terras que nos foram dadas pelo criador, são nossas para bem usá-las, a nosso favor e em prol de toda a humanidade.

Todos os estudiosos afirmam que o mundo viverá numa crise de alimentos porque o solo utilizável se esgota a cada dia . Não o nosso. Nós podemos encher os silos de muitos povos porque sabemos plantar e colher, além do que, temos espaço de sobra para isso. Sem contar que nosso solo produz energia com o biodiesel, vindo da cana de açúcar, a mesma cana que já nos deu no passado um ciclo de desenvolvimento econômico. Produzimos energia barata com nosso solo, enquanto os EUA usa do milho para isso e assim faz por se perder grãos que alimentam as pessoas.

Além do mais, nosso solo tem reservas de petróleo A energia usada pelas grandes potências é poluidora – veja o caso da China que usa ainda o carvão, a mais poluidora de todas, assim como esgotam o ferro, o ouro, e sobretudo as reservas de água. Somente os rios de nosso país já seriam

mananciais preciosíssimos, mas temos na região sudeste, o Aquífero Guarani , um lençol subterrâneo de água que excede a imaginação. Nós temos as riquezas que o mundo vai precisar neste milênio que se inicia. Elas foram todas colocadas aqui por um propósito apenas – e não adianta dizer que isso não é profético – é chegada a hora do Brasil entrar em cena , não mais como coadjuvante, mas como astro da História Divina.

Por fim , e para não fazermos mais digressões , para Ubaldo , o Brasil pode ser a pátria do evangelho. Nada mais correto e místico. Sabidamente, o Planalto Central é a maior concentração de instituições místicas que se tem notícia. Não apenas brasileiras, mas de vários países que “sabem” ser aquele local um espaço especial para a Nova Era.

Mas , quando se fala em evangelho, fala-se na “boa nova” , isto é, em Cristo. O Velho Testamento, embora traga conhecimentos admiráveis, não foi escrito para nós; foi escrito para aqueles que receberiam o messias. Para nós esse messias chegou. Para outras religiões, como os judeus, Cristo foi apenas um profeta a mais, mas não o messias. Por isso , o Brasil é um país cristão por excelência e sobre isso é que vimos falando nesta obra: somos a rosa no centro da cruz.

Aqui é o palco de uma infindável quantidade de igrejas evangélicas, somos os criadores de um sincretismo religioso capaz de fundir com a umbanda de origem africana os santos cristãos, e recentemente com o xamanismo, incorporamos o elemento indígena na religiosidade cristã de inúmeros brasileiros, somos um povo de fé. E quem acredita em Deus , sabe o caminho a seguir

Mais que isso, quem acredita em Deus tem a centelha dele não só viva dentro de si – porque isto todos têm – mas viva e atuante. Por esta razão é que somos generosos, entusiasmados. Esta palavra – “entusiasmo” - significa ter

Deus dentro de si. Isto é que nos faz igualmente alegres, felizes apesar das agruras da vida, e mesmo pobres são capazes de cantar nas rodinhas de samba dos botecos dos rincões a fora do nosso país.

Somos ainda um povo de beleza, porque quando se é belo por dentro – entusiasmado no sentido real do termo - transborda-se e encanta-se aos que estão ao redor. Esta também é uma de nossas missões como povo: ensinar a toda gente que, “em se plantando a alegria”, ela dá frutos - a alegria de viver, a alegria de servir – generosamente doar-se enfim.

E de onde veio toda esta preparação que nos caracteriza, que nos determina, que nos personaliza e nos diferencia dos demais povos ? Vem da história que nos foi escrita por um ente superior. O mesmo se deu com tantos outros povos. Houve preparação no antigo Egito, na Grécia, em Roma , enfim , a história vai sendo montada para atender a um propósito futuro. O corpo vai ganhando forma para se enquadrar perfeitamente na alma que irá habitá-lo . Não é assim com os seres humanos ? Também o é com as nações.

Apenas um aviso. A missão tem que ser cumprida, isto é, não cabe ao povo escolhido o direito de dizer “ não quero a tarefa” . É muito grande todo o esforço que as forças cósmicas têm que fazer para que tudo dê certo, para que as convergências se agrupem nos locais escolhidos, no tempo exato e os resultados possam começar a aparecer. Assim , para o Brasil não se trata de *querer* dar certo, ele *terá* que acertar porque a evolução precisa do degrau que cabe ao Brasil construir nesta escada ascendente do ser humano.

Se nossa parte não for cumprida, os passos que se seguirão serão muito mais difíceis de serem dados. O ritmo da evolução humana deixará de seguir no tempo estipulado por Deus , haverá perda de esforços divinos. Estamos sendo preparados há 500 anos. Nosso tempo começa agora, é nossa “deixa” para entrar em cena. Os privilégios que temos como nação não podem ser

jogados pelo ralo. Por isso, os homens públicos precisam estar conscientes de sua missão nesta estrada. Como disse Ubaldi, Deus age através do ser humano. Já dissemos atrás, quando, prepotentemente, nos julgamos capazes de mudar o *script* feito por Deus, geralmente erramos.

Antonio Telmo, na obra “ História Secreta de Portugal” nos dá uma metáfora maravilhosa sobre o que estamos falando aqui. Imaginemos um hipnotizador. Ele , ao hipnotizar uma pessoa lhe dá uma ordem para que , ao acordar , frente à platéia, execute uma determinada ação. E assim ocorre. O hipnotizado acorda, executa o que lhe foi determinado. Para a platéia que nada sabe, o ato é um espetáculo que merece ser aplaudido. Para o ator , o ato feito em público é fruto de sua própria inventiva e ele se acha o grande ator em cena. Mas para aquele que havia feito a hipnose nada é novo, tudo já havia sido previamente pensado e determinado, porque este sim , *sabe* o que acontecerá, este ser é quem cria as causas para as quais somos apenas peões, obreiros desta edificação chamada vida. .

Deus é a causa disto tudo. Seu plano divino lhe permite esta hipnose à qual vai dando o papel a cada um para desempenhar o *script* que ele mesmo escreveu. Já dissemos que o tempo caminha como serpente, indo e vindo, tomando e retomando, descartando e reaproveitando ações. Se assim não fosse, cada momento seria um momento totalmente novo, o que é uma impossibilidade metafísica . Nas idas e vindas do tempo histórico, nossa preparação do ontem é requerida no hoje para produzir os frutos do amanhã. Quando um povo não cumpre sua missão, ele perde o sentido de existir. Teria sido isso o fim da Atlântida ?

Somos um país ligado ao solo, à natureza, isto quer dizer que nossa missão ecológica precisa ser cumprida. Os desastres que temos vistos nestes últimos anos, principalmente com as cheias, em contraste com a seca excessiva de outras regiões do nosso país , são avisos de que alguma coisa do *script* elaborado para nós pelo criador não está sendo bem desempenhado.

Da mesma forma que temos que plantar, temos que produzir alimentos porque esta é nossa missão, e a alimentação do mundo passa pela nossa capacidade de produzir. Não é à toa que temos o maior rebanho bovino do mundo e somos o principal produtor de inúmeros grãos que alimentam que saciam a fome de tantos povos deste globo terrestre.

Fugir desta nossa missão é deixar de seguir o plano da História Divina que foi preparado especialmente para nós. Se isso ocorrer, haverá castigo porque seremos os culpados da perda de ritmo da evolução humana perante Deus e a complementação da obra divina será retardada.

III – Brasil , corpo e alma

Que symbolo fecundo

*Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A vida , que é a Rosa*

*Que symbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz que é o Destino
A Rosa , que é o Christo*

*Que symbolo final
Mostra o sol já descoberto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto*

Fernando Pessoa

No começo desta obra , falamos sobre o corpo e alma da história. Fizemos digressões, falamos da igreja católica, dos templários , passamos pelo paraíso, pela terra da Cocanha, o Santo Graal, os descobrimentos da América e do Brasil , para darmos um fio condutor à nossa linha de pensamento de modo a desaguarmos nas “profecias” conforme o entendimento de Pietro Ubaldi,

Apesar da racionalidade deste autor, quando se fala em profecias, fica a pergunta se não ocorreram outras profecias, como o vulgo as entende, feitas por místicos ou visionários, ou enviados de Deus, para anteverem coisas a respeito de nosso país. E caso você, leitor amigo, não saiba, sim , houveram.

Dentre todas elas, incluindo aqui mensagens espirituais e entidades de luz, como Ramatis, ou mesmo psicografias de Chico Xavier, ou até uma palestra com o título “*O Porvir do Brasil*”, realizada em abril de 1938 no Rio de Janeiro, pelo famoso e conceituado teosofista (e, na época, Presidente da Sociedade Teosófica) C. Jinarajadasa, onde ele antevia o destino grandioso do nosso país, enfim , dentre todas estas profecias, ficamos com três, as quais ,

pela sua força e credibilidade, atestam que realmente há uma missão grandiosa a ser realizada por nós dentro do plano divino.

São as profecias de Dom Bosco, amplamente divulgadas por causa da sua localização em Brasília , o Itinerário de IO, da sociedade teosófica, capitaneada por Henrique José de Souza, e as terras de O Fu Sang, feitas pelo 13 ° Dalai Lama, estas duas últimas pouco conhecidas da maioria do povo brasileiro.

O sonho de Dom Bosco

*Entre os graus 15 e 20, existia um seio de terra
bastante largo e longo, que partia de um ponto
onde se formava um lago.*

*E então uma voz me disse, repetidamente:
'Quando vierem escavar os minerais ocultos no meio destes montes,
surgirá aqui a Terra da Promissão, fluente de leite e mel.
Será uma riqueza inconcebível'.*

Dom Bosco

A Bíblia dá grande destaque a uma categoria especial de sonhos: são aqueles que mostram o seu perfil profético. É o caso do sonho do Faraó do Egito, cuja decifração feita por José , acabou salvando o povo egípcio da fome. Mas ainda há outros sonhos como os de Daniel, e no novo testamento o sonho de José, esposo de Maria , avisando-os para fugirem para o Egito e assim salvarem o menino Jesus.

Não só a Bíblia, mas os povos antigos valorizavam os sonhos, no Tibet, na Índia, na Grécia, em Roma e recentemente Freud, junto com tantos outros sábios, estudaram o assunto.

O caso do sonho de Dom Bosco está dentro desta linha de pensamento. Primeiramente , é aceito pela Igreja Católica. Os manuscritos originais, inclusive com correções de próprio punho de Dom Bosco, constam de códices arquivados no Arquivo Salesiano de Roma, sob o número A2230310, Microfichas B12017- profizie, e 65ª. Foi publicado no volume XVI das memórias de Dom Bosco, com novas correções feitas por ele também de próprio punho.

E o que sonhou Dom Bosco ? Ele narra um sonho que teve pouco depois da chegada dos Salesianos em Niterói , em 14 de julho de 1883, RJ. No dia 04 de setembro daquele mesmo ano, Dom Bosco sonhou que um jovem enviado por Deus vinha lhe mostrar um trabalho a ser realizado. O local deste trabalho era toda a América do Sul, e de trem , saindo da diocese de Cartagena que fica na Colômbia , ele viajou através da Cordilheira dos Andes, percorrendo a América inteira. Na viagem, ele via florestas virgens , terras de muitas riquezas, um solo farto cujo valor seria descoberto aos poucos , minas de metais , cobre, ferro , chumbo, filões inesgotáveis de carvão fóssil, além de prata e ouro, tudo ali colocado pelas mãos do Criador. Veja bem que o sonho é de 1883.

Contudo, em um trecho em especial ele relata “ entre os graus 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse , então uma voz repetidamente : Quando se vier a cavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida que vai jorrar leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”.

Onde era o local compreendido entre os graus 15 e 20 ? Em Brasília. Não foi à toa que o próprio Niemayer desenhou uma ermida que foi construída no exato local do sonho, às margens do lago Paranoá. Para muitos, Dom Bosco sonhou Brasília, para outros foi apenas uma visão profética que

confirma aquilo que vimos dizendo sobre nossa pátria , isto é, o destino que nos espera.

No sonho , o tempo em que as riquezas ocorreram está assim descrito : “Isto acontecerá antes que passe a segunda geração. E qual será a segunda geração ? A presente não conta . Será uma outra, depois outra. E quantos anos compreende cada geração ? Sessenta anos”.

A igreja católica interpreta esta passagem , partindo de 1859 e somando as gerações de sessenta em sessenta anos , desprezada a primeira, conforme estava previsto no sonho. A data limite em que se afirma que tudo passará antes que se complete a segunda geração, é 2.039.

Os sonhos de Dom Bosco são famosos , *porque aconteceram , e estão acontecendo* . Ali , no planalto central, em Brasília, nossa capital, entre os graus 15 e 20, a ermida de Dom Bosco fica a nos lembrar que a missão prevista por ele está chegando. Mais que isso , 2039 somado, dá 14, que transformado em um número só como cabalisticamente deve ser, dá 5. O mesmo número que vive a nos perseguir como uma pista segura para a leitura da alma de nossa história .

Contudo, falamos atrás que o Brasil será responsável pela 5ª. raça raiz, (mais uma vez o número 5) e outras se seguirão. Pelo menos a sexta ainda na América ! No fundo, o sonho de Dom Bosco não se restringe apenas ao nosso país. Não ! Ele percorre de trem toda a América do Sul, indo até a Patagônia, o estreito de Magalhães. Dom Bosco vaticinava o desabrochar americano, fixando um local por onde tudo começaria: o Brasil.

Questões místicas não estão fora da pauta dos grandes povos e são de conhecimento dos presidentes de grandes nações. Até mesmo Hitler tinha uma sociedade secreta a qual ele ouvia para tomar suas decisões. Se formos colocar na balança, nenhum dos países que hoje comanda o globo deseja a união da América do Sul. Todas as tentativas que foram feitas acabaram

fracassando, porque nossa potencialidade é imensa. Falta-nos capacidade de união, de forma a passarmos a trabalhar para nós e não para as grandes potências.

O Brasil tem sido atuante na América a ponto de começar a exercer uma liderança incontestável . Talvez isso já seja um sinal de ascendência que deve ser respeitado na conjugação de esforços que o Novo Mundo precisa ter para começar a ser protagonista no desenvolvimento da história divina escrita por Deus .

O Itinerário de IO

*A marcha das civilizações,(Ísis-Osíris),
é concebida e dirigida pelo “Governo Oculto do Mundo”,
que tem como responsável o “Rei do Mundo”.
Os mistérios, emanados ciclicamente dos Avatares Divinos,
que vêm, com a sua palavra (a boa nova de cada ciclo)
impulsionar as Mônadas “julgadas aptas”.
O Itinerário de IO teve sua origem na mitologia greco-romana
e está ligado ao signo de Touro, o mesmo que rege nosso país.*

Os autores

A Mitologia Greco-Romana é fabulosa. As inúmeras histórias, filosofias, condutas, arquétipos que ela encerra tem se tornando luzeiros para a conduta humana há mais de 2 mil anos.

Um dos episódios que até hoje perdura pela fascinação e pela dramaticidade que encerra é a história de Prometeu. Responsável por roubar o fogo sagrado do conhecimento e entregá-lo aos homens, Prometeu é condenado por Zeus a passar a vida toda agrilhado na rocha abrupta.

Diariamente os abutres vêm dilacerar seu fígado, que tem a propriedade de se regenerar à noite para que ele sofra, no dia seguinte, as mesmas dores e assim por toda a eternidade.

Neste caudal de sofrimento, há o encontro do herói com a virgem IO. Prometeu é a mais pura expressão do espírito humano, preso à matéria e seu ato de doar a semente de luz do saber aos mortais exigiu dele um preço alto e a virgem, por estar com ele também é punida. Nasce em sua testa dois cornos de vaca e, agrilhoadas, elas são condenadas a uma longa marcha em torno do globo terrestre. Este movimento de IO representa a capacidade de mudança do espírito humano.

O binômio Prometeu – IO nos mostra que a vida é sempre fruto da permanência e da mudança. Prometeu é quem pode prever o fim do reinado de Zeus porque conhece o segredo. IO conduz este saber e faz por cumprir o que prediz Prometeu: “ Teus passos serão conduzidos a um país em delta, onde, enfim, a tua sorte se desata. Bem longe irás fundar – porque o destino o quis – uma vivaz colônia, em vasta descendência”. E delta não é, por acaso, a forma do Brasil?

Para Henrique José de Souza, falecido em 1963 que foi presidente da Sociedade Teosófica Brasileira, a qual após a sua morte, recebeu o nome de Sociedade Brasileira de Eubiose, e autor de inúmeras obras sobre misticismo, a deusa IO realiza um longo roteiro ao longo do globo. Para ele o itinerário de IO significa que, de tempos em tempos, o foco de luz e de evolução muda de um local para o outro. Um entendimento coincidente com todos os místicos que abordaram o assunto sobre a evolução da vida na terra. Assim foi com Pe. Vieira, Fernando Pessoa e Pietro Ubaldi, e, curiosamente, não foge muito ao que sonhou Dom Bosco.

As “sementes de luz” lançadas por IO vão iluminando, ora aqui, ora acolá, os diferentes povos na busca da evolução. Já ocorreu isso na Índia, China, Mesopotâmia, na Fenícia, Egito, Grécia, Roma e por vários países da

Europa. Esta escolha não é fruto do acaso, isto é, o centro de espiritualidade é resultado de uma força telúrica e cósmica, plenamente planejada por um Criador.

Para Henrique José de Souza, IO está agora no Brasil e sua localização específica ficaria entre São Lourenço em Minas Gerais , Itaparica na Bahia ou Mato Grosso em Xavantina . Muito próximo de Brasília, mais posicionado ao centro do Brasil. O templo do Roncador em Xavantina , marco central da sociedade de eubiose, inaugurado em 1976, igualmente nos dá um outro indicativo dentre as pistas que vimos repetindo desde o início desta obra. A soma de 1976 é 23, e sua redução cabalística é 5! Indicativo de um novo ciclo, do fogo sagrado e de todos os demais significados que temos deste número, sempre nos conduzindo a 5ª. raça raiz e a espiritualidade, representada pela pomba sobre a cabeça do Cristo, isto é, o Espírito Santo. Nunca é demais lembrar que os místicos concordam que o primeiro milênio foi do Pai, o segundo foi do Filho e o terceiro será do Espírito Santo.

Por fim, ainda Antonio Telmo, na sua “História Secreta de Portugal”, nos diz que o movimento da história da Europa é de Oriente para Ocidente, de acordo com o curso do sol. Mais ainda, corroborando com o que dissemos sobre os EUA, Telmo afirma que este país é o prolongamento nórdico na América. E conclui que esta forma de pensar do Velho Mundo já cumpriu o seu destino. Cabe agora à América, e fundamentalmente ao Brasil, assumir o seu papel no mundo.

Para ele, inclusive a África ainda terá seu despertar – lá está o Reino do Preste João , o paraíso terrestre, e IO irá naquela direção um dia , sempre seguindo a rota .

Nós também acreditamos nisso. Será na África o desabrochar, ainda distante, da 7ª. raça raiz, uma vez que foi lá que o ser humano surgiu pela primeira vez e é fundamental , para que o mundo volte a seu princípio, que IO

termine sua caminhada naquele continente, pois assim a obra divina estará finalmente concluída.

As terras de O Fu Sang

*Fu-Sang é, para os chineses,
o que Atlântida é para o Ocidente –
uma terra mítica que muitos acreditam não ter existido,
mas com evidências bastante perturbadoras (e obscuras)
para manter a popularidade de tal hipótese*

Gavin Menzies

Os tsiopias são astrólogos que no Tibet se encarregam de fazer as previsões a respeito do futuro da nação tibetana. No ano de 1850, que somado dá novamente 5, foram feitas previsões as quais se encontram, devidamente documentadas e que foram comprovadas cabalmente conforme o passar dos anos.

Nestas previsões, está transcrita a morte do 13º Dalai Lama em 1924, a decadência do misticismo tibetano e a invasão chinesa em 1950, a qual perdura até hoje. Contudo, o mais significativo para nós é que estas previsões afirmavam que “ a luz da sabedoria tibetana voltará a brilhar no ocidente , em especial na terra de O Fu Sang”.

Ora, este é o nome dado pelos lamas do Tibet ao Brasil. Tanto assim que no testamento político do 13º Dalai Lama consta esta profecia , a qual foi encontrada na década de 90. Com a queda do governo milenar do Tibet e a expulsão dos monges, eles se dirigiram a uma região localizada na América do Sul. O interessante é que , semelhante ao sonhado por Dom Bosco, esta profecia também traz paralelos para a fixação do local, não coincidindo com

Brasília, mas sendo claras as informações de que seria perto do Rio Grande do Sul, justamente onde se encontra o atual centro tibetano do Dharma , ou Doutrina da Sagrada Loja do Tibet.

O texto é o que segue : “ No ano do Tigre e da Terra (1950) , a religião e a administração secular do Tibet serão atacadas pelas forças da Phoenix Vermelha (comunistas chineses). O 14º Dalai Lama e Panchen Lama serão vencidos pelos invasores. As terras e as propriedades do Estado e seus bens serão confiscados e serão obrigados a servir às forças invasoras. Contudo, a grande luz espiritual, que , há séculos brilha sobre o Tibet, não se apagará. Ela aumentará, difundir-se-á e resplandecerá na América do Sul, e principalmente nas terras de O Fu Sang, onde será iniciado um novo ciclo de progresso...”

Para entender o que seja O Fu Sang, recorreremos ao dicionário budista. *Fu* – significa *regresso* , *Sang* – amanhã, revelado, descoberto; e O – possui difícil tradução, sendo algo parecido com Hy, de Hy-Brasil.

Na verdade , tudo se cumpriu, desde o desaparecimento do estado tibetano com a invasão chinesa e a vinda da Loja do Dharma para nossas terras. O que nos força a acreditar neste texto é que se trata de mais uma das profecias que trazem o eixo do desenvolvimento e da luz para a América do Sul e ressalta a importância do Brasil neste contexto histórico que se seguirá doravante.

O que nos causa receio é que , se por um lado, as forças cósmicas entraram em sintonia para nos dar de presente esta terra generosa, cabe a nós agora estarmos capacitados para o enfrentamento de tarefa que se aproxima. É como se nos fosse dada uma nave para qual precisamos apenas aprender a pilotar. E , infelizmente, sentimos que não temos os pilotos para isso.

No Brasil, nosso povo carece de conhecimento. A verdadeira revolução, a nossa chamada “lição de casa” é a educação de nossa gente. Há aqui e acolá algumas tentativas tênues de nos conduzir para isso, mas é pouco. Em

se tratando de riqueza e cultura temos que convir que, para os que têm ambas, as duas são importantes, isto é, quem tem dinheiro valoriza o dinheiro e quem tem cultura valoriza a cultura igualmente. Só que , quem não tem dinheiro valoriza o dinheiro, mas quanto à cultura, quem não a tem não pode , justamente porque não sabe, valorizá-la.

Um amigo, certa feita , em visita à biblioteca da Universidade de Coimbra em Portugal, se deparou com um guia que explicava , mostrando cada peça do local , informando que os móveis eram feitos com a madeira pau-brasil vinda do Brasil, o couro das cadeiras eram de origem brasileira, as pedras preciosas que apareciam nos entalhes dos ornamentos, haviam saído das minas brasileiras. E a um determinado momento este amigo perguntou : “ e de Portugal, o que é ?”. A resposta foi óbvia : “ Os livros”.

Nada exemplifica melhor o que queremos dizer. A riqueza é nossa , mas a cultura não. O milênio que se inicia é o do saber. Precisamos urgentemente escrever o livros, lê-los, torná-los comuns à nossa gente, fazer fluir o saber. Claro que não se trata mais apenas dos livros. É preciso a tecnologia, a pesquisa, tornar enfim nosso povo , que é capaz , mais capaz ainda, para ser ousado de modo a dizer a si mesmo “ eu posso e por isso farei”. Isto só se consegue com educação e esta é nossa tarefa. A retribuição que podemos fazer à história divina que nos deu tantos bônus na terra que temos, e que nos fez como somos, é educar nosso povo para que ele desabroche perante às demais nações e siga a missão divina que lhe cabe neste terceiro milênio.

IV – O percurso até aqui

Uma das características desse período que estamos atravessando é o desapego a tudo que diz respeito ao passado.

A impressão é que o mundo começou com a

*existência individual de cada pessoa, de forma que
“fazemos nosso próprio destino”, traçamos o nosso caminho
e nada que aconteceu antes pode nos afetar.*

César Moisés de Carvalho

Desde o começo da obra, perseguimos uma linha de pensamento que tenta mostrar o instante em que o Brasil vai assumir a sua verdadeira função no processo histórico da humanidade. Passamos por reflexões que falam do misticismo e da impotência humana frente os desígnios da natureza, resvalamos na forma de pensar da igreja, colocando os problemas de *theos* e *andros* , colocamos questões da Inquisição e a condenação dos ditos “hereges”, mas que no fundo era os detentores de um outro saber que as sociedades iniciáticas preservaram até hoje, entramos na Idade Média com as utopias medievais, dentre elas a Fartura, o Santo Graal, o Preste João para desaguarmos nas navegações, cuja primazia do povo português foi incontestável. Portugal preservou o saber dos templários com a Ordem de Cristo e ela esteve nos Descobrimentos . Antes , falamos de Colombo e o que ele representou para este novo mundo do qual fazemos parte. Tudo isso para chegarmos ao momento em que o Brasil poderá assumir sua verdadeira função na história da Humanidade.

Esta função foi prevista em profecias altamente respeitáveis. Falamos sobre elas, e todas acabam indicando um só espaço : Brasília. A partir dela , a maioria do povo brasileiro começou a acontecer. Claro que forças outras impedem que esta maioria seja simples e fácil de ser alcançada. No percurso da história humana, os passos não são simples e o caminho é de duro percurso. Estamos caminhando, e neste sentido, as mesmas sociedades iniciáticas caminham a par e passo conosco, em momentos reforçando nossas ações, noutros corrigindo rotas, mas para aqueles que sabem ler a alma da

história, as marcas cifradas da história e da conduta humana, fica fácil ver que caminhamos para a grandeza que o Brasil vai alcançar.

Mas , como dissemos, não é fácil. A eterna luta entre o bem e o mal se evidencia também na formação de nações e não apenas quando os interesses são puramente individuais e humanos Há períodos em que as intenções do criador encontram obstáculos porque os seres humanos são influenciados negativamente e o caminho do bem se torna mais distante, Nem mesmo quando se trata de nações Deus abre mãos de suas leis e a do livre-arbítrio é uma delas.

A lei divina é a mesma para todos, contudo nesta luta entre o bem e o mal há a vontade e muitos daqueles que a sociedade lá os colocou para o cumprimento da missão, desviam seus desideratos em prol de causas menores e pessoais . Há um perigo nisto, pois se o mal, em última instância recai sobre quem o criou, igualmente ocorre com as nações. Muito carma coletivo tem sido cobrado daqueles que se desviaram do caminho, do *script* elaborado por Deus, e ainda mais forte é a pena se aqueles que praticaram o mal sabiam o que faziam.

outro poder

Santo Agostinho

Deus

alma humana

livre-arbítrio

*Pode-se identificar, na região,
várias das características do que seria a religiosidade na contemporaneidade.
Uma delas é o crescimento da busca pelo místico-esotérico.
Assiste-se a uma série de manifestações religiosas.
Esse movimento inclui aspectos triviais como os horóscopos
e a sensibilidade religiosa englobante chamada New Age.
Afirma-se a presença do sagrado como princípio unificador.
A postura tem caráter ecumênico,
o que inclui colagem ou combinação de elementos
de várias religiões ocidentais e orientais, tradição hermética, ciências,
consciência planetária, paz mundial,
ecologia e uma grande circulação pelos grupos e práticas.*

Deis Siqueira

Brasília não é só a cidade considerada por muitos como sendo a mais esotérica de nosso país e uma das mais esotéricas do mundo. Ela é uma cidade cifrada. Monumentos, a sua forma, a localização, nada foi e é por acaso, por isso esta é a cidade do terceiro milênio, assim como o Brasil é o país que já está caminhando para uma liderança mundial.

Brasília tem pirâmides em pleno século XX, monumentos arquitetônicos dignos dos maiores pedreiros que a história humana produziu. Inclusive sobre a sua forma, sobre a qual falaremos mais adiante, ser de um pássaro e com isso se assemelhar ao Condor dentro das formas geolíticas de Nazca do Peru, o que aumenta o misticismo da nossa capital.

Mas não é só isso, o livro “Brasília Secreta” – Enigma do Antigo Egito (Iara Kern e Ernani Figueiras Pimentel, Editora Pórtico), baseado em uma tese arqueológica da autora, chamada “De Akhenaton a J.K – Das pirâmides a Brasília”, mostra inúmeras semelhanças entre a construção de Brasília e uma antiga capital do Egito, Akhetaton, que existiu há 3580 anos, questionando se seriam apenas coincidências ou se existe algo misterioso unindo estas duas cidades.

Inclusive, para os autores, JK seria o faraó reencarnado - Akhenaton, nome adotado por Amenhotep IV, esposo da rainha Nefertit. Na defesa deste ponto de vista, embora o respeitemos, mas preferimos entender JK como um iniciado e Oscar Niemeyer um homem verdadeiramente inspirado. Os desenhos arquitetônicos de Brasília são por demais reveladores.

Vejamos : o Centro de Convenções: com características semelhantes a uma tumba egípcia, em forma de “U”, simbolizando um ímã de atração das culturas nacionais; o Teatro Nacional: onde o principal espetáculo é o próprio teatro, considerado o maior monumento piramidal de Brasília, comparado à pirâmide de Quéops, tendo em seu interior numerosos labirintos; a Rodoviária: em forma de um “H” deitado, representa o homem mortal; o próprio Congresso Nacional, em forma de “H” em pé, representando o homem imortal, espiritual; suas duas conchas, o côncavo e o convexo, com a finalidade de captar energia cósmica e telúrica ; a Esplanada dos Ministérios: construção semelhante às avenidas de Akhetaton; o Lago Paranoá, lago artificial, semelhante ao lago Moeris, do antigo Egito; a Pirâmide da CEB (Central Energética de Brasília), semelhante à pirâmide de Sakara, com degraus e vértice truncado, o que se acredita ser responsável pelo controle da energia cósmica e vital.

E muitas outras construções em forma de pirâmide, como o Templo da Boa Vontade, Ordem Rosa Cruz, Grande Oriente do Brasil, Catedral Metropolitana, Igreja Messiânica, Igreja Rainha da Paz, dentre outras.

Isto sem contar a catedral de Brasília, cujo esplendor não pode nos impedir de entender toda a simbologia mística que possui. Para adentrarmos nela, devemos descer alguns degraus e depois subi-los novamente, como se abaixássemos em reverência para irmos de encontro ao senhor em sua morada. Aliás, morada onde as estátuas pairam no ar e ficamos envolvidos por uma luminosidade imensa, como esperamos que seja a casa de Deus. Ademais, sua forma é como que um apelo aos céus, as mãos levantadas, como de fato olhássemos para o alto e estendêssemos os braços em sinal de louvor, agradecimento ou súplica.

Yuri Gagarin, o primeiro astronauta do mundo, quando visitou Brasília, indagando deslumbrado se esta cidade era neste mundo ou em outro, do futuro. Mais do que isso, a “terra prometida” de Don Bosco congrega hoje mais de mil seitas, templos das mais variadas religiões e credos num ecumenismo sem par na história contemporânea. Isto gera forças ocultas que se entrechocam, tornando muitas vezes difíceis de serem tomadas as decisões corretas.

Cidade da paz, justamente por esta convivência de contrários que buscam um mesmo fim, um caminho de luz para nossa terra e nossa gente, Brasília vive o drama da sua multiplicidade: nela conjugam riqueza e miséria, poderes ilimitados com interesse escusos e, se sua intenção foi fazer o Brasil romper com a tradição da riqueza litorânea, parte da herança colonial, e assim refundar nosso país, com vistas a uma integração nacional baseada no desenvolvimento e na união, ela caminha, hoje mais do que nunca, para a conclusão de seus objetivos.

Aos profanos, sua forma é de um avião, mas sabemos que não foi assim. Sua forma, para os iniciados foi uma cruz, e isto está claro nas palavras de Lúcio Costa, o engenheiro que construiu a cidade, o vencedor da concorrência pública para a edificação da nova capital do Brasil. Disse ele: “Concebida não como simples organismo capaz de encher satisfatoriamente sem esforço as funções vitais de uma *urbs*, mas como *civitas*, nascida do gesto

primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”.

É esta cruz que dá o sentido esotérico que a cidade possui e que faz refletir no solo brasileiro o próprio Cruzeiro do Sul, como veremos mais à frente. Brasília, é mais que isso, aliás, toda a história de sua construção, ou de sua indicação para ser construída, segue um roteiro que poucas vezes vimos acontecer em qualquer outra capital, seja qual for o país. Para muitos místicos as coincidências cabalísticas, estruturais e históricas, assemelhadas com outras civilizações, fazem de Brasília a capital da civilização aquariana.

Talvez por esta razão é que Brasília tem se tornado um centro de peregrinação religiosa, inclusive de turismo religioso. Há, nas comunidades místicas, uma espiritualidade reinante que é sentida por todos os visitantes. Não há dúvidas de que ela é o espaço onde forças espirituais se encontram e a luta entre o bem e o mal acontece como dissemos antes. Uma luta que acaba influenciando as ações do governo central, por isso ela é o palco onde temos que encetar a luta da prevalência do bem, se quisermos que nosso país alcance a grandeza que a ele está designada pela vontade divina. Sabidamente o livre-arbítrio, muitas vezes atrapalha a escrita histórica e desvia o ser humano do trajeto elaborado pelo divino. Exemplos disto na história universal são inúmeros, por esta razão, é preciso vigilância constante. O que é nosso está no plano, resta apenas ajudar o fluxo do tempo para que aquilo que pertence à nossa gente seja alcançado o mais rápido possível.

Quando falamos em ações que podem contribuir para nossa liderança, não nos referimos apenas às ações da presidência da república, ao apoio a países orientais, ou liderança que temos na América do Sul enfim, porque não é a política internacional adotada pelo governo que faz isso acontecer; é o inverso, são as forças conjunturais, as quais aludimos antes, que atuam em sintonia com o plano espiritual e que vão tecendo uma nova teia a qual, neste momento, já traz um grau de importância ao Brasil e faz nosso país alcançar cumes cada vez mais altos. Não foi o acaso que fez o Brasil ser um país

praticamente imune à crise de 2009 / 2010, não foi o acaso que trouxe a suficiência em petróleo a qual tem ajudado, e ajudará ainda mais, o país a crescer economicamente.

As circunstâncias internacionais, maléficas inclusive a países fortes do bloco europeu, ocorreram num instante auspicioso para nosso país. São os líderes nacionais que fizeram isso ? Ou foi o tempo, especialíssimo, em que este estado econômico de crises se instaurou, justamente num momento em que sofreríamos menos por conta de nossa situação interna ? O *script* estava escrito !

Ademais , as características da nossa nação, como bem disse Pietro Ubaldi, são espetaculares : nossa imensidão geográfica, a produção de alimentos, o pré-sal, o biodísel, associados, aqui sim , a uma política social bem sucedida que o comando central de Brasília tem feito há alguns anos e os estados federativos acabaram copiando, mostram que a maturidade do país é uma questão de curto para médio tempo. Mais que isso, dissemos páginas atrás: melhorias na educação começam a ser sentidas. Basta assumirmos uma radical postura de interesse na educação do país que nossa liderança internacional se revelará.

Não nos referimos à educação dita e cantada pelos políticos , cuja finalidade é, demagogicamente , colocar um professor a mais na sala de aula, em vez de diminuir a quantidade de alunos em cada classe, ou dar computadores de segunda mão aos nossos estudantes, enfim , ações pírias que não chegam ao cerne da questão, qual seja , a valorização do mestre , a melhoria do equipamento escolar, e, sobretudo, a criação de conteúdos disciplinares que possam atender nossas necessidades. A mudança da educação é uma mudança de conceito e finalidade, isto é, como educar e para que fim.

Por isso, falta muito pouco para o Brasil ser visto como uma potência, e mais ainda, ser sentido pelo seu povo como uma potência. Esta seria uma

mudança efetiva: dar ao povo o orgulho de ser brasileiro. Não só no futebol ou no samba, mas na educação, na cultura, na ciência, na dignidade, enfim, de participar desta terra. Mas as forças estão se agrupando, o *script* está sendo concluído e logo, logo, os atores entrarão em cena para a execução da grande obra social que irá dar a nossa gente aquilo que ela merece por direito histórico e divino.

As sociedades iniciáticas em tudo

As sociedades secretas existem desde os primórdios da humanidade, existem registros históricos de sociedades secretas desde alguns séculos a.C. As associações em segredo ou sociedades secretas são grupos organizados de pessoas que se reúnem em torno de um propósito único, que só é revelado para seus membros. No início essas sociedades secretas eram organizadas pelos grupos familiares, ou clãs, e visavam defender seus interesses e preservar sua história, cultura e tradições de família. Com o passar do tempo essas associações secretas tomaram outras formas saindo do âmbito familiar para defender propósitos ou ideais mais amplos, de cunho político, social e de cultura religiosa. As primeiras sociedades secretas que se tem conhecimento eram formadas somente de homens, posteriormente as mulheres independentes também passaram a fazer parte desses grupos fechados, que têm como foco as questões político-sociais ou as questões místico-religiosa.

Luiz Lima

Se acreditamos que a inspiração de Deus vai moldando o homem no sentido de um melhor futuro para si e para a humanidade, não dá para imaginar que o criador simplesmente deixaria absolutamente livre o ser humano, sem dar pistas, ajuda, no destino de pessoas e nações.

Muito se fala sobre a liberdade, livre arbítrio. A liberdade humana nunca foi e nunca será total. A própria gênese dos seres humanos, sua hereditariedade, o metabolismo, hábitos, doenças do corpo e da alma, que condicionam as pessoas, mostram o quanto não somos totalmente livres. Nem mesmo quando os seres humanos pensam que estão tomando uma conduta de vontade própria. Assim é com a criatura, assim é com as nações, porque, além do carma individual, há igualmente o carma coletivo.

Os registros existentes nas sociedades secretas mostram que quase sempre elas estiveram presentes nos momentos mais decisivos da História. Foi assim, como vimos, com a Ordem do Templo, depois a Ordem de Cristo, no desenvolvimento das histórias de Portugal e do Brasil. Já havia sido no antigo Egito, nos Assírios e Babilônios, no mundo Greco-Romano, e depois, nos mosteiros com os monges da Idade Média, os hereges que mantiveram a força da mensagem divina, a despeito da própria vontade da Igreja de Roma e, por conta desta sua lealdade ao saber verdadeiro, acabaram nos porões dos castelos por ordem do Vaticano ou nas fogueiras da Inquisição. Isto sem falar na Revolução Francesa e nos movimentos de libertação de inúmeros países da Europa e nas Américas, com ênfase no Brasil e nos Estados Unidos.

Iniciados nos mais diferentes mistérios dessas escolas são como pessoas que possuem um saber que raramente é dado a conhecer ao profano. Quase sempre, as pessoas no cotidiano da vida acabam desempenhando papéis os quais eles pensam serem originais, mas nada mais são do que papéis há muito escritos que lá estavam a espera do seu personagem e de seu momento histórico para serem interpretados e com isso fazerem as coisas acontecerem. Sempre a favor do ser humano, porque a história escrita por Deus

busca o melhor para homens e mulheres, seja qual for o lugar, a idade e o tempo.

As sociedades secretas sabem disso. Desta maneira, elas estão presentes, através de membros especiais, dentro dos governos mais variados possíveis, e na maioria das vezes com propósitos específicos. Isto é, lá estão, surgem, às vezes do nada, para ajudar um país no rumo certo de seu desenvolvimento ou fazer voltar uma forma humana de pensamento, ou até mesmo para impedir que uma nação caia em mãos erradas.

Com isso, os desígnios são mantidos. Nem sempre na primeira fornada, mas aos poucos vão sendo forjados os caminhos, são apresentadas (às vezes como que por milagre) as soluções, uma pessoa aqui, outra lá, descortinando o saber e dando rumos aos seres humanos, aos países em geral.

Os avatares são exatamente isso: seres iluminados que vêm ao mundo para mostrar caminhos e, como ocorreu com o maior deles, Jesus, fundar civilizações. Suas ideias estão embutidas na filosofia, nos códigos legais, na moral, na ética. Somos aquilo que Ele estipulou, moldou para que, a cada dia, fôssemos deixando a tosca casca que nos envolve, buscando cada vez mais a consciência, a luz, e com isso nos aprimorarmos para a viagem a uma outra morada, afinal, na casa do pai existem muitas, Ele mesmo o disse.

Estas sociedades são inúmeras e, nas páginas anteriores, mostramos um quadro das mais importantes. Contudo, dentre todas elas, a que mais expressão possui no mundo contemporâneo é a Maçonaria. Estima-se que em todo o globo existam aproximadamente 7 milhões de maçons. No Brasil, esta cifra está em cerca de 180 mil e, em São Paulo, são mais de 50 mil, envolvendo nestes números todas as potências e ritos.

A história da Maçonaria já foi contada e a literatura maçônica e profana está repleta de registros. Mas, apenas para manter a linha de coesão desta obra, vale registrar aqui alguns aspectos desta trajetória magnífica.

A Maçonaria é uma Ordem Iniciática, uma comunidade fraternal hierarquizada, constituída de homens que não só se consideram, mas se tratam como irmãos, livremente aceitos pelo voto e unidos em pequenos grupos, denominados Lojas ou Oficinas, para cumprirem sua missão .

Não é uma religião, porque não possui dogmas, apesar de entender Deus como um grande geômetra, e por isso o denomina Grande Arquiteto do Universo. Mesmo não sendo uma religião, possui ritualística própria e uma simbologia onde os apetrechos dos pedreiros responsáveis pela construção das catedrais da Idade Média são usados para a propagação da sua filosofia interna, isto é, aos maçons aceitos. O termo Maçom deriva da palavra francesa que tem a mesma raiz e significa “pedreiro”. A Maçonaria se utiliza de templos onde ocorrem as cerimônias próprias de sua constituição e onde são feitos os estudos dos símbolos e conhecimentos maçônicos, cuja finalidade é despertar no Maçom o desejo do aprimoramento pessoal e a melhoria da sociedade. A Maçonaria prega sentimentos de tolerância, de caridade e de amor fraterno ; mais ainda: através da associação privada e discreta ensina a busca da Verdade e da Justiça.

A origem da Maçonaria tem várias versões entre os inúmeros historiadores. As opiniões prevalecem em torno da hipótese sobre a constituição das Corporações de Construtores na Idade Média. Essas agremiações reuniam os profissionais das mais variadas artes. Assim , havia a corporação dos pedreiros, dos ourives, dos armeiros, dos curandeiros ou mágicos. No caso da Maçonaria, todos eram voltados para a elaboração de projetos e construção de templos e palácios. Tanto assim que existem registros do ano de 1275, quando o Imperador Rodolfo I da Áustria autorizou uma Ordem de Maçons a atuar em seu reinado. Eram , obviamente pedreiros no sentido real da palavra, sem todo o misticismo que a Maçonaria possui hoje.

Da mesma forma , há registros sobre pedreiros que , vindos de Jerusalém, se dirigiram ao Bispo de Upsala em 1150, numa clara referência

aos pedreiros que trabalhavam no Templo de Salomão e pertenciam à ordem templária, o que relaciona a Maçonaria aos Templários, uma tese sempre recorrente na vida das duas instituições.

O estudo da economia social destaca dois períodos da Idade Média como fundamentais na organização das relações comerciais e profissionais daquela época. Um, a Baixa Idade Média que mostrou uma atividade econômica pujante apoiada na agricultura sustentada no regime feudal. O comércio tinha um papel secundário. O outro período, a Alta Idade Média, marcada pelo surgimento das corporações de Ofício, como as citadas anteriormente.

Com o tempo, estas instituições rumaram na direção de iniciativas com conteúdos culturais, políticos e religiosos. A Maçonaria que delas se originou, optou por diferentes procedimentos litúrgicos de acordo com as várias regiões onde ela se instalou. Nas regiões lideradas pela Grã-Bretanha, predominou o simbolismo religioso associado ao cientificismo empírico; na França e na Alemanha, teve preferência o simbolismo esotérico e o racionalismo judaico-cristão.

Os ritos maçônicos são conjuntos de regras e procedimentos empregados nos cerimoniais litúrgicos das Lojas, que empregam símbolos e lendas para representarem princípios de moral e idéias conceituais. São muitos os fatores de época e de conhecimentos que contribuíram para a configuração dos principais rituais maçônicos. Em meados do século XVIII, foram criados sistemas que organizaram ritualisticamente a Maçonaria. Na França, por exemplo, surgiram mais de 75 desses sistemas. A partir de 1760, começou o período de implantação da metodologia interna da Ordem. Somente após essa fase é que apareceram rituais manuscritos para a formalização dos procedimentos como um culto. No final do século XVII, a Maçonaria tinha dois graus: Aprendiz e Companheiro, dirigidos por um Companheiro mais experiente

e capacitado, eleito o Mestre da Loja. O primeiro documento relativo a um terceiro grau data de 1711, seis anos antes da fundação da Grande Loja de Londres. Em 1740 algumas Lojas admitiram e outorgaram mais de três graus. Seguiu-se um período de intensificação dessa prática, que teve um incremento inicial na França e na Alemanha e, a seguir, na Inglaterra.

A primeira federação que reuniu as Lojas maçônicas sob uma obediência coletiva institucional, foi a Grande Loja de Londres, fundada em 24 de junho de 1717, através da associação participativa de quatro Lojas que, até essa data, se reuniam de modo independente. O grau de Mestre Maçom ainda não havia sido criado. Para os líderes da fundação da Grande Loja, a Maçonaria era um culto secreto destinado a conservar e difundir a crença na existência de Deus, ajudar os maçons a ordenarem sua vida e orientarem o seu procedimento, segundo os princípios de sua religião.

Posteriormente, a idéia sobre fé religiosa tornou-se menos rígida entre os maçons anglo-saxões, que, não obstante, continuaram admitindo apenas os crentes monoteístas. Valorizavam, essencialmente, a presença do Livro das Sagradas Escrituras durante os trabalhos, como símbolo da vontade revelada de Deus.

A pesquisa sobre a participação de profissionais não artesãos nos agrupamentos dos maçons, a partir do século XVII, revela que os aceites constituíram núcleos diversificados de obreiros nas Lojas Operativas. Algumas dessas deixaram de ser convencionais para se tornarem formadoras de opiniões. As Lojas freqüentadas por intelectuais ganharam prestígio e marcaram a figura do livre pensador, um erudito que tinha salvo-conduto da realeza para divulgar suas idéias e melhorar os conhecimentos da elite. As reuniões maçônicas, a partir dessa época, proporcionaram nova visão do homem e do mundo e elevaram a complexidade dos conhecimentos à disposição da comunidade.

Se antes, por volta de 1356, grupos de trabalhadores especializados na arte de construir, primeiro em madeira e depois em pedra, sentiram a necessidade de criar uma organização que os congregasse e cuidasse dos seus direitos, e essa fase etapa durou mais de duzentos anos , com reuniões que eram realizadas em construções pequenas situadas ao lado da obra principal, agora, no século XVII, como dito antes, entraram nas primitivas Sociedades dos Pedreiros de Ofício, os primeiros praticantes de outras profissões, admitidos em nome da contribuição cultural que podiam proporcionar. Os novos grupos se expandiram. Os espaços acanhados das reuniões realizadas nos anexos das obras foram abandonados e trocados por outros mais confortáveis, encontrados principalmente nas salas das tavernas, das cervejarias e das estalagens. Os recantos isolados desses estabelecimentos públicos ganharam a preferência e os encontros contaram, a partir daí, com um outro ingrediente; a possibilidade de comer, beber e conversar após a reunião.

A confirmação do hábito desenvolveu o comércio específico das empresas e várias dessas tavernas e cervejarias se tornaram famosas pela sua colaboração na estruturação da Maçonaria enriquecida pelos membros aceitos como especulativos , ou seja, aqueles que não trabalhavam com a pedra, e sim, com as ideias.

Os conhecimentos maçônicos acabaram formando um “corpus hermeticus” que se presta, até hoje aos maçons do mundo inteiro, dando-lhes uma força de caráter ímpar, e auxiliando-os na consecução da obra, isto é, no aprimoramento interior do ser humano e um acompanhamento constante da vida social dos países onde ela existe e opera através de seus obreiros na busca dos mais altos ideais sempre a favor do homem e da sociedade.

Assim foi e é em todo o mundo e no Brasil não foi diferente, aliás não tem sido, por isso a Maçonaria está presente em Brasília, no centro de decisões que auxiliam a conduzir nosso país ao seu destino maior e assim cumprir a profecia de que esta é a terra do terceiro milênio. É sobre isso que vamos falar agora.

A Maçonaria no Brasil

*"Há um capítulo em branco na História do Brasil,
e esse capítulo é o que se refere à Maçonaria,
presente em todos os momentos decisivos
e importantes de nossa pátria.*

*Em torno da excepcional contribuição da Maçonaria para a formação de nossa
nacionalidade, é inadmissível qualquer dúvida.*

*De nenhum importante acontecimento histórico do Brasil,
os maçons estiveram ausentes.*

Tenório de Albuquerque

Muito se fala sobre a grandeza da história da Maçonaria no desenvolvimento da História do Brasil. Vamos apenas dar uma pincelada nos fatos de maior relevância. Para uma mini-trajetória da história da Maçonaria no Brasil, lançamos mão do estudo feito, pela Cidade Maçônica.

Mas esse passeio pela história não tem a pretensão, e nem poderia já que não é este o sentido do presente trabalho, qual seja esgotar a descrição dos fatos que aconteceram ao longo dos séculos.

Também não se pretende tomar partido, apontar quem estava certo ou errado, se deveria ter sido daquela maneira ou se seria melhor ter acontecido

de outra. Apenas queremos lembrar e elencar alguns episódios, para tentar demonstrar que o Maçom, como homem e cidadão, teve participação, muitas vezes decisiva, em fatos históricos importantes que compuseram a vida do Brasil e de seu povo

O descontentamento dos brasileiros com o domínio da Colônia Portuguesa tomou força com o movimento intelectual do final do século XVIII que, aliado aos movimentos europeus, notadamente na França e Inglaterra, cresceu de maneira a criar o próprio levante dos brasileiros contra a tirania portuguesa. Todos estes movimentos, seja na Europa ou até mesmo nos países das Américas, tiveram um vetor primordial, a Maçonaria, engajada profundamente através da luta de seus membros pela liberdade.

Embora a Maçonaria brasileira tenha se iniciado oficialmente em 1797 com a Loja Cavaleiros da Luz, criada na povoação da Barra, em Salvador, Bahia, e ainda com a Loja União, em 1800, sucedida pela Loja Reunião em 1802, no Rio de Janeiro, só em 1822, quando a campanha pela independência do Brasil se tornava mais intensa, é que iria ser criada sua primeira Obediência, com jurisdição nacional, exatamente com a incumbência de levar a cabo o processo de emancipação política do país.

Contudo, no Brasil, a partir de 1786, surgiram os primeiros movimentos influenciados pela bandeira da Maçonaria, principalmente a francesa, com José Álvares Maciel e outros pioneiros, responsáveis pelo surgimento dos primórdios da Maçonaria no Brasil. Nada podia ser às claras porque a coroa portuguesa impedia que estes movimentos prosperassem na colônia, uma vez que D. João havia fugido para o Brasil por conta de Napoleão, e justamente a Maçonaria esteve presente nos movimentos da Revolução Francesa e por isso D. João tinha medo do que ela poderia representar no novo mundo.

A primeira grande manifestação da Maçonaria em solo brasileiro foi na Inconfidência Mineira. Os primórdios do movimento de libertação nascido em Minas Gerais tiveram a participação ativa de José Joaquim da Maia, estudante da Universidade de Montpellier, um grande Centro Maçônico na França, e de José Álvares Maciel, que juraram empregar todos os recursos possíveis para alcançar a independência do Brasil.

Do Alferes da Cavalaria, Joaquim José da Silva Xavier, diz-se que foi maçom iniciado na Bahia e agregado ao movimento, já que viajava por toda a província e conhecia de perto a miséria do povo e a tirania dos governantes. Esses, e muitos outros, eram chamados de “maçons adeptos da República” e integrantes do grupo de inconfidentes mineiros, sob a orientação dos poetas Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio Alvarenga Peixoto

Os esforços dos conjurados, notadamente de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, frustraram-se em 15 de Março de 1789, em virtude da denúncia do também conjurado Joaquim Silvério dos Reis, tendo sido praticamente todos levados à execução ou ao degredo, em 1792, com o realce da morte de Tiradentes por enforcamento.

Todos sabem sobre esta história. Tiradentes foi preso no Rio de Janeiro a 10 de maio de 1789 enquanto que em Minas Gerais, eram feitas prisões de todos os envolvidos no movimento. Iniciaram-se os trabalhos da devassa, que se arrastariam por longos anos e enquanto os demais integrantes da inconfidência mineira, também presos, tratavam de se defender, muitos até mesmo negando responsabilidades com o movimento, Tiradentes as assumia integralmente, com silenciosa e serena bravura. Não constou em nenhum auto nenhuma delação por parte do Alferes ou revelação dos nomes dos seus amigos de causa.

Finalmente a 18 de abril de 1792, foi prolatada a primeira sentença, condenando Tiradentes à morte por enforcamento e mais 10 integrantes do movimento. Somando-se os números, novamente dá 5!

Após a leitura da sentença foi tornada pública a Carta-Régia, antes conservada em sigilo, segundo a qual D. Maria I deferia ao tribunal o poder de comutar a pena capital pela pena de degredo e por nova sentença de 20 de abril de 1792, entenderiam os juízes que só não deveria ser poupado o "enfame réu" Joaquim José da Silva Xavier, considerado "indigno da real piedade". A 21 de abril, com o aparato de costume naquela época, executou-se a infamante e absurda sentença, marchando Tiradentes para o sacrifício, sem que se alterasse a placidez do seu rosto, sofrendo o martírio como um apóstolo da sacrossanta causa da liberdade e da redenção do Brasil.

Enforcado e depois de morto, teve a cabeça cortada e levada a Vila Rica, onde em local mais concorrido, foi colocada sobre um poste. Seu corpo esquartejado foi espalhado pelos caminhos de Minas em várias povoações até consumir-se totalmente, declarados infames seus filhos e seus netos, a casa em que vivia em Vila Rica, totalmente arrasada e na qual foi semeado sal, para que nunca mais se edificasse em seu solo, tudo em cumprimento à terrível condenação que lhe foi imposta.

Foi, portanto, Tiradentes, ao proceder maçonicamente e assumindo a heróica atitude que o levou a sofrer morte horrível e infamante, sem sombra de dúvidas, o primeiro Mártir maçom brasileiro publicamente conhecido a dar sua vida pela causa da liberdade da sua pátria.

Em 1799, houve a Conjuração Baiana, na qual a Maçonaria também tomou parte. Os conjurados baianos, imbuídos dos ideais da Revolução Francesa, desejaram implementar a República. Idealistas autênticos, seguiram um programa de ação claramente de origem maçônica, pois lutaram pela

liberdade de pensamento e religião, abolição da escravatura, e instalação de um regime democrático baseado na igualdade geral de direitos.

Não houve indulto algum aos trinta e quatro réus julgados (o movimento envolveu mais de seiscentas pessoas), e o menor castigo foi o degredo.

Em 05 de novembro de 1799, eram condenados Lucas Dantas de Amorim Torres, João de Deus Nascimento, Manoel Faustino dos Santos, e Luis Gonzaga das Virgens, tendo todos sido executados por enforcamento na manhã do dia 08 do mesmo mês.

A Revolução Pernambucana de 1817 foi outro exemplo onde mais uma vez os ideais republicanos tomaram conta do coração de maçons brasileiros. A revolução iniciou-se com um incidente em um quartel da artilharia, quando o capitão José de Barros Lima mata um brigadeiro português e liberta os presos políticos. No dia seguinte, 07 de março, constituiu-se um governo provisório, composto pelo padre João Ribeiro de Melo Montenegro, capitães Domingos Teotônio, Jorge Martins Pessoa, João Luis de Mendonça, coronel Corrêa de Araújo e Domingos José Martins e o padre Miguelinho, todos maçons.

Medidas liberais foram decretadas, como a adoção de uma bandeira republicana e a elaboração de um projeto de Constituição, na qual se incluía a tolerância religiosa e o fim da escravidão. Como nas outras investidas republicanas, mais uma vez a rebelião foi reprimida e seus conjurados executados, sobrepondo-se novamente o regime monárquico.

Outro nome de proa nesse movimento, além dos maçons mencionados, foi o de Antonio Carlos de Andrada e Silva, irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva, levado preso para a Bahia, longe do palco da insurreição.

Contudo, foi na Independência em 1822 que a Maçonaria obteve sua maior vitória e passou a ganhar expressão nacional, vindo a ser coroada mais

tarde com a República como veremos. "A Independência do Brasil foi realizada à sombra da acácia, cujas raízes prepararam o terreno para isso..." como bem o disse Cristiano Barroso na sua História Secreta da Maçonaria .

A independência do Brasil começou a ser desenhada com a volta de Dom João VI a Portugal, deixando seu filho, Pedro de Alcântara, como príncipe regente. O príncipe Dom Pedro, jovem e voluntarioso que aqui permanece, foi envolvido por homens de bem, maçons que constituíam a elite pensante e econômica da época.

Em 09 de janeiro 1822, o maçom José Clemente Pereira pronuncia um eloqüente discurso pedindo ao príncipe que não volte a Portugal. Dom Pedro concorda e fica, tornando-se essa data conhecida como o "Dia do Fico".

No dia 13 de maio de 1822, os maçons fluminenses, sob a liderança de Joaquim Gonçalves Ledo, por proposta do brigadeiro Domingos Aires Barreto, outorgam ao príncipe o título de Defensor Perpétuo do Brasil, oferecido pela Maçonaria e pelo Senado. Ainda em maio, no dia 22, aconselhado pelo maçom José Bonifácio de Andrada e Silva, Dom Pedro assina o "Decreto do Cumpra-se", no qual nenhum decreto português valeria no Brasil sem o "cumpra-se", assinado pelo próprio D. Pedro.

Em 02 de junho de 1822, Dom Pedro ouve dos maçons Joaquim Gonçalves Ledo e Januário Barbosa, o clamor por uma Constituição brasileira. A Loja Maçônica Comércio e Artes, em sessão memorável de 17 de junho de 1822, resolve criar mais duas Lojas pelo desdobramento de seu quadro de obreiros, surgindo as Lojas "Esperança de Niterói" e "União e Tranqüilidade", constituindo-se três lojas e possibilitando a criação do Grande Oriente Brasileiro, o qual depois viria a ser denominado Grande Oriente do Brasil.

José Bonifácio é eleito o primeiro Grão Mestre, tendo Joaquim Gonçalves Ledo como Primeiro Vigilante e o padre Januário Cintra Barbosa como grande orador. Dom Pedro é iniciado na Loja Comércio e Artes, em 02 de agosto de 1822, tendo como padrinho José Bonifácio. Apenas três dias depois, em 05 de agosto, é aprovada a exaltação de Dom Pedro ao grau de mestre.

Em 07 de setembro, assim reza a mais conhecida história, voltando de Santos para São Paulo, junto a uma pequena comitiva, encontrava-se Dom Pedro nas colinas do Ipiranga, às margens do riacho que ainda tem o mesmo nome de Ipiranga, quando recebeu o correio da Corte, que lhe trazia notícias urgentes de José Bonifácio. Após tomar conhecimento do conteúdo, declarou: "As cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de rapazinho e de brasileiro. Verão agora quanto vale o rapazinho. De hoje em diante, estão quebradas as nossas relações. Nada mais quero do Governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal".

Desta data para frente a Maçonaria jamais deixou de estar presente em todos os momentos decisivos da história brasileira. Muitas vezes de forma direta, outras, indiretamente, nos bastidores, conforme cada instante assim exigisse, haja vista os inúmeros maçons que trabalharam anônimos durante a Revolução de 64 para que a ordem democrática fosse restabelecida.

Mas, sigamos com nosso percurso histórico. Após a Independência, veio a Guerra do Farrapos em 1835. Bem no meio do período regencial, marcado por agitações internas, ocorreu em 1835 a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, na Província do Rio Grande do Sul. Largamente influenciada pela Maçonaria, nela se destacou o nome do General Bento Gonçalves da Silva, chefe militar do movimento e uma das figuras mais representativas da província. Também de grande influência e participação nesse levante, o nome do revolucionário maçom Giuseppe Garibaldi.

A Abolição da Escravatura foi outro grande marco da Ordem Maçônica. A Maçonaria prega a abolição da escravatura negra, criando Lojas e difundindo os ideais abolicionistas, mas encontrando, todavia, dificuldades junto aos senhores de escravos. Em 1881, a Maçonaria faz uma grande conquista: a Lei do Ventre Livre, na qual os negros nascidos no Brasil ficavam livres.

Em 25 de março de 1884, são redimidos os negros sexagenários. Nesse mesmo dia, no Ceará, o Governador da Província, o Maçom Sátiro Dias, foi o primeiro a emancipar seus escravos.

Nesse processo abolicionista, criado por Maçons, destacaram-se, dentre outros, grandes figuras, como Rui Barbosa, Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Castro Alves, Afonso Pena, Francisco Glicério, Bernardino de Campos (Patrono da Loja que leva seu nome e à qual pertencem os autores deste ensaio).

No mesmo ano de 1884, aos 17 dias de maio, o jornal gaúcho "A Federação" publicou que os Irmãos da Loja Maçônica Luz e Ordem estavam promovendo a libertação dos seus escravos.

Finalmente, a 08 de maio de 1888, o ministro da agricultura, o Maçom Rodrigo Silva, apresenta o projeto de abolição, sancionado pela Princesa Isabel, em 13 de maio do mesmo ano, declarando-se assim extinta a escravidão no Brasil.

Por fim, na fase histórica do século XIX, veio a Proclamação da República em 1889. Movimentos anteriores, como a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana, já visavam o regime republicano para o Brasil. Em 1870 foi criado um clube republicano e três anos mais tarde, em São Paulo, criado o Partido Republicano que, embora não empolgasse muito a sociedade, elegeu três deputados para a Assembléia, em 1875. Posteriormente, os

republicanos convencem Deodoro da Fonseca a chefiar a revolução, enquanto a imprensa ataca fervorosamente a Monarquia.

Na tarde de 14 de novembro de 1889, é propagada a falsa notícia de que Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e outros oficiais seriam presos. Diante disso, o movimento se acelera e o governo tenta se defender com as tropas julgadas fiéis.

Na madrugada do dia 15, no Rio de Janeiro, Deodoro e Benjamin, frente às tropas, reúnem-se e tomam posição ante o Quartel General. Floriano Peixoto não cumpre as ordens do Visconde de Ouro Preto, para atacar os republicanos. Os portões foram abertos e o ministério de Ouro Preto é deposto.

Foi uma atitude decisiva, afirmando Deodoro da Fonseca que "outro ministério seria logo organizado e de acordo com as indicações que ele próprio levaria ao Imperador".

Isto foi feito às três horas da tarde do 15 de novembro, no Paço da cidade. No mesmo dia, o Imperador deposto resolveu que voltaria para a Europa com toda sua família, transformando-se o antigo Império Brasileiro em República dos Estados Unidos do Brasil.

No breve resumo histórico apresentado, dá para mostrar que a Maçonaria influenciou politicamente nos mais importantes movimentos revolucionários e libertários brasileiros. É claro que contribuíram para isso toda uma ideologia e o clima revolucionário da época, não apenas no Brasil, mas no mundo todo. Assim, foi de fundamental importância o papel catalisador da Maçonaria na congregação das idéias, criando a oportunidade para a reunião, o desenvolvimento e a aplicação das ideologias nos movimentos históricos de nossa Pátria.

Não é sem razão que onze presidentes brasileiros foram maçons, e talvez haja um décimo segundo, dependendo das controvérsias a respeito. O que significa dizer que muito do que se fez em nosso país pelo engrandecimento de nossa terra e benefício de nossa gente teve influência do pensamento da Maçonaria, principalmente se levarmos em conta de que estamos em tudo o que fazemos, isto é, nossa mente está nas obras que construímos.

Por isso, Pietro Ubaldi está certo, uma profecia é sempre um campo de possibilidades que atua conforme a formação daqueles que estão agindo no hoje. Em outras palavras, somos no amanhã aquilo que nossa formação constrói no agora.

Os presidentes maçons que tivemos foram :

Deodoro da Fonseca

Florianópolis Peixoto

Prudente de Moraes

Campos Salles

Nilo Peçanha

Hermes da Fonseca

Wenceslau Brás

Delfim Moreira

Washington Luís

Nereu Ramos

Jânio Quadros

Fica, após isso, uma décima segunda possibilidade : Juscelino foi Maçom ? Luís Caiado de Godoy, Grão Mestre, quando do seu discurso comemorativo ao Cinquentenário da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, afirma que sim : “ Posso acrescentar que Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros foram maçons”.

Talvez este fato ainda não tenha sido aclarado devidamente, ou talvez deva ficar encoberto, mas a verdade é que , se Juscelino não foi maçom, todo o misticismo que envolveu a capital do país, a profecia de Dom Bosco, nada disto passou despercebido dele. Foi justamente Juscelino quem soube ler com os olhos da alma o que Brasília representaria para o Brasil e para o mundo e ele mesmo falou sobre a predestinação da cidade como sendo a capital do terceiro milênio. Esta leitura em especial não surge à toa, é preciso que se tenha um outro tipo de saber, uma nova alfabetização mais simbólica, mais esotérica, para se ler o que está encoberto, e se ele o fez, podemos supor que tenha sido igualmente um iniciado, capaz de levar a cabo , a seu tempo, aquilo que as profecias já deixavam antever em nossa história.

Não é possível que tanta gente com real importância na vida histórica do país tenha deixado de imprimir nas suas ações os princípios que a Maçonaria lhes ensinou. São muitas pessoas, e todas de bem, com real força política, importância social, artistas famosos, enfim, irmãos que foram costurando uma teia de relações passível de fomentar os princípios de Liberdade , Igualdade, e Fraternidade, colunas mestras da ordem maçônica, além de todo o seu *corpus hermeticus*, advindo da ritualística e simbologia que somente a Maçonaria possui.

Aos leigos, profanos, como costumamos dizer, os fatos aludidos podem parecer inverídicos, escritos apenas para reforçar uma tese que coloque a Maçonaria no centro destes acontecimentos importantes de nossa história. Mas não é isto que os documentos, verdadeiramente históricos atestam, e eles estão aí, nas atas das Lojas, para quem quiser ver. Abaixo, apresentamos uma mostra dos maçons ilustres que temos e tivemos a qual atesta a grandeza daquilo que estamos dizendo:

Ademar de Barros - médico e político (Governador de Estado)

Altino Arantes - político (Presidente de Estado)

Afonso Celso (Visconde de Ouro Preto) - estadista
Albuquerque Lins - político (presidente de Estado)
Alcindo Guanabara - político e jornalista
Almir Pazzianoto – Ministro do Trabalho
Alvarenga - cantor popular (em dupla com Ranchinho)
Amadeu Amaral - escritor
Américo Brasiliense - republicano histórico (Presidente de Estado)
Américo de Campos - diplomata e jornalista
Antonio Bento - abolicionista
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada - diplomata e jornalista
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada III - político (Presidente de Estado)
Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho
Aristides Lobo - republicano histórico
Arrelia - artista circense
Arruda Câmara - naturalista e frade carmelita
Azeredo Coutinho - bispo, precursor da independência
Barão do Rio Branco - historiador e diplomata
Barão de Itamaracá - médico, poeta e diplomata
Barão de Jaceguai - almirante, escritor e diplomata
Barão de Ramalho - abolicionista e republicano
Barão do Triunfo - militar
Basílio da Gama - político
Benedito Tolosa - médico e professor
Benjamin Constant - militar, professor e político ("o pai da República")
Benjamin Sodré - almirante e político
Bento Gonçalves - líder da revolução farroupilha
Bernardino de Campos - republicano histórico (Presidente de Estado)
Bob Nelson - cantor popular
Caldas Júnior - jornalista
Campos Salles - presidente da República
Carequinha - artista circense (em parceria com Fred)

Carlos de Campos - político (Presidente de Estado)
Carlos Gomes - maestro, compositor
Cesário Mota Junior - médico, historiador e político
Cipriano Barata - prócer da independência
Clemente Falcão - advogado ilustre, lente da Faculdade de Direito
Conde de Lages - político
Cônego Januário da Cunha Barbosa - prócer da Independência
Conselheiro Brotero - político do II Império
Conselheiro Crispiniano - político do II Império
David Canabarro - um dos líderes da Revolução Farroupilha
Delfim Moreira - político, presidente da República
Deodoro da Fonseca - militar, proclamador da República, presidente
Divaldo Suruagy - historiador e político (Governador de Estado)
Domingos de Moraes - político
Domingos José Martins - líder da Revolução Pernambucana de 1817
Duque de Caxias - militar, patrono do Exército Brasileiro
Eduardo Wandenkolk - militar e político
Eleazar de Carvalho - maestro
Esmeraldo Tarquínio - político
Esperidião Amin - político (Governador de Estado)
Euzébio de Queiroz - político do 2o. Império
Evaristo da Veiga - jornalista e político
Evaristo de Moraes - pioneiro da legislação social no Brasil
Everardo Dias - político e líder das primeiras lutas operárias
Fernando Prestes - político (Presidente de Estado)
Francisco Glicério - republicano histórico
Frei Caneca - patriota e revolucionário
Gioia Júnior - poeta, político
Golbery do Couto e Silva - militar e ministro de Estado
Gomes Cardim - jornalista e político
Gomes Carneiro - militar

Guilherme Ellis - médico
Hermes da Fonseca - presidente da República
Hervé Cordovil (compositor, arranjador, parceiro de Luis Gonzaga)
Hipólito José da Costa - " O patriarca da Imprensa Brasileira "
Ibrahim Nobre - tribuno da Revolução Constitucionalista de 1932
Inocêncio Serzedelo Correa - militar e político
Jânio da Silva Quadros - presidente da República
João Caetano - ator teatral
João Mendes - jornalista, político e grande advogado
João Tibiriçá Piratininga - político, propagandista da República
Joaquim Gonçalves Ledo - prócer da Independência
Joaquim Nabuco - escritor, diplomata e líder abolicionista
Jorge Tibiriçá - político (Presidente de Estado)
Jorge Veiga - cantor popular
José Bonifácio de Andrada e Silva - " O Patriarca da Independência"
José Castellani - Escritor , Pesquisador , Historiador e Médico .
José Clemente Pereira - prócer da Independência
José do Patrocínio - expoente da campanha abolicionista
José Maria Lisboa - jornalista e político
José Martiniano de Alencar - político (Presidente de Província)
José Wilker de Almeida - Ator (Rede Globo)
Júlio Mesquita - jornalista e político
Júlio Mesquita Filho - jornalista e político liberal
Júlio Ribeiro - escritor
Júlio Prestes - político (Presidente de Estado)
João Alfredo - conselheiro do Império
Lamartine Babo - compositor popular
Lauro Sodré - militar e político
Lauro Müller - militar e estadista
Lopes Trovão - propagandista da República
Lourenço Caetano Pinto - político

Luis Gama - líder abolicionista e republicano
Luis Gonzaga (cantor e compositor popular, chamado "O Rei do Baião")
Luis Vieira - cantor
João de Souza Lima - pianista, regente, compositor,
Manoel de Nóbrega - produtor de televisão
Manoel de Moraes Barros - advogado e político
Mariano Procópio - político e empresário
Mário Covas - político (Governador de Estado)
Marquês de Abrantes - político e ministro de Estado
Marquês de Paraná - político e diplomata
Marquês de Paranaguá - político e ministro de Estado
Marquês de São Vicente - político e jurista
Marquês de Sapucaí - político e jurista
Marrey Júnior - jurista e político
Martim Francisco Ribeiro de Andrada III - político republicano
Martinico Prado - republicano histórico
Maurício de Lacerda - advogado e político
Moreira Guimarães, general - militar e político
Nereu Ramos - político, presidente interino da República
Newton Cardoso - político (Governador de Estado)
Nilo Peçanha - presidente da República
Nunes Machado - um dos chefes da Revolução Praieira
Octavio Kelly - magistrado e político
Orestes Quércia - político (Governador de Estado - afastado)
Osório, general - um dos maiores militares brasileiros
Oscarito - ator cômico
Padre Feijó - político e figura da Regência
Padre Roma - prócer da Revolução Pernambucana de 1817
Pedro I - primeiro imperador do Brasil
Pedro de Toledo - líder civil da Revolução Constitucionalista de 1932
Pinheiro Machado - advogado e político

Pixinguinha - compositor popular
Prudente de Moraes - presidente da República
Quintino Bocaiúva - jornalista e político (Presidente de Estado)
Quirino dos Santos - jornalista e político
Ranchinho - cantor popular (em dupla com Alvarenga)
Rangel Pestana - jornalista e político
Rodolfo Mayer - ator
Rui Barbosa - jurista, tribuno e político
Roger Avanzi (o Palhaço Picolino)
Saldanha Marinho - líder republicano
Senador Vergueiro - político e abolicionista
Silva Coutinho - político e oitavo bispo do Rio de Janeiro
Silva Jardim - propagandista da República
Silveira Martins - político e tribuno
Tancredo Neves - Político
Teófilo Ottoni - político e colonizador
Tonico - cantor popular (em dupla com Tinoco)
Ubaldo do Amaral - um dos patriarcas do Partido Republicano
Ulisses Guimarães – político e pai da Constituição Brasileira
Venâncio Aires - prócer da campanha republicana
Vicente Celestino - cantor lírico e popular
Viriato Vargas - militar
Visconde de Albuquerque - político do Império
Visconde de Itaboraí - estadista
Visconde de Jequitinhonha (Montezuma) - político
Visconde do Rio Branco - estadista
Vitorino Carmilo - político
Washington Luis - Presidente da República
Wenceslau Brás - Presidente da República.
Zé Rodrix (José Rodrigues Trindade) maestro, compositor, cantor, ator e escritor.

Isto sem contar com o maçom anônimo, aquele que , nas mais diferentes cidades, através das oficinas e do desempenho diário da cidadania, vai emprestando em suas atividades a formação que a Maçonaria proporciona aos seus obreiros. São médicos em seus consultórios, professores em salas de aula, empresários no relacionamento com os empregados, são as cunhadas que , com suas obras de benemerência, vão trabalhando para diminuir a dor dos menos validos pela sorte. Quantas entidades filantrópicas estão por aí criadas e administradas por maçons, quantas Santas Casas têm provedores da Maçonaria ?

Não dá para estimar a extensão de todo o trabalho maçônico, mesmo porque, dentro da intimidade de cada irmão maçom existe a formação familiar que propugna pela união estável, a boa educação dos filhos, a conduta reta que deve fazer do dia-a-dia do maçom um exemplo daquilo que a ordem espera dele.

VI- Como a Maçonaria se ligou à Brasília ao longo do tempo

*“... pois a Sublime Ordem Maçônica instalou-se em
Brasília nos primeiros momentos
da epopéia da construção da cidade,
com a fundação da
Loja Maçônica Estrela de Brasília, a 14 de maio de 1957*

Adirson Vasconcelos

O arauto da importância profética de Brasília foi Monteiro Lobato. Não era maçom, mas sua paixão pelo Brasil, sua luta pela independência do petróleo como forma de desenvolvimento para nosso país, fez com que ele recuperasse a profecia de Dom Bosco. Seu intento era outro, uma vez que , envolvido com a busca do chamado “ouro negro” - o petróleo - em nosso solo, fez como ele interpretasse nesta direção a profecia.

Depois dele, as coisas começaram a andar nesta direção. Ainda está por vir um estudo mais efetivo de sua vida e obra. Lobato, entre outras coisas não lutou apenas pelo petróleo, ele criou a literatura infantil brasileira, a Companhia Editora Nacional, o reembolso do livro pelo correio, enfim um brasileiro bem adiante de seu tempo.

Contudo, a transferência da capital para o centro do Brasil, na busca de uma integração nacional, nasceu com o Marquês de Pombal, em 1749, o primeiro a pensar na ideia de erguer uma cidade nova para ser a sede do reino de Portugal " (no Brasil) , como lembra o jornalista Washington Sidney, em artigo sobre os 48 anos da fundação de Brasília . "Para isto, ele contratou o cartógrafo italiano Francesco Tosi Colombina, que concluiu, em 1751, o Mapa da Capitania de Goyaz. Pombal foi membro da Ordem de Cristo, a mesma instituição que deu continuidade aos Templários em Portugal e com que a Maçonaria sempre teve afinidades, como já aludimos antes,

Ainda durante a Inconfidência Mineira, os inconfidentes tinham esta mesma idéia. O Brasil litorâneo contrastava com o Brasil do interior, isto é, à beira-mar o progresso, no interior a miséria e a fome – não que ainda isto não exista. Mas àquela época, o contraste era ainda maior. A Maçonaria sabia destas questões e não se conformava com elas – era preciso mudar ! Não é sem razão que o jornalista e historiador Adirson Vasconcelos, na sua obra “ A mudança da capital”, coloca que três nomes foram importantes para que Brasília nascesse como tal : Tiradentes, Hipólito José da Costa e José Bonifácio , apenas para constar : os três eram maçons...

O Alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, em 1788, teria sido o primeiro a sonhar com uma capital no interior do país. Isto fazia parte do projeto mineiro, defendido pelos inconfidentes : uma República independente de Portugal, a qual era intenção de todos eles instaurar no país. Só que, a pretensão daqueles tempos era que a capital fosse em São João Del Rei.

De outra parte , o jornalista Hipólito José da Costa, no jornal “Correio Braziliense”, editado em Londres durante os anos de 1808 e 1822, iniciou uma campanha intensa para fazer prevalecer a idéia da transferência da capital para o centro do Brasil. O argumento era o mesmo dos inconfidentes : a integração nacional. Para ele, o grande exemplo era a cidade de Washington , e pela primeira vez, o local , citado por ele, foi o Planalto Central, o qual era considerado pelo jornalista como sendo a própria “descrição do paraíso terreal”

Contudo, foi José Bonifácio de Andrade e Silva que efetivamente fez a primeira defesa pública em solo brasileiro para a mudança da capital . Ainda em 1821, tempo do Brasil Colônia, ele , na condição de Vice-Presidente do Governo Provisório de São Paulo, recomendava como sendo “muito útil que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência”. Ele sugeriu a região do Planalto Mineiro, especificamente , a cidade de Paracatu para a sede da nova capital, que “poderá ser na latitude mais ou menos de *15 graus*” . O grifo é nosso, apenas para mostrar que ,por pura intuição , ou já desvendando o encoberto bem antecipadamente , uma vez que José Bonifácio leu o futuro com os olhos da alma, pois ele disse isso em 1821 e a profecia de Dom Bosco data de 1883.

Mais ainda, foi oficialmente de José Bonifácio, o primeiro Grão Mestre de nossa Ordem em solo brasileiro, a sugestão do nome da futura capital – Brasília. Isto não é uma mera especulação, está nos anais da História do Brasil que , ainda no Império, como primeiro ministro do país já independente, em 1823, Bonifácio encaminha à Assembléia Constituinte e Legislativa a

mensagem com a sugestão de que “esta Capital poderá chamar-se Petrópole ou Brasília”.

Não há , assim , no país que ora inicia a sua caminhada rumo à liderança internacional que acreditamos que será alcançada, não há como dissociar a capital do terceiro milênio, da Maçonaria. Mais ainda, nossos místicos não se esforçaram tanto para conduzir todo este trajeto histórico para que simplesmente , depois de inaugurada a capital, ela fosse parar em mãos profanas, com interesses outros que podem desvirtuar os reais destinos de tudo aquilo que está reservado ao Brasil no plano universal das nações , ou melhor dizendo, na História Divina.

Por esta razão é que fica difícil acreditar que JK não soubesse de tudo isso. Na sua obra, “Por que construí Brasília”, o presidente diz “ No plano místico, fez-se ouvir, como uma advertência profética, o tão citado sonho de João Bosco”. Cumpria-se a vontade dos Inconfidentes na ação de um presidente mineiro...

Ao fazer o discurso, quando da celebração da Primeira Missa na nova capital, no dia 03 de maio de 1957, Juscelino sentenciou a dimensão mística de Brasília : “Com a Primeira Missa, planta-se em Brasília uma semente espiritual. Que a cidade cresça sob o signo da esperança, da justiça e da fé”

Finalmente há a questão da data do descobrimento ser coincidente com a data da primeira missa de Brasília . Pensou-se, durante muito tempo, que o Brasil tivesse sido descoberto no dia 3 de maio por ser dia de *Santa Cruz*, um dos nomes dados ao Brasil. Naquele tempo, os portugueses costumavam dar aos acidentes geográficos, como baías, ilhas, o nome do santo do dia que era comemorado na ocasião do descobrimento. Entretanto, a carta de Caminha, encontrada no século XIX, corrigiu o engano.

Contudo , o 3 de maio perdurou nas ordens místicas justamente por conta da significação da cruz, a mesma que Lúcio Costa diz ter assinalado na planta de Brasília , a cruz sobre a qual falaremos a seguir.

Antes porém, é fundamental lembrar que nesta obra vimos nos fixando no número 5 e todo o simbolismo que ele possui. Por isso, não é demais ressaltar que Brasília foi inaugurada a 21 de abril de 1960, cuja somatória cabalística dos números dá 5!

Ademais, observemos o 21 de abril , cuja soma é 7, talvez um dos grandes números místicos universais, também está ao longo do tempo permeando nossa história. O Brasil foi aportado a 22 de abril, mas se sabia dele a 21 de abril como diz a carta de Caminha; Tiradentes foi executado a 21 de abril, Brasília inaugurada a 21 de abril. São coincidências muito grandes para serem meras coincidências. No fundo, são pistas da leitura esotérica que fazemos desta terra, a leitura da alma da história a qual vimos falando ao longo destas linhas.

Brasília, uma pomba no chão do Planalto Central

INCLUDEPICTURE "http://caycepollardcoletivo.files.wordpress.com/2009/09/brasilia-1.jpg" * MERGEFORMATINET

Brasília – desenho da cidade.

Juscelino viajava demais de avião, coisa incomum para a época , e imediatamente, os desavisados se prontificaram a ligar a forma de Brasília ao avião de JK. Uma leitura profana que ganhou eco no glamour da aviação, ou até mesmo nas músicas da época – nosso presidente era moderno ! Dinâmico! Arrojado! Adjetivos aos quais JK fazia jus, é bem verdade, mas a significação real é outra.

Brasília é o Cruzeiro do Sul espelhado no solo brasileiro. Esta constelação, durante séculos, foi o grande luzeiro através do qual os navegantes apontavam suas quilhas por mares nunca dantes navegados. Uma leitura mais atenta sobre que estados estão representados no Cruzeiro do Sul mostra que a leitura correta é essa a qual defendemos.

Para a comprovação disto, basta que olhemos o Cruzeiro no céu. As estrelas ali nomeadas são Rubídea na ponta superior da Estrela , que representa o estado da Bahia; Mimosa , na ponta esquerda de quem vê, e representa o estado de Minas Gerais; Pálida, na ponta direita de quem vê, representando o estado do Rio de Janeiro; e a ponta ao sul, a mais brilhante de todas, chamada de Estrela de Magalhães, representando o estado de São Paulo. Contudo, entre a Pálida e Magalhães, indo mais ao centro do Cruzeiro, temos uma estrela , um pouco menor, chamada de Intrometida.

Se olharmos no céu , o que veremos é o que segue :

INCLUDEPICTURE "http://www.asterdomus.
com.br/proeda/crux2.gif" *
MERGEFORMATINET

Curiosamente, o estado representado pela Intrometida é o estado do Espírito Santo !

Veja que força isto possui. Quando olhamos para o mapa de Brasília, se a cidade fosse um imenso espelho, a Intrometida está na posição quase que exata do Congresso Nacional. É muito importante para não ter significado nenhum. A estrela que se posiciona como o Congresso é o Espírito Santo, o mesmo que em páginas atrás deixamos claro : o primeiro milênio foi o do Pai, o segundo o do Filho e o terceiro será o do Espírito Santo. JK sabia que este seria o milênio da consagração nacional !

Mais ainda, esta cruz refletida no nosso solo, tem a forma de um grande pássaro e não de um avião. Para muitos, a cruz é a Íbis, o pássaro sagrado do antigo Egito, mas não para nós. Acreditamos que o pássaro seja a pomba , implícita, como dissemos no nome de Colombo (columba) . Justamente a pomba que pairou na cabeça do Cristo durante o seu batismo por João Batista no Jordão, e que todos nós entendemos como o Espírito Santo. Não é à toa que o congresso está assim posicionado e a Intrometida tenha exatamente o mesmo nome “Espírito Santo”.

Desta forma, deverá ser este mesmo Congresso o grande redentor de nosso país. Lá, onde nascem as leis, onde a justiça se faz, onde Niemayer colocou lado a lado a Câmara e o Senado, separados por duas imensas torres, no exemplo claro de uma balança, pois é lá que serão pesadas as leis e seus autores. O mesmo Niemayer, que , seja por intuição ou por conhecimento, ao fazer o monumento em homenagem a JK fez um imenso G, e todos nós sabemos o que isso significa na ordem maçônica.

É preciso saber ler o encoberto, “estar alfabetizado” para uma nova linguagem, a do misticismo, do esotérico, coisa que somente as sociedades iniciáticas estão aptas a fazer porque este saber advém de uma outra fonte que não a fonte da matéria, mas da alma, por intuição divina, nos dando pistas sobre as quais devemos refletir e entender assim os rumos de nosso caminho e com isso fazer cumprir o destino do nosso país.

Só que , entre os mesmos pares. Houve um tempo em que os maçons foram às ruas para o combate, porque a história assim o exigiu e como Tiradentes derramaram seu sangue no solo da Pátria. Contudo, os tempos de hoje são outros. O campo onde hoje devemos lutar é a política, e o palco dos acontecimentos são vários, isto é, são as Câmaras Municipais, as Assembléias Legislativas, o Congresso Nacional. Estão faltando mais legisladores maçons , mais presidentes maçons e esta luta é nossa, portanto, é preciso refletir sobre isso.

VII- A política como instrumento da filosofia maçônica.

“ Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política. Simplesmente serão governados por aqueles que gostam”.

Platão

Se o Cruzeiro do Sul era o luzeiro que guiava os argonautas iniciados dos descobrimentos, a cruz refletida no solo do Planalto Central é o ponto geográfico que deve guiar os nossos passos rumo ao amanhã.

A Maçonaria não nasceu para a apatia, sua história demonstra isso. Os maçons não foram iniciados para serem apenas filósofos, ou grandes pensadores. Vimos no início desta obra que toda religião é Teândrica – *Theos* em sua essência e *Andros* em seu objetivo. A Maçonaria não é uma religião , mas tem também a sua *teandricidade*, isto é , tem seus princípios fundamentados em *Theos* e *Andros* . Por isso, ela não pode ser apática, omissa frente às decisões políticas porque é a política que comanda a vida social.

Por mais que tentemos, não poderemos agir no meio social sem força política, a não ser que queiramos apenas criar instituições de benemerência e

sair com o chapéu na mão em busca de auxílio de profanos do meio governamental – porque eles decidem e nós não. Num país democrático, o palco das decisões a serem tomadas com vistas a se projetar o desenvolvimento social é a política. Todo eleito sabe que , para ter o direito de assento onde as decisões acontecem, é preciso uma coisa antes : vencer a eleição. Desta forma, todas as vezes que viramos as costas ao processo eleitoral, abrimos espaço para os inescrupulosos. Se a Maçonaria é uma “escola de vida” , temos que acreditar que os maçons são mais bem preparados para fazer valer os princípios éticos que todo homem público precisa ter.

Quando a política começou a ser exercida por aqueles que fizeram dela este lamaçal que vemos cotidianamente nos jornais, os homens de bem , aos poucos, foram deixando de lado a vontade de atuar politicamente. Este estado de coisas é o que desejam aqueles que não possuem nenhuma ética e nenhuma moral. Quanto mais nos afastamos, mais os espaços são ocupados por aqueles que não deveriam estar lá , regendo a nossa vida. Por isso, esta omissão é nociva.

Muito se tem falado que a Maçonaria não se envolve na política. Não é esta a interpretação correta. Nós não temos cor partidária , isto é, partido político. Não fazemos proselitismo de nenhuma sigla partidária. Lutamos, isto sim , por princípios justos, onde possa imperar a liberdade , a igualdade e a fraternidade.

O profano ao entrar na Maçonaria passa por um momento mágico: a Maçonaria também entra nele, não apenas como uma ordem esotérica, mas como uma doutrina de princípios que só pode desabrochar no meio político, porque viver na sociedade é atuar nela, do jeito que se é, do jeito que se aprendeu a ser, e o maçom aprende muita coisa.

Ocorre que nós estamos acostumados a debater os grandes temas dentro da Loja. São discursos e mais discursos, bons na sua maioria, corretos,

que ficam apenas no plano da retórica e quanto mais falamos dentro da Loja , mais as coisas acontecem do lado de fora, raramente com a nossa participação.

Contudo, a história da Maçonaria mostra que nunca nos omitimos nas relevantes questões nacionais. Por isso, desde a Inconfidência Mineira estivemos a par e passo com as grandes causas, no sentido de fazer nossa Pátria caminhar na direção correta . Só que isso foi a política que fizemos no ontem. Hoje as preocupantes questões nacionais são outras : a violência, a miséria, a educação, a saúde, o desenvolvimento , a democratização de possibilidades de modo a distribuir com justiça o bem comum, entre outras .

O palco destas ações ainda é a política, por isso o maçom precisa entrar em cena. Fugir é um ato de covardia que não condiz com nossa história. Mais ainda, afirmar que não nos misturamos com a política é esquecer o lado *andros* de nossa obrigação, em outras palavras, é esquecer parte da nossa finalidade . Um maçom sem participação política é meio maçom, e metade de nós não somos nós mesmos. A Maçonaria sempre foi , de forma transparente e autêntica, uma ordem iniciática que participou por inteiro em todos os momentos em que foi chamada a atuar, e por conta disto, muitas vidas foram ceifadas. Tiradentes não se desculpou frente à opressão da coroa portuguesa, nem D. Pedro se esquivou da sua obrigação em nome de “estar respeitando seu pai”. Ao contrário, lutou contra sua própria Pátria e contra sua família para fazer desta terra um novo país. Esta não foi uma luta política ? E Deodoro da Fonseca, e Tancredo, Ulisses, o que fizeram ? Ficaram no plano da retórica das Lojas ou foram empreender a verdadeira luta por uma sociedade melhor ?

Dentre os conceitos de Política, o que mais nos parece correto é o proposto por Gèrard Lebrun: “Política é uma atividade social que se propõe a garantir pela força, fundada geralmente no direito, a segurança externa e a concórdia interna de uma unidade política particular”

- 1)
- 2)

A caracterização do conceito deixa claras algumas questões fundamentais , a saber: primeiro, a força, a qual alude o conceito, não é a luta armada, mas o voto dentro da democracia moderna; contudo poderia até ser mesmo a luta, como foi no passado com tantos exemplos que temos na história onde a Maçonaria precisou sair às ruas e empunhar as armas. Os demais termos :

- a) *Concórdia Interna* – busca da harmonia dentro da organização de modo a que a política fosse a expressão da vontade interna das partes que compõe o todo;
- b) *Segurança Externa* – sentido de proteção contra os avanços externos que possam abalar a unidade da organização ;
- c) *Unidade política* – qualquer organismo independente , com identidade e objetivos próprios é uma unidade política, no caso a Maçonaria

Para atender a isso, a Maçonaria deve desenvolver ações que visem a proteger o organismo – a nossa instituição , promovendo a unidade de ideais, isto é , realizar ações capazes de garantir a liberdade de ser / ter da nossa ordem com vistas a lhe proporcionar mais força e segurança, de modo a enfrentar o momento atual, dentro de uma conduta que não se esqueça das origens, finalidade e características de nossa instituição. Por isso, nossa luta é, primeiramente, ideológica.

Contudo, “Todo exercício de poder exige autoridade de quem manda e cumplicidade de quem é mandado.” (*José Nivaldo Júnior*). Daí ser imperativo saber diferenciar Autoridade de Autoritarismo. Enquanto a primeira se fundamenta na aceitação e reconhecimento da competência do líder, o segundo é fruto da imposição, do fascismo e tende a não ser sustentado a não ser sob opressão. Por isso, o debate em Loja para a aceitação de uma filosofia capaz de nos conduzir na direção correta é sempre indicada, afinal, a

Maçonaria prima pelo consenso e somente este pode fazer prevalecer a autoridade e nos livrar do autoritarismo. A Maçonaria é expressão de seus obreiros e não dos Veneráveis, ou do Grão-Mestrado.

Com este espírito, podemos admitir que a política é o meio da ação legítimo para a mudança social e nunca um fim em si mesma. Busca-se o poder político para se dar mais força e garantias ao povo, através dos princípios que regem nossa ordem e nos quais acreditamos. Por esta razão, como toda e qualquer organização, ela também precisa de representantes no congresso.

Muito se tem falado sobre *Lobby*, como se isso fosse um pecado mortal. O termo significa “saguão”, um local onde os jornalistas ingleses ficavam, e ainda ficam aguardando o final das sessões na Câmara dos Lordes

e/ou dos Comuns para entrevistas. Gradativamente, este espaço também passou a ser disputado por artesãos, lavradores, armeiros, profissionais liberais, além de pessoas dos mais diferentes rincões da Inglaterra que iam até o *lobby* da Câmara na busca de explicar aos parlamentares suas necessidades e fazer votar leis que defendessem seus interesses. Com o tempo, então, *fazer lobby* passou a designar ações de esclarecimento junto a parlamentares com vistas a defender interesses de classe ou de regiões de um país ou estado.

Nos EUA, o sentido foi o mesmo: as associações de classes esperavam no *lobby* os representantes do legislativo para reivindicar seus direitos. Lá existem, inclusive, escritórios de lobistas para divulgar idéias, fazer aprovar dispositivos legais. A profissão é regulamentada e nada existe que a desabone.

Infelizmente , no Brasil, o tal “jeitinho brasileiro” desvirtuou o sentido original do termo. Contudo, existe o ” *lobby* sadio” , aquele cuja finalidade se prende às origens do termo. Através dele é que se pode orientar os parlamentares, elucidar dúvidas de modo a que a legislação não seja injusta e estabeleça o direito a quem realmente o mereça. Para este fim , é preciso que cada categoria, cada associação, cada profissão tenha seus representantes no congresso e este é o sentido maior da política , pois somente assim poderemos impor nossas idéias.

Em 2009, no dia do Maçom , a Assembléia Legislativa de São Paulo fez uma sessão especial e os Grãos Mestres do Grande Oriente Paulista, do Grande Oriente de São Paulo e da Grande Loja Maçônica de São Paulo foram convidados a comparecer. No seu discurso de saudação à Maçonaria, lembrando os feitos notáveis desta ordem , o Deputado Baleia Rossi, ao cobrar um posicionamento mais firme da Maçonaria nas grandes questões nacionais , citou que dos 94 deputados, 25 eram maçons, isto é, 26,5% dos senhores deputados . Mais ainda, quantos somos na Câmara em Brasília ? E no Senado ? E somando-se todas as Câmaras Municipais, prefeituras, enfim, quantos de nós estão do meio político sem uma organização, um fio condutor, capaz de promover ações orquestradas com vistas a buscar o bem comum, ou a propagação de nossos ideais, ou ainda mais, transformar nossa sabedoria em ações sociais produtivas que ajudem a mudar a sociedade para melhor. Esta seria a mais completa das ações justas e perfeitas que precisaríamos fazer para cumprir a profecia de que este é um país ao qual está reservado um grande futuro.

VIII- Conclusão inconclusa

E daí, o que concluímos com todas estas páginas ? Um percurso de muitos anos de história que deságua na necessidade presente do maçom político. A conclusão é a obra a fazer, inconclusa, portanto.

Pelas páginas anteriores navegamos em tempos históricos, mostrando que por detrás do corpo da história há a sua alma. Ela não é vista por aqueles que não têm olhos para vê-la. Mas não para o iniciado, este sim , capaz de ver, ler e sentir esta presença viva da alma histórica, que nada mais é do que a própria vontade divina conduzindo pessoas e nações.

O Brasil vem sendo forjado há tempos. As mãos do criador são poderosas e este geômetra, como Grande Arquiteto que é, vem edificando esta morada brasileira e no tempo certo do Itinerário de IO, será cumprida a sua parte na evolução da espécie humana.

Não foi sem razão que o Brasil foi “oficialmente descoberto”, nascido , portanto, a 22 de abril, sob o signo de Touro. Fernando Pessoa fez, certa feita, o horóscopo de Portugal, se formos fazer o horóscopo do Brasil vamos ver que Touro é um dos signos da terra. A terra é firme, o porto, seguro. A terra é a forma, o palpável, a matéria. É o elemento que possibilita a realização das idéias e a concretização dos sonhos. Os signos astrológicos que pertencem ao elemento Terra são realistas, conservadores e pragmáticos. Valorizam o conforto material, a praticidade e a responsabilidade antes de mais nada. São perseverantes e obtêm sucesso com mais facilidade em ambientes que exigem disciplina e dedicação. Sensoriais, aprendem experimentando. Os signos

zodiacais da terra são bons provedores e conscienciosos com aqueles a quem amam. Sensuais e fiéis, valorizam a estabilidade.

Mais ainda : a terra é o futuro. Num mundo desprovido de água, solo, alimento, o Brasil desponta como um manancial de possibilidades de desenvolvimento. Alguns místicos , como Humberto de Campos , anteviram que o Brasil será o celeiro do mundo. Mas isto precisa ser entendido desde já para que se prepare a terra, are o solo, lance a semente e regue-se o plantio com o suor do trabalho íntegro, porque daí sim , a colheita será farta.

Os que têm olhos para ver, ouvidos para ouvir, devem assumir o comando disto em nome de um melhor amanhã para todos. Os iniciados sabem disso, portanto a responsabilidade de todos nós é maior do que a dos profanos comuns, cegos e surdos para entender a alma da história, para perceber as mensagens além dos fatos frios e insensíveis do dia-a-dia.

O signo de Touro, símbolo da terra, símbolo da riqueza de expressão. de onde podemos extrair as coisas simples, alegres e profundamente prazerosas é o mesmo da terra, está ligado ao Itinerário de IO, e assim oferece além da abundância, o conhecimento de Prometeu, e isto nos dá segurança para o porvir. Somos da terra, símbolo da matéria, da natureza, da força, do realismo e do bom senso.

É necessário, para concluir esta obra, que iniciemos uma nova ação. Semelhante àquela do descobrimento, e com os olhos voltados para o Cruzeiro do Sul, não mais no céu, mas impresso na terra, refletido nela, lá no Planalto Central, unamos maçons de todos os cantos da Pátria , para juntos fazemos prevalecer os princípios que norteiam a nossa Ordem, cujo final é o aprimoramento do ser humano, através de nossa filosofia, com paz no coração e muita inteligência, de forma a garantir que a escrita divina seja cumprida, e alcancemos a missão profetizada por tantos de tornar esta a verdadeira terra

do terceiro milênio, onde o Espírito Santo prevalecerá, e como disse Dom Bosco, haverá fartura para todos.

IX - Bibliografia

Autores e livros consultados

- Adirson Vasconcelos – História da Maçonaria em Brasília;
- Alfredo Pimenta – O Descobrimento do Brasil;
- António Sérgio – Breve Interpretação da História de Portugal;
- António Telmo – História Secreta de Portugal;
- Assis Cintra – Serões Históricas;
- C.W. Leadbeater - O Lado Oculto das Coisas;
- Carlos Vogt e José A. G. Lemos - Cronistas e Viajantes;
- Carta de Pêro Vaz de Caminha
- Julio José Chiavenato – Colombo , fato e mito;
- Cidade Maçônica – site;
- Deis Siqueira - História Social do Turismo;
- Dom Bosco – Os Sonhos de Dom Bosco;
- Édouard Schuré – Os Grandes Iniciados;
- Eduardo Amarante – Portugal e os seus Lugares Mágicos;

- Fernando Pessoa – Obras Completas;
- Francisco Adolpho de Varnhagen – História Geral do Brasil;
- F. Terseur e Eduardo Amarante – Templários , Aspectos Secretos da Ordem;
- Gavin Menzies – 1421: The Year China Discovered the World;
- Gustavo Barroso – História Secreta do Brasil;
- Hilário Franco Júnior – A Eva Barbada , Utopias Medievais;
- Idel Becker - História da Civilização Ocidental;
- Jan Van Helsing – As Sociedades Secretas e seu Poder no século XX;
- Julius Evola – A tradição Hermética , O Mistério do Graal;
- Juscelino Kubitschek – Por que construí Brasília;
- Luís de Camões – Os Lusíadas;
- Luiz C. Lisboa e Roberto P. Andrade – Grandes Enigmas da Humanidade;
- Marco Pólo – as Viagens de Marco Pólo;
- Michael Baigent, Richard Leigh, Henry Lincoln – O Santo Graal e a Linhagem Sagrada, A Herança Messiânica;
- Nachman Falbel – Heresias Medievais;
- O.T.M de Souza – O Descobrimento do Brasil;
- Os Tês Iniciados – O Caibalion;
- P. Guirao – O Enigma dos Mapas de Piri Reis;
- Patrick Rivière – Os caminhos do Graal;
- Pe. Antonio Vieira – História do Futuro;
- Pietro Ubaldi – Profecias;
- R. Swinburne Clymer – Antiga Maçonaria Mística Oriental;
- Rainer Daehnhardt – A Missão Templária nos Descobrimientos;

- René Guénon – O Rei do Mundo , A Crise do Mundo Moderno;
- Revista Planeta;
- Revista Superinteressante;
- Tenório D’Albuquerque – A Maçonaria e a Grandeza do Brasil;
- Vitorino Nemésio – Vida e Obra do Infante D. Henrique;
- Yuri Sanada e Vera Sanada – Histórias e Lendas do Descobrimento;